

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**  
**Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade**

**MEMÓRIAS DE UMA MULHER DA ELITE: A CORRESPONDÊNCIA  
DE CELSINA TEIXEIRA, CAETITÉ - BA, 1916-1926**

**Adriana Moreira Pimentel**

Vitória da Conquista  
Janeiro – 2014

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**  
**Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade**

**MEMÓRIAS DE UMA MULHER DA ELITE: A CORRESPONDÊNCIA  
DE CELSINA TEIXEIRA, CAETITÉ - BA, 1916-1926**

**Adriana Moreira Pimentel**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Discursos e Narrativas.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Maria Radl-Philipp  
Co-orientadora: Profa. Dra. Tânia Rocha Andrade  
Cunha

Vitória da Conquista  
Janeiro – 2014

P698m Pimentel, Adriana Oliveira.  
 Memória de uma mulher da elite: a correspondência de Celsina Teixeira Caetité-BA, 1916-1926/Adriana Moreira Pimentel; orientadora Rita Maria Radl-Philipp; coorientadora Tânia Rocha Andrade Cunha - Vitória da Conquista, 2013  
 103 f.

Dissertação (mestrado - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade  
 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013.

1. Mulheres e Gênero. 2. Memória Social. 3. Caetité-BA. 4. Movimento Feminista. 5. Aspectos Sociais. I. Radl-Philipp, Rita Maria. II Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.

Título em inglês: Memories of an elitist woman: the correspondence of Celsina Teixeira, Caetité - BA, 1916-1926.

Palavras-chave em inglês: Feminist movement - Gender - Social memory - Elite Women - Celsina Teixeira - Family -Business - Education - Marriage - Religion - Charity.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

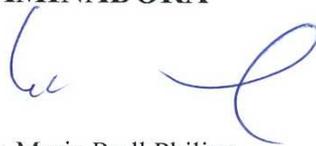
Banca Examinadora: Profa. Dr<sup>a</sup> Rita Maria Radl Philipp (titular), Profa. Dr<sup>a</sup> Tânia Rocha Andrade Cunha(titular), Profa. Dr<sup>a</sup> Ana Elizabeth Santos Alves (titular); Profa. Dr<sup>a</sup> Ângela Viana Machado Fernandes (titular).

Data da Defesa: 09 de Dezembro de 2013.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**BANCA EXAMINADORA**



Professora Dr<sup>a</sup> Rita Maria Radl Philipp

---

Orientador (a) (UESB - USC/ES)



Professora Dr<sup>a</sup> Tânia Rocha Andrade Cunha

---

Co-orientador (a) (UESB)



Professora Dr<sup>a</sup> Ana Elizabeth Santos Alves

---

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)



Professora Dr<sup>a</sup> Ângela Viana Machado Fernandes

---

Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP)

Local e Data: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 09 de Dezembro de 2013.

Resultado:   Aprovada

*Em especial, à minha mãe Palmira Moreira Pimentel que me ensinou grandes lições. Admiro-a pelo exemplo de mulher, mãe e trabalhadora. Obrigada por investir em nossa educação!*

*E a Laércio, meu futuro esposo, pelo apoio, pela compreensão e pelo carinho que suavizaram a saudade cultivada à distância.*

## AGRADECIMENTOS

Após algumas tentativas e muitos desafios, finalmente vemos se realizando o meu grande desejo de fazer um curso de Mestrado. É o momento de agradecer a muitas pessoas que contribuíram para alcançar essa importante etapa de qualificação pessoal e profissional na vida de uma jovem pesquisadora. A gratidão é um gesto tão simples, e ao mesmo tempo, sublime que alegra meu coração, por saber que tenho ao meu lado pessoas queridas para partilhar esse momento especial e tantos outros da minha história!

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que possibilitaram a minha formação em mestre.

Aos estimados professores pelos sábios ensinamentos, em especial, à minha orientadora Dr<sup>a</sup> Rita Radl Philipp que leu várias vezes este texto e sugeriu as modificações necessárias. Obrigada pelas fundamentações teórico-epistemológicas no campo dos estudos das mulheres e de gênero, oferecidas no Seminário Feminismo e Gênero em novembro de 2012, nos encontros de orientação e ainda, pela acolhida na Universidade de Santiago de Compostela - USC - na Espanha após Exame de Qualificação. Agradeço também à secretária Susana.

As professoras Dr<sup>a</sup> Tânia Rocha e Dr<sup>a</sup> Ana Elizabeth, pelas valiosas contribuições sugeridas no Exame de Qualificação e pelo empréstimo de vários livros importantes para aprofundar as discussões. As conversas que tivemos foram imprescindíveis para o esclarecimento de dúvidas que surgiram ao longo da pesquisa e para o amadurecimento das ideias discutidas no texto. À Tânia, em especial, agradeço pelas boas sugestões como co-orientadora, pelo Tirocínio Docente, pela amizade cultivada fora do ambiente universitário, pela presença nos eventos (Colóquio do Museu Pedagógico e Fazendo Gênero) e atualmente, pela convivência no grupo de estudo Gênero e Violência. A participação no grupo trouxe novas experiências à minha formação que contribuíram para meu amadurecimento intelectual.

Agradeço a Deus pela saúde e pela vida, a minha família tão querida Joaquim (papai), Palmira (mainha), meus irmãos André (Dé), Amanda (Manda) e minha sobrinha Hanna pelo apoio e pelo carinho, aos demais familiares pelo incentivo e a todos os (as) amigos (as) que torceram por mim e de alguma forma colaboraram na realização desse sonho.

Meus sinceros agradecimentos a todos os (as) amigos (as) que me incentivaram nesta caminhada, em especial, Yara e Zilda (pela confiança), Rosânia (pelo precioso auxílio na elaboração dos trâmites legais para pedir meu afastamento das atividades docentes), a diretora Ângela Aguiar, Anne, Cleide, Val, Luciana, Lucimar, M<sup>a</sup> Lima, Ângela Fausto, Luísa e todos os demais colegas de trabalho do Colégio da Cooperativa Educacional de Caetité - COOPEC.

À tia Bia e Ana (pela gentileza em ceder o apto em Conquista), D. Dalva (minha sogra tão carinhosa e prestativa), Fabiana (pela convivência em Caetité e pelas caronas para Vitória da Conquista via UNEB), Téo, Renatinha, Rafael, Paulo Marcos e Jumara. Aos amigos da Pastoral Vocacional e do Curso de Teologia Pastoral para Leigos (em especial, à Val Jardim). Agradeço Ailton, Kelly, Maria, Cleidivan e demais colegas de trabalho da Casa Anísio Teixeira, a Trupe dos Dobradores de Arte e com carinho, a Rosemária Joazeiro (pelo apoio junto à Secretaria Municipal de Educação).

O trabalho com as cartas de Celsina Teixeira se iniciou há oito anos, durante a Graduação em História na UNEB, a partir de uma monitoria no Arquivo Público Municipal de Caetité que envolveu a catalogação do acervo da família Spínola Teixeira, realizado em parceria com os monitores e sob a supervisão do historiador, professor Marcos Profeta Ribeiro. Agradeço-lhe pelo auxílio na construção do primeiro anteprojeto de pesquisa, pela orientação e pela amizade. Sempre me sugeriu boas ideias e me estimulou a levar adiante a pesquisa, principalmente, nos momentos de desânimo e de incertezas...

A experiência de dois anos na monitoria do Arquivo foi extremamente enriquecedora, não só pelo aprendizado, mas também pela amizade que se desenvolveu naquele espaço com os monitores da universidade e abrindo possibilidades iniciais de pesquisa. Agradeço, em nome de Rosália Junqueira, a todos os funcionários do Arquivo Público Municipal de Caetité pela atenção e pelo bom atendimento, e, além disso, por permitir o acesso e a digitalização da documentação utilizada na pesquisa, facilitando bastante o trabalho de análise (à domicílio).

A professora Dr<sup>a</sup> Isnara Pereira Ivo que durante o curso de Especialização em História: Política, Cultura e Sociedade da UESB orientou o meu projeto e me incentivou a participar da seleção do Programa de Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade. Obrigada pela amizade, pelas sugestões de leitura e por acreditar numa proposta ainda “embrionária”.

Aos colegas pela troca de experiências, ao longo das aulas e da boa convivência. Lembro-me com carinho de alguns colegas especiais do Doutorado: Shirlene e Nereida Mafra, Alex, Dayse, Renailda, Halysson e do Mestrado: Ciro, Daniela, Dárley, Edna, Kayse, Ivana e Luciana. Obrigada por alegrarem meus dias em Vitória da Conquista!

A viagem à Espanha foi maravilhosa. Agradeço a minha irmã querida pela companhia e pela organização nos bastidores. Sem a dedicação dela, seria muito difícil viajar naquele momento. E à nossa amiga Ana Maria pelo prazer da companhia tão agradável. Juntas conhecemos lugares lindos (Madrid, Toledo, Santiago de Compostela, El Escorial, Barcelona) e nos divertimos muito pelas avenidas, conhecendo as belezas naturais do verão europeu. Em Santiago, além da Universidade (USC), a professora Rita me apresentou o CIFEX - *Centro Interdisciplinario de Investigacións Feministas e de Estudos do Xénero* - Centro de referência internacional nesta linha de pesquisa que coordena e organiza um Mestrado e Doutorado sobre Educação, Gênero e Igualdade.

Susana me apresentou a Biblioteca Geral da USC e providenciou um cartão de acesso como visitante. Na Biblioteca, consultei vários artigos em revistas feministas especializadas (*Asparkía, Investigación Feminista, Isegoría, Duoda* entre outras). Além disso, por orientação da prof<sup>a</sup> Rita, fiz pesquisa bibliográfica sobre metodologia qualitativa e histórias de vidas de mulheres para dar continuidade à pesquisa, sobretudo no que tange à análise da documentação no capítulo três. Agradeço também às funcionárias do Museu Pedagógico da UESB por permitir o empréstimo dos livros sugeridos pela professora Rita.

Por fim, estendo meus agradecimentos aos meus amigos do *Brainy Idiomas*, o professor de Inglês Instrumental, Dimas Luz e o professor de Espanhol Básico, Carlos Alcântara. Pela revisão do texto, dois agradecimentos especiais as professoras de Língua Portuguesa, Ana Duarte de Caetité, e à professora de Brumado que se formou na Escola Normal de Caetité e leu com carinho a história de Celsina Teixeira. E ao meu amigo, prof. Zé Alves, pela organização do texto nas normas da ABNT. Obrigada!

## **RESUMO**

Esta dissertação discute as Memórias de uma mulher da elite destacando a trajetória de Celsina Teixeira em Caetité - BA, a partir da análise de sua correspondência pessoal entre os anos de 1916 a 1926 sob uma perspectiva epistemológica das mulheres e do gênero. Para reconstruir a história de vida de Celsina priorizamos alguns temas como a família (da elite), a educação, o casamento, a religião e a sua participação na Associação de Senhoras de Caridade como categorias centrais na formação do gênero feminino e na definição de papéis destinados aos homens e às mulheres na sociedade. A documentação está organizada e disponível para pesquisa no Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira do Arquivo Público Municipal de Caetité - APMC. A história de Celsina aparece de forma bastante fragmentada nas cartas, somente após várias leituras e um trabalho intenso de análise das fontes, foi possível reconstruir sua trajetória. Além disso, cabe salientar que boa parte da pesquisa se concretizou, graças aos trabalhos de historiografia local que também utilizaram da documentação citada. A leitura de algumas das cartas deste acervo aguçou-nos a curiosidade de pesquisar a trajetória dessas mulheres da elite a fim de conhecer esse mundo tão fascinante, mas ainda tão pouco explorado por nossa historiografia regional.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Movimento feminista. Gênero. Memória social. Mulheres da elite. Celsina Teixeira.

## **ABSTRACT**

This dissertation discusses the memories of an elitist woman, highlighting the trajectory of Celsina Teixeira in Caetité - BA, starting from the analysis of her personal correspondence between the years from 1916 to 1926, under an epistemological perspective of the women and their gender. To reconstruct Celsina's life story, we prioritized certain issues like family (of the elite), education, marriage, religion and her participation in the Association of Charity Women as central categories in the formation of the female gender and on the definition of roles destined to men and women in society. The documentation is organized and available for research in the town's public memories collection named 'Deocleciano Pires Teixeira Private Family Collection' in Caetité, Brasil – (APMC). The story of Celsina appears in a rather fragmented way in the letters, just after several readings and an intense analysis of the sources, it was possible to reconstruct her journey. Furthermore, we can say that much of the research was achieved thanks to the work of the local historiography which also used the aforementioned documentation. The reading of some of the letters from this collection sharpened the curiosity to search the trajectory of these elitist women, in order to know this so fascinating world, but yet so little explored by our regional historiography.

## **KEYWORDS**

Feminist movement. Gender. Social memory. Elite Women. Celsina Teixeira.

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 01:</b> Foto da família Spínola Teixeira.....	54
<b>IMAGEM 02:</b> Foto de Celsina Teixeira.....	62
<b>IMAGEM 03:</b> Foto de Celsina, Juca e Edivaldo.....	63
<b>IMAGEM 04:</b> Foto do casal: Celsina e Juca.....	87

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS DOS ESTUDOS DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO.....</b>	<b>18</b>
2.1 - A ORIGEM DO CONCEITO SEXO/GÊNERO E OS ESTUDOS DAS MULHERES.....	18
2.2 - OS ESTUDOS DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO INTERNACIONAL.....	20
2.3 - OS ESTUDOS DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE .....	23
2.3.1 - Contribuições da categoria gênero nos estudos das mulheres.....	24
2.3.2 - Os estudos das mulheres e das relações de gênero na história e na historiografia brasileira.....	25
2.4 - A CONCEITUALIZAÇÃO E A DEFINIÇÃO DE GÊNERO E OS ESTUDOS DAS MULHERES NA FAMÍLIA BRASILEIRA.....	28
2.4.1 - A conceitualização e a definição dos papéis de gênero feminino e masculino na família.....	28
2.4.2 - As pesquisas sobre família no Brasil .....	30
2.4.3 - As mulheres na família tradicional.....	32
2.4.4 - As mulheres na família nuclear moderna.....	36
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>40</b>
3.1 - A MEMÓRIA SOCIAL E A PESQUISA QUALITATIVA.....	42
3.2 - ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE AS MULHERES NO BRASIL.....	45
3.3 - HIPÓTESES CENTRAIS PARA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE CELSINA TEIXEIRA.....	46
<b>4 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE CELSINA TEIXEIRA NA CIDADE DE CAETITÉ NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 1916 A 1926 NA CORRESPONDÊNCIA.....</b>	<b>49</b>
4.1 - A CIDADE DE CAETITÉ NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	49
4.2 - A TRAJETÓRIA DE CELSINA TEIXEIRA NA CORRESPONDÊNCIA.....	53
4.2.1 - Celsina e a família Spínola Teixeira.....	54
4.2.2 - Educação e formação intelectual da mulher da elite .....	60
4.2.3 - O casamento de uma mulher da elite em Caetité .....	64
4.2.4 - A formação religiosa das mulheres e a relação com a igreja .....	77
4.2.5 - Atividades de uma mulher da elite: a fundação da Associação de Senhoras de Caridade.....	88
<b>5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA E DA HIPÓTESE CENTRAL DE TRABALHO.....</b>	<b>92</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho situa-se no contexto epistemológico dos estudos das mulheres e das relações de gênero propondo, em nosso caso, uma reconstrução das memórias de uma mulher da elite a partir da análise de suas cartas pessoais. Celsina Spínola Teixeira, filha do médico e fazendeiro Deocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira, nasceu na cidade de Caetité-BA<sup>1</sup>, no dia 10 de Outubro de 1887 e faleceu na mesma localidade no ano de 1979. Em 1909, casou-se com o farmacêutico, proprietário de terras e de gado, José Antônio Gomes Ladeia, neto e herdeiro do barão de Caetité Antônio Gomes Neto. Deste casamento, realizado sob regime de comunhão de bens, nasceu um único filho, Edivaldo Teixeira Ladeia em 1910.

As famílias da elite pertenciam aos setores mais abastados da cidade. Herdeiras de grandes propriedades, “largas extensões de terra, gado e escravos em fazendas localizadas à margem do rio São Francisco” que pertenciam às famílias Spínola e Teixeira. A trajetória dessa mulher da elite será analisada por meio de sua correspondência pessoal, entre os anos de 1916, quando seu esposo adoece, e ela assume sozinha a administração dos negócios da família e 1926, data em que o mesmo falece após anos de “martírio”. A documentação está organizada e disponível para pesquisa no Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira doada ao Arquivo Público Municipal de Caetité - APMC.

A criação do Arquivo Público Municipal em Caetité<sup>2</sup> remonta ao ano de 1995 por iniciativa de professores da UNEB, que apresentaram à Gerência de Arquivos Municipais do Arquivo Público da Bahia - APB, em Março de 1996, um projeto de criação de um arquivo público para a cidade. Em 1996, foi convocada uma reunião na Câmara de Vereadores com a finalidade de discutir os termos de um convênio de parceria envolvendo as três instâncias: Prefeitura Municipal, o APB e a UNEB.

Naquela reunião foram estabelecidos os primeiros encaminhamentos relativos à formalização do convênio, implantação do Arquivo e sua incorporação ao Sistema Estadual de Arquivos, possibilitando a Caetité tornar-se um dos vinte primeiros municípios baianos a adotar política pública de guarda e preservação de acervos. Atualmente, o APMC vem

---

<sup>1</sup> Em 1724, Caetité pertencia à Vila de Rio de Contas, emancipada de Jacobina; em 1754 o arraial foi elevado à Freguesia. Entre o final do século XVIII e início do XIX ou mais precisamente dia 5 de abril de 1810 e foi elevada a cidade em 1867. De seu extenso território desmembraram 47 municípios.

<sup>2</sup> Maiores informações sobre acervo, serviços, exposições virtuais e evento acessar <http://www.arquivocaetite.ba.gov.br>. Acesso em 09/10/2013.

cumprindo o importante papel de dinamizar e possibilitar pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento.

Na esteira dos trabalhos produzidos a partir do acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), a recente organização dos acervos da família do coronel Deocleciano Pires Teixeira (pai de Celsina Teixeira) trouxe amplas possibilidades de pesquisa. O trabalho com estes acervos vem possibilitando, para o pesquisador e o público em geral, o contato com fragmentos das experiências vividas pelos sujeitos presentes nos documentos (homens e mulheres), que retornam à cena. (RIBEIRO, 2012, p.112).

Os primeiros contatos com a documentação aconteceram entre os anos de 2005 e 2006, durante a graduação em História como monitora no Projeto de Extensão da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus VI de Caetité. Durante a monitoria, tivemos acesso à documentação e catalogamos um riquíssimo acervo da Casa do Barão e da Casa Anísio Teixeira (local da residência paterna) dos séculos XVIII-XIX. Trabalhando com esses documentos, percebemos uma grande quantidade de cartas escritas por mulheres dessa família, dentre elas Celsina Teixeira. A conservação das cartas significa a importância atribuída aos vínculos sociais, afetivos e familiares.

A história de Celsina aparece de forma bastante fragmentada nas cartas, somente após várias leituras e um trabalho intenso de análise das fontes, foi possível reconstruir parte de sua longa trajetória (1887-1979). Além disso, cabe salientar que boa parte da pesquisa se realizou, graças aos trabalhos de historiografia local que também utilizaram da documentação deste rico acervo composto por um montante de mais de cinco mil correspondências pessoais<sup>3</sup>, diversas fotografias, cartões postais, telegramas, jornais, livros contábeis, dentre outros documentos.

Dentre esses trabalhos, cabe mencionar ao menos três que dialogam com este. O livro *Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia* (1901 a 1927), resultado da pesquisa de Mestrado (2009) de Marcos Profeta Ribeiro publicado em 2012. A dissertação de Mestrado, *Agora um pouco da política sertaneja: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia* (Caetité, 1885-1924) de Lielva Aguiar defendida em 2011. E ainda, a dissertação de M<sup>a</sup> Lúcia Nogueira, *A Norma dos “Bons Costumes” e as Resistências Femininas nas Obras de João Gumes* (Alto Sertão Baiano, 1897-1930), defendida em 2010. Estes trabalhos foram de grande contribuição metodológica

---

<sup>3</sup> O montante de correspondências está dividido da seguinte forma: Deocleciano Pires Teixeira: 2825 cartas; Rogociano Pires Teixeira 1745 cartas; Celsina Teixeira Ladeia: 1443 cartas; Filhos de Deocleciano: 209 cartas; Anna Spínola Teixeira: 195 cartas; Mulheres Diversas: 127 cartas, dentre outras – aproximadamente 500 cartas – não identificadas e de outros familiares. Citado por Aguiar, 2011: 25 em nota de rodapé.

para a presente pesquisa, pois possui pontos em comum com nossa análise de enfoque teórico-feminista, e revela as várias possibilidades de leitura de uma mesma fonte histórica.

Segundo Catelli (1997, pp.4-5) os arquivos privados permitem também reconstruir a diversidade das experiências no interior das famílias de elite, tratadas em geral como um grupo social linear e uniforme. Por detrás da designação “elite”, podemos encontrar histórias familiares diversas. Por meio das cartas pode-se recuperar uma pluralidade de personagens, como as mulheres, e construir outras interpretações a partir da experiência feminina.

Por isso, analisamos a importância da carta como “uma forma de sociabilidade e de expressão feminina” (PERROT, 2007, p.29). As cartas revelam indícios de uma participação ativa de Celsina (mesmo antes da doença do marido em 1916) atuando nos negócios da família e na vida local, seja na esfera pública ou privada. Os papéis desempenhados por essa mulher da elite se sobressaem neste trabalho porque mesmo educada sob moldes “tradicionais”, conseguiu inserir “novos” papéis ao gênero feminino que deram a ela um destaque na família e na sociedade caetiteense.

A leitura de algumas das cartas do acervo da família Teixeira, aguçou-nos a curiosidade de pesquisar a trajetória dessas mulheres da elite a fim de conhecer esse mundo tão fascinante, mas ainda tão pouco explorado por nossa historiografia regional como afirma Leite (1997, p.15-16). O estudo das mulheres pertencentes aos grupos de elite em um contexto específico ainda se constitui em novidade na nossa historiografia por várias razões. Dentre elas a autora destaca o lento processo de “resgate da mulher, enquanto sujeito histórico” ao lado da “renovação dos estudos históricos”, que somente nas últimas décadas do século XX, ampliou o campo de análise da História no contexto de “reavaliação de certos paradigmas no quadro epistemológico das ciências humanas”.

O texto foi elaborado a partir do diálogo teórico-epistemológico, (fundamentado no campo específico de estudo das mulheres e de gênero) com as fontes documentais (cartas pessoais) permeado por discussões sobre a construção histórica e social dos papéis desempenhados por homens e por mulheres numa família ainda marcada por características “patriarcais”. Por isso, trata-se de um trabalho pensado em “contínua aproximação do real, o que implica que pode ser revisto, acrescido e até substituído por novos conhecimentos” (FÁVERO, 2000, p.101) para responder aos novos desafios da produção do conhecimento histórico sobre as mulheres.

O trabalho com as fontes documentais deve constituir para o pesquisador um diálogo, permeado por questões, dúvidas e cujo resultado pretendido nem

sempre resulta de análises bem arrematadas. Embora tenha como preocupação tentar responder as necessidades e conhecer os fatos para aprender uma realidade histórica, esse conhecimento não pode ser entendido como um dado definitivo e acabado. (FÁVERO, 2000, p.101).

Neste sentido, entendemos que o documento histórico é o nosso “passaporte” para se visitar o passado. Aróstegui (2006, p.521) afirma que a “leitura” de um documento, ao contrário do que possa parecer, não é coisa fácil. Um pesquisador não pode simplesmente ler um documento para captar seu sentido superficial, mas sua leitura deve ser orientada, e de fato o está para a busca de coisas concretas. Para analisar a correspondência pessoal de Celsina Teixeira preferimos manter a grafia original para não correr o risco de má interpretação ou mesmo de alteração do sentido original do texto. A análise privilegia o enfoque qualitativo, a fim de reunir fatos/informações importantes de sua vida e compreender a importância da inserção das mulheres da elite nos diversos lugares: na família, na igreja, na educação e na sociedade.

Técnicas qualitativas seriam aquelas que *não aspiram a medir* na construção dos dados. Sua aspiração é, portanto, a de classificar, tipologizar, reunir os dados em função de sua qualidade, de suas características - o que necessariamente exige primeiro do pesquisador uma tarefa de conceitualização -, classificando fenômenos de acordo com informações verbais ou verbalizando as informações numéricas. [...] A análise qualitativa descreve variáveis em um processo, mas não as mede, não se preocupam em, ou não chega a, contabilizar *os valores* que essas variáveis adquirem, ainda que se possa estabelecer que há mudanças de valor. (ARÓSTEGUI, 2006, p.515).<sup>4</sup>

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, discutimos os fundamentos teórico-epistemológicos da pesquisa que se baseiam nos estudos das mulheres e das relações de gênero no contexto internacional e brasileiro. Destacamos a importância do movimento feminista para o desenvolvimento de um campo específico de estudo das mulheres e de gênero nos âmbitos das ciências humanas e sociais. E apresentamos algumas reflexões sobre as principais transformações ocorridas na historiografia das últimas décadas do século XX que ampliaram nosso campo de análise para outros temas de pesquisa, como a expansão de estudos sobre as mulheres, sobretudo como tributo da inclusão da categoria gênero ao debate historiográfico.

O capítulo dois discute os aspectos metodológicos utilizados na pesquisa que se realizou a partir da leitura e da análise qualitativa da correspondência pessoal de Celsina Teixeira. A documentação trabalhada compreende, aproximadamente, sessenta cartas pessoais

---

<sup>4</sup> Grifos do autor.

emitidas e recebidas por Celsina que se referem aos mais diversos assuntos do cotidiano social: família, saúde/doença, educação, política, religião, viagens, caridade e negócios. Embora reconheça a importância dessas categorias para reconstrução da trajetória de vida de Celsina Teixeira, não foi possível abordar todas elas em nossa discussão. Por isso, a partir de minuciosa seleção, elegemos cinco categorias que se sobressaem na atividade epistolar e aparecem como centrais na vida de Celsina: a família (da elite), a educação, o casamento, a religião e a sua participação na Associação de Senhoras de Caridade.

No capítulo três, com base nas cartas delineamos uma análise da trajetória de Celsina Teixeira na cidade de Caetité-BA entre os anos de 1916 a 1926. Apresentamos em linhas gerais, alguns aspectos históricos da cidade de Caetité no início do século XX, fundamentados na historiografia local, alguns aspectos biográficos que consideramos relevantes na vida de Celsina e de sua família e uma análise descritiva dos papéis e das funções que lhes foram atribuídas naquele contexto em relação à família, à educação, à igreja, ao casamento e às atividades desenvolvidas por ela, dentro e fora do âmbito doméstico, tais como: a administração do lar e das fazendas e a direção da Associação de Caridade de Caetité.

A cidade de Caetité encontrava-se em uma situação geográfica privilegiada, localizada nas elevações da Serra Geral e possuindo os bons ares de um clima tropical favorecido pela altitude de 825m, transformando-se em um ponto de apoio para os viajantes e tropeiros que vinham da região do médio São Francisco na Bahia com destino a Feira de Santana e em direção oposta, ao estado de Minas Gerais.

Os sertanejos em Caetité dedicavam-se especialmente às atividades agropecuárias ou ao comércio bastante variado que trazia grande movimentação à cidade, e as últimas novidades em produtos que circulavam em outros lugares. Naquele contexto, era um importante centro político e sócio-cultural da região, com uma situação privilegiada em relação a outras cidades em seu entorno. A maioria da população retirava do campo os seus meios de subsistência e alternava suas rotinas entre a vida no meio rural e a vida na cidade.

Para as famílias mais abastadas, a pecuária tornou-se a principal atividade econômica, até as primeiras décadas do século XX. A família Spínola Teixeira, por exemplo, envolveu-se em diversas atividades econômicas que lhe proporcionaram o alargamento das riquezas e do patrimônio da família. Entre elas destacamos a criação de gado em suas extensas propriedades.

Com base na leitura e na análise das cartas também foi possível captar aspectos importantes da história de vida de Celsina Teixeira e investigar nossa hipótese central do trabalho que descreve especialmente, como ela vai construindo sua identidade de gênero

misturando elementos da definição tradicional do gênero feminino com elementos de um novo papel de gênero no qual o espaço público é relevante e, além disso, como Celsina assume um papel ativo na organização doméstica, mas também laboral no contexto dos negócios da família e do seu esposo.

O capítulo quatro discute os resultados mais importantes que foram levantados na trajetória de Celsina Teixeira, a partir da apreciação das cartas apresentadas no capítulo três. Destacamos de dentro da discussão sobre as cinco categorias de análise (a família, a educação, a igreja, o casamento e a participação na Associação de Senhoras de Caridade em Caetité) os aspectos mais relevantes que confirmam nossa hipótese central de trabalho.

Por fim, tecemos algumas considerações finais partindo de uma retrospectiva do que foi discutido e apresentado em todo o trabalho, a fim de concluir as principais ideias defendidas aqui. Além disso, algumas ponderações sobre a relevância dessa pesquisa no campo da história das mulheres e das relações de gênero.

## **2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS DOS ESTUDOS DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Neste capítulo é fundamental construir as bases epistemológicas da nossa pesquisa e por essa razão, discutir a origem dos conceitos sexo/gênero e aprofundar as bases teórico-epistemológicas dos estudos das mulheres e das relações de gênero tanto no cenário internacional quanto no brasileiro a fim de compreender o significado da sua renovação epistemológica no conhecimento científico moderno e o alcance dessas pesquisas no campo historiográfico atual. Neste sentido, destacamos a importância do movimento feminista em prol do desenvolvimento de um campo específico de estudo das mulheres e de gênero nos âmbitos das ciências humanas e sociais.

Além disso, propomos uma análise dos estudos das mulheres e das relações de gênero na historiografia brasileira, ressaltando neste contexto a importância dos estudos sobre o papel das mulheres na família brasileira que ganharam espaço, a partir das transformações ocorridas na historiografia das últimas décadas do século XX e ampliaram o campo de análise do historiador e da historiadora para outros temas de pesquisa.

### **2.1 A ORIGEM DO CONCEITO SEXO/GÊNERO E OS ESTUDOS DAS MULHERES**

Começamos nossa discussão pela análise do significado dos estudos das mulheres e do gênero no âmbito científico e para isso é preciso aprofundar a diferenciação conceitual entre sexo e gênero. Em 1980, Radl Philipp (2010, p.137-139)<sup>5</sup> afirma que se insere no âmbito dos estudos das mulheres o uso distinto do conceito sexo/gênero. Mas, essa diferenciação conceitual não foi realizada primeiramente pelas mulheres, ela provém do campo das pesquisas e das terapias médico-psicológicas realizadas com pessoas que possuíam problemas de identidade sexual.

A partir dos anos 1960, dois psiquiatras John Money e Robert Stoller cunham os conceitos sexo e gênero. Eles perceberam em suas sessões clínicas uma distinção importante pautada na identidade sexual de seus pacientes quanto ao sexo e aos sentimentos reais em relação à mesma, ou seja, não havia uma correlação entre a identidade do sujeito e sua classificação biológica e corporal.

---

<sup>5</sup> RADL PHILIPP, Rita. Derechos Humanos y Género. In: *Cadernos Cedes*. Campinas, vol.30, p.135-155, maio-ago. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

Money (1966) propõe dissociar a identidade do sujeito como pessoa - seu rol de gênero “*gender role*” de seu pertencimento de sexo “*sex role*”. Este autor já chega a afirmar que a identidade de gênero corresponde a um processo de elaboração social, enquanto que a identificação baseada nas diferenças biológicas e hormonais nos classifica como pertencentes a um sexo ou outro. (RADL PHILIPP, 2010, p.137).

Jesús Izquierdo (1998, p. 29-30) referindo-se a esse fato destaca que é muito importante considerar essas diferenças conceituais entre sexo e gênero, para compreender melhor as origens das desigualdades sociais entre homens e mulheres, baseadas nas diferenças sexuais, motivo pelo qual o conceito servirá mais tarde ao campo dos estudos das mulheres para a compreensão histórica das diferenças entre o gênero masculino e o gênero feminino.

Tanto Money quanto Stoller constataram dois aspectos. Por um lado, não é possível classificar certos indivíduos como machos ou fêmeas pelo dimorfismo sexual, por ter pouco marcado os caracteres sexuais secundários ou por problemas de caráter cromossômico ou hormonal que afetam a diferenciação sexual. Por outro lado, algumas pessoas que morfológica e funcionalmente se ajustam a um dos dois sexos, declaram encontrarem-se presas a um corpo equivocado e quando se expressam deste modo, acreditam estar experimentando as emoções e os desejos que socialmente se atribuem ao outro sexo e são reconhecidos como tais. (IZQUIERDO, 1998, p.30).

Segundo essas pesquisas, as condutas que são socialmente reconhecidas, as estruturas psíquicas e a identidade sexual se expressam ou se canalizam em nossa cultura na forma de dois padrões: o masculino e o feminino. De uma forma geral, para a autora, a distinção entre sexo e gênero tem como objetivo principal estabelecer as diferenças conceituais entre as características sexuais (limitações e capacidades que elas mesmas implicam) e as características sociais, psíquicas e históricas das pessoas para uma determinada sociedade (padrões de identidade, modelos e estereótipos).

A partir dos anos 1980, no campo dos estudos feministas, também se amplia essa visão sob uma perspectiva mais abrangente que entende que um debate sobre o papel (*rol*) do gênero feminino não é possível sem uma interrelação com o gênero masculino. Por esse motivo, também se inicia o debate no campo dos estudos das mulheres sobre a diferenciação “sexo/gênero”, introduzindo os chamados “estudos de gênero” (RADL PHILIPP, 201, p.28).

Segundo Gamba (2008)<sup>6</sup>, a elaboração de gênero, como categoria social, é uma das contribuições teóricas mais significativas da teoria feminista contemporânea,

---

<sup>6</sup> No artigo ¿Qué es la perspectiva de género y los estudios de género? Publicado no *Diccionario de estudios de Género y Feminismos*. Editorial Biblos, 2008. Disponível em <http://www.mujiresenred.net/spip.php.article1395>. Acesso em 11/03/2013.

independentemente se a diferença conceitual proceda de pesquisas noutros contextos como tratamos acima. No âmbito dos estudos das mulheres (*women's studios*) a categoria foi usada para explicar as desigualdades entre homens e mulheres e se refere às características, funções psicológicas e sócio-culturais distintas, que são atribuídas a cada um dos sexos, em cada momento histórico e em cada sociedade.

Em virtude de uma crescente utilização do conceito gênero na esfera acadêmica, especialmente entre os anos 1980 e 1990, propomos agora uma análise histórica referindo-se ao desenvolvimento dos conhecimentos das mulheres no contexto internacional. Mas, em nosso contexto, entendemos que o gênero se constrói ativamente na interrelação do sujeito com a sociedade e vice-versa. E sua definição é muito importante para compreender a construção dos papéis destinados ao gênero feminino.

## 2.2 OS ESTUDOS DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO INTERNACIONAL

Nos anos 80 do século XX, segundo Radl Philipp (2010, p. 13)<sup>7</sup> os chamados *Women's Studies* ou Estudos das Mulheres foram se diversificando e se especializando, paulatinamente, como estudos científicos sociais, assim como os estudos de gênero, que recentemente, vão tomando forma no campo das ciências sociais. “Este conhecimento que analisa as singularidades e características especiais que afetam o comportamento e as relações sociais de mulheres e homens, não deve ser pensado sem o movimento político de reivindicação dos direitos das mulheres” nos finais dos anos 1960 e início dos anos 70 (RADL-PHILIPP, 2010, p.13). O movimento político do feminismo abriu o caminho para o desenvolvimento de um conhecimento científico sobre as mulheres, os papéis e as relações de gênero.

Todavia, a luta pelos direitos das mulheres é bem mais remota. Como afirma Radl Philipp (2011, p.179) no início do século XV, a contribuição de Christine de Pizán<sup>8</sup>, representa um primeiro esboço teórico-feminista que propõe uma renovação histórica referente ao conhecimento das mulheres. Pizán rechaça com argumentos a ideia de subordinação das mulheres e defende uma nova concepção de mulher que tenha a mesma dignidade e os mesmos direitos de pessoa que o homem possui. (Radl Philipp, 2012, pp.22-

<sup>7</sup> RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. A modo de introducción: aspectos epistemológicos de las investigaciones de las mujeres y del género. In: *Investigaciones actuales de las mujeres y del género*, 2010, p.9-21.

<sup>8</sup> Com sua obra: *Le Livre de la Cité de Damas* (1405) a autora defende a condição de *persona* para as mulheres, pois até aquele momento não se aplicava a elas citado por Radl Philipp, 2011, p.117.

23). Cabe assinalar que a discussão sobre o direito à dignidade humana para todos os seres humanos e a ideia de pessoa como sujeito de direitos e de direito, se introduziu anteriormente na história ocidental, no começo do cristianismo<sup>9</sup>. No seio da filosofia grega e na sociedade romana este direito se restringiu a determinados sujeitos (RADL-PHILIPP, 2011, p.180).

Do ponto de vista político, social e epistêmico, o desenvolvimento de um conhecimento específico das mulheres e das relações de gênero está intimamente relacionado ao surgimento do feminismo. Como um movimento social e político, o feminismo surge no final do século XVIII, centrado na valorização e revalorização do papel da mulher, bem como de seu comportamento específico e de suas funções e, sobretudo, para reivindicar os seus direitos. É claro que esta reivindicação não deve ser confundida com a conquista de um domínio unilateral por parte das mulheres sobre os homens (RADL-PHILIPP, 2011, p. 179-180).

O termo “feminismo” foi cunhado no ano 1837, pelo político e escritor Charles Fourier que se posicionou em favor de uma emancipação das mulheres fora da família e do matrimônio burguês. Mais tarde, o termo se popularizou no contexto francês com Marguerite Durand e Julie Danbiés e o conceito se expandiu para a Inglaterra e Alemanha ao longo do século XIX (RADL PHILIPP, 2012, p.24).

A ideia de igualdade da mulher aparece de modo mais explícito, como um postulado, nos finais do século XVIII no contexto francês e no inglês. Na França, Olympe de Gouges insere a reivindicação pelos direitos de cidadania das mulheres em 1791 em sua “Declaração dos Direitos da Mulher como Cidadã” adaptando a declaração dos direitos do homem como cidadão. Em 1792, Mary Wollstonecraft inicia na Inglaterra sua reivindicação pelo direito das mulheres à educação (RADL PHILIPP, 2012, p.24).

Radl Philipp (2012, p.22-25)<sup>10</sup> argumenta que Gouges e Wollstonecraft assentam os dois pilares fundamentais de todo o movimento pelos direitos das mulheres, ou seja, a reivindicação pelos direitos à cidadania e o direito à educação em sua expressão mais completa e desenvolvida, temas que ainda hoje, são eixos centrais da luta de todas as reivindicações feministas de nosso planeta.

No Brasil, de acordo Prado e Franco (2012, p.204-205), Nísia Floresta é considerada por muitos estudiosos como a primeira feminista a sintetizar as lutas em prol da capacitação

<sup>9</sup> De acordo com o pressuposto básico do cristianismo, todos os seres humanos, isto é, homens, mulheres, crianças, escravos são iguais perante Deus citado por Radl Philipp, 2012, p.23.

<sup>10</sup> RADL PHILLIP, Rita M<sup>a</sup>. Feminismo e Conocimiento. Implicaciones epistemológicas para los estudios de las mujeres y del género. In: MARÍN; VÁZQUEZ. (eds.). *Diálogos en la cultura de la paridad: reflexiones sobre feminismo, socialización y poder*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 2012, p.22-25.

intelectual das mulheres e de seu direito à educação. Em 1832, ela publicou um livro que lhe trouxe notoriedade e ficaria como “tradução livre” de *A Vindication of Rights of Woman*, da feminista inglesa Mary Wollstonecraft, intitulado por Nísia como “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”. Em 1838, ela fundou no Rio de Janeiro o Colégio Augusto, voltado para meninas. Suas obras de caráter doutrinário abordavam a temática feminina, destacando o papel da maternidade na formação dos filhos.

Em 1848 celebrou-se a primeira Assembleia sobre os Direitos das Mulheres em Sêneca - EUA e no mesmo ano se fundou na Inglaterra, o primeiro colégio para o ramo do “saber feminino” e em 1855, criou o primeiro comitê feminista sob a direção de Barbara Leigh Smith. Dentre outras importantes realizações, em 1857 também fundou uma escola de enfermeiras em Londres. Na Alemanha, podemos citar algumas importantes feministas, tais como: Luise Otto Peters, Helene Lange, Rosa Luxemburgo. E em 1865 a criação da primeira “Associação Alemã de Mulheres”, considerada uma das mais importantes associações da Europa (RADL-PHILIPP, 2012, p.25).

No contexto espanhol, entre o fim do século XIX e início do XX, o surgimento das reivindicações de igualdade para as mulheres está ligado a autoras como Concepción Arenal e Emilia Pardo Bazán. Entre outros nomes importantes vinculados ao movimento socialista estão o de Clara Campoamor, Victoria Kent e Margarida Nelken (RADL-PHILIPP, 2012, p.25).

Desde o princípio, a luta pelos direitos das mulheres esteve centrada no direito à educação em condições de igualdade, conservando alguns aspectos particulares relacionados a temas específicos da feminilidade e o acesso ao ensino superior, mas somente nos finais do século XIX, as mulheres alcançaram à universidade em países como Austrália, Alemanha e Estados Unidos (RADL-PHILIPP, 2012, p.26).

Outro aspecto essencial das reivindicações femininas gira em torno da luta pelo direito à cidadania, em especial ao reconhecimento do direito ao voto das mulheres, questão central levantada pelas feministas no final do século XIX na Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. O movimento de sufrágio feminino foi criado sob a direção da senhora Pankhurst em 1903 na Inglaterra, mas o direito das mulheres ao voto só foi alcançado a partir do final do século XIX, em alguns estados americanos e na Austrália. Na Inglaterra no início do século XX, na Áustria em 1918, na Alemanha em 1919, na Espanha e no Brasil em 1932 (RADL-PHILIPP, 2012, p. 26).

Segundo Soihet (2012, p.223-224), as mulheres que lideraram no Brasil a luta em favor da causa sufragista eram, em sua maioria, oriundas de segmentos elevados da sociedade;

intelectualizadas como a engenheira Carmem Portinho, a advogada Myrthes de Campos e a cientista Berta Lutz, parentes de políticos importantes (como Jerônima de Mesquita) entre outras que apresentavam grande capacidade intelectual e contribuíram igualmente para abrir caminhos.

Berta Lutz, por exemplo, conseguiu agregar um grupo de mulheres que pensavam como ela e junto com suas companheiras organizaram importantes associações (uma delas foi a Aliança Brasileira pelo Sufrágio Feminino), fizeram pronunciamentos em público e escreveram importantes artigos em prol da emancipação feminina e pela conquista do direito à educação, ao trabalho e à cidadania (SOIHET, 2012, p.220).

Após mais de duas décadas de luta, Berta participou ativamente na conquista do novo Código Civil de 1932 (que estabeleceu no país o voto secreto e o voto feminino) e como membro da Comissão que elaborou o anteprojeto da Constituição de 1934 acompanhou de perto todo o trabalho da Assembleia Constituinte. Graças às pressões feministas, o sufrágio feminino foi finalmente garantido, com a inclusão do artigo 108 na Constituição de 1934 (Soihet, 2012, p.226), mas com restrições<sup>11</sup> até o ano de 1946 quando se estabelece a obrigatoriedade do voto para as mulheres (RADL-PHILIPP, 2011, p.185).

Nesse sentido, conforme ressalta Gonçalves (2006, p.61) “não parece restar dúvida que a constituição da história das mulheres como campo específico de conhecimento se processa em relação direta com o surgimento do movimento feminista na Europa das décadas de 1960-70” de onde se expandiu para os demais países do mundo. “Da efervescência do movimento em torno da luta pela igualdade de direitos entre os sexos e da crescente presença de mulheres nas academias, surgiram estudos sistemáticos sobre a condição feminina no campo mais amplo das ciências humanas e sociais” (GONÇALVES, 2006, p.64), particularmente no campo da História, com o surgimento da história das mulheres no meio acadêmico, que discutiremos a seguir.

### 2.3 OS ESTUDOS DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE

De acordo Radl Philipp (2012, p.27) as primeiras investigações e estudos sobre as mulheres se realizaram a partir da análise secundária de textos sob uma perspectiva feminista.

---

<sup>11</sup> O Código Eleitoral Provisório de 1932 estabeleceu o voto feminino somente às mulheres casadas com a permissão do marido ou as viúvas e solteiras com renda própria (que teriam permissão para exercer o direito de votar e serem votadas). O Código de 34 retirou essas determinações e deixou como única restrição a obrigatoriedade do voto, só prevista para os homens. Apenas em 1946 o voto feminino passou a ser obrigatório também para as mulheres.

Estes estudos e investigações se caracterizavam como trabalhos comprometidos com a causa feminista e pretendiam romper com a prática científica existente que excluía as mulheres das pesquisas acadêmicas. Precisamente a partir dos anos de 1960 e ao longo dos de 1970, é perceptível o aumento do número de mulheres nas universidades européias e americanas elaborando os primeiros estudos comprometidos com a causa feminina.

Nos finais dos anos de 1970, começam as investigações próprias sobre a problemática das mulheres, sobretudo no âmbito social, laboral, político, familiar e educativo. A partir desse momento, também se realizam estudos que simplesmente acumulam ou apresentam dados com a finalidade de descrever de forma neutra, enquadrando-se no contexto da prática científica moderna no campo das ciências sociais. Ao longo dos anos de 1980, a análise foi se diferenciando a partir de duas correntes epistemológicas distintas, ou seja, uma meramente empirista e outra crítico-ideológico-feminista que segue efetivamente uma linha histórica dos *women's studies*. E assim, o estudo das mulheres foi se constituindo como um novo tema de investigação (RADL PHILIPP, 2012, p.27).

Nos finais da década de 1990 sucedeu uma maior sistematização epistemológica do conhecimento de gênero e das mulheres sob múltiplos enfoques teóricos, distintas correntes epistemológicas que se enquadram ou na visão empirista ou na crítico-ideológico-feminista. No mesmo período, torna-se crescente a oferta de cursos de Mestrado e de Doutorado na área específica das mulheres e de gênero em várias universidades internacionais (RADL-PHILIPP, 2012, p.28) e também no Brasil.

Deste modo, é possível assegurar que os estudos das mulheres e das relações de gênero se desenvolveram e se ampliaram de modo particular, a partir de seu vínculo com o movimento feminista e com suas raízes na luta pela reivindicação dos direitos das mulheres – sob um ponto de vista político, social e epistêmico – que leva a uma concepção peculiar de conhecimento baseada na interrelação teoria/prática e reivindica uma renovação epistemológica do conhecimento científico (RADL-PHILIPP, 2012, p.27) não mais centrada no “sujeito universal” representado pela figura masculina, mas no campo específico das mulheres.

Este campo intelectual, como aponta Matos (1997, p.88) tornou-se propício para a inclusão das mulheres e para a incorporação da abordagem de gênero nos estudos históricos e contribuiu, de modo significativo, para a renovação temática e metodológica na historiografia brasileira como aprofundaremos a seguir.

### 2.3.1 Contribuições da categoria gênero nos estudos das mulheres

Diante do exposto pelos diversos teóricos, fica evidente a importância da categoria gênero na expansão dos estudos das mulheres, pois como afirma Matos (1997, p.91) “ampliaram-se nos últimos anos os estudos sobre a mulher, sua participação na sociedade e na família, nos movimentos sociais, na política e no trabalho [...], em particular após a incorporação da categoria gênero nessa área”. Nesta mesma perspectiva, a autora também ressalta (1997, p.93) que tiveram destaque os estudos sobre o papel feminino na família, as relações vinculadas ao casamento, à maternidade e à sexualidade.

A expansão e o enriquecimento dos temas de investigação propostos pelos estudos de gênero foram acompanhados por renovações de marcos temáticos e metodológicos, enfoques e modos de análise inovadores que, além de questionarem os paradigmas tradicionais, vêm colocando novas questões, descobrindo novas fontes, enfim contribuindo para redefinir e ampliar noções tradicionais do significado histórico. (MATOS, 1997, p.98).

Além disso, podemos acrescentar que a categoria gênero é imprescindível para explicar a persistência das desigualdades entre mulheres e homens e segundo Margareth Rago ela introduziu modificações significativas na produção científica moderna e ampliou novas discussões no seio acadêmico.

[...] desde os anos setenta, as mulheres entravam maciçamente nas universidades e passavam a reivindicar seu lugar na História. [...]. Progressivamente, a cultura feminina ganhou visibilidade, tanto pela simples presença das mulheres nos corredores e nas salas de aula, como pela produção acadêmica que vinha à tona. Histórias da vida privada, da maternidade, do aborto, do amor, da prostituição, da infância e da família, das bruxas e loucas, das fazendeiras, empresárias, enfermeiras ou empregadas domésticas [...]. O mundo acadêmico ganhava, assim, novos contornos e novas cores. (RAGO, 1998, p.91).

Discutir sobre essas contribuições implicam em aprofundar as análises epistemológicas neste campo de pesquisa tão diversificado e, além disso, reconhecer que o debate de gênero também enriqueceu nossas pesquisas no campo da história das mulheres no Brasil e no mundo, pois contribuiu para uma reviravolta no trabalho historiográfico das últimas décadas do século passado.

### 2.3.2 Os estudos das mulheres e das relações de gênero na história e na historiografia brasileiras

A reviravolta historiográfica, característica das últimas décadas do século XX, no campo da história, diversificou os objetos de investigação e abriu novos espaços para a emergência de novos temas e de novas formas de construção das relações sociais. “Mais do

que a inclusão das mulheres tratou-se de encontrar categorias adequadas para conhecer os mundos femininos para falar de práticas das mulheres no passado e no presente [...] inimagináveis na ótica masculina” (Rago, 1998, p.95)<sup>12</sup>. E na mesma linha de pensamento Dias argumenta que:

A historiografia das últimas décadas favorece uma história social das mulheres, pois vem se voltando para a memória de grupos marginalizados do poder. Novas abordagens e métodos adequados que libertam aos poucos os historiadores de preconceitos atávicos e abrem espaço para uma história microssocial do cotidiano [...] diversificam os focos de atenção dos historiadores, antes restritos ao processo de acumulação de riqueza, do poder e a história política institucional. (DIAS, 1995, p.14)<sup>13</sup>.

Essa nova perspectiva trouxe as mulheres à condição de objeto e de sujeito da história<sup>14</sup> e do conhecimento. Definiu-se como campo de estudo, especialmente nas duas últimas décadas do século XX, mas sem dúvida, atualmente é uma prática que se estabeleceu em várias partes do mundo como já apresentamos. Segundo Scott (1992, p.64)<sup>15</sup>, “as ativistas feministas reivindicaram nos fins dos anos de 1960 uma história de mulheres heroínas, enquanto as feministas acadêmicas direcionaram sua erudição para uma atividade política mais ampla”. Naquele contexto, “as feministas questionaram a figura do sujeito universal, racional, masculino que se colocava como representante de toda humanidade” (RAGO, 1998, p.93).

A partir de então, historiadores (as), universidades e grupos de pesquisa no Brasil e em outros países - apresentados no contexto internacional - iniciaram reflexões e até a década de 1970, muito se debateu a respeito da “passividade” da mulher, ou seja, a sua reação frente às restrições de uma “sociedade patriarcal”<sup>16</sup> (SOIHET, 1997, p.278). Para Scott (1992), o tema afastou-se mais da política e ampliou os questionamentos para envolver todos os aspectos da vida das mulheres no passado.

---

<sup>12</sup> RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: *Cadernos Pagu*. (11). São Paulo: Núcleo de Gênero/Unicamp, 1998, pp.88-98.

<sup>13</sup> DIAS, M<sup>a</sup> Odila L. da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. 2 ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

<sup>14</sup> SOIHET, Raquel. História das Mulheres. *Domínios da História: ensaios e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.275.

<sup>15</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.64.

<sup>16</sup> Para nos auxiliar na compreensão do termo no contexto em questão, usamos a definição de patriarcado (Delphy, 2009) que encontramos no Dicionário Crítico do Feminismo. “Patriarcado” é uma palavra muito antiga, que mudou de sentido por volta do fim do século XIX [...], depois novamente no fim do século XX, com a “segunda onda” do feminismo surgida nos anos 70 no Ocidente. Nesta nova acepção feminista, o patriarcado designa uma formação social em que homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres.

Uma maior produção historiográfica surgiu a partir dos anos de 1980 com o desafio do “silêncio” das fontes. A mulher estava o tempo todo presente, mas teve sua participação sufocada pelo discurso masculino. “Destinadas à esfera privada, as mulheres estiveram por um tempo, afastadas das atividades dignas de serem registradas” (Soihet, 1997, p.295). Em outras palavras, no âmbito doméstico, elas realizavam as atividades que cabiam aos papéis tradicionais do gênero feminino e permaneceram afastadas das atividades públicas que competiam aos papéis destinados ao gênero masculino.

Nos anos de 1990, os estudiosos perceberam que somente a história das mulheres não podia analisar todos os processos sociais, historicamente construídos pelas experiências femininas nas diversas sociedades. Nesse sentido, o conceito de gênero também passou a ser utilizado como categoria analítica mais adequada, pois enfoca as relações sociais vivenciadas entre mulheres e homens. Segundo Soihet (1997, p.279) “o gênero torna-se, inclusive, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ [...], os papéis próprios aos homens e às mulheres”.

No Brasil, Matos (1997)<sup>17</sup> ressalta que a presença das mulheres nos trabalhos acadêmicos vem crescendo muito, especialmente, a partir do segundo pós-guerra, em função de inúmeros fatores tais como: a presença feminina no mercado de trabalho, nas universidades, conjugada à expansão da luta das mulheres pela igualdade de direitos e pela liberdade, numa conquista do espaço público que derivou da afirmação dos movimentos feministas e que tem dado visibilidade às mulheres na produção científica.

Nesse contexto, Matwychuck (1997) chama a atenção para a contribuição dessas pesquisas, que sob forte influência do feminismo, desafiaram muitas hipóteses sobre as instituições do casamento, da família, da unidade doméstica e, particularmente sobre as experiências e os papéis destinados às mulheres dentro dessas instituições. E chegou à conclusão que não era suficiente “adicionar as mulheres” a modelos e teorias existentes e “agitar”. Pelo contrário, incorporar as mulheres envolvia repensar conceitos e processos que implicavam na reescrita da própria história.

Do mesmo modo, podemos completar que a expansão das pesquisas que incorporou as mulheres e a abordagem de gênero no Brasil, localiza-se nesse atual quadro de transformações pelas quais veio passando a História nas últimas décadas do século XX e abriu o caminho

---

<sup>17</sup> MATOS, M<sup>a</sup> Izilda S. de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, M<sup>a</sup> Izilda S. de. *Gênero e Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997, p.86-87.

para novas discussões sobre os papéis conferidos aos gêneros, nas quais, as pesquisas sobre as mulheres e as famílias ganharam maior espaço nas produções acadêmicas de nosso país.

## 2.4 A CONCEITUALIZAÇÃO E A DEFINIÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO E OS ESTUDOS DAS MULHERES NA FAMÍLIA BRASILEIRA

No contexto geral, as pesquisas sobre as mulheres e a família têm sido abordadas sob diferentes enfoques e definições que suscitaram muitas discussões em torno de um referencial teórico-metodológico. Em alguns momentos, essas várias tendências coexistem e dialogam entre si por meio de debates, ora amistosos, ora antagônicos que dividem posicionamentos. Embora com ênfases diversas, muitos pesquisadores ainda reconhecem a família como uma importante instituição mediadora das relações sociais.

Todavia, antes de centrarmos no tema das mulheres no contexto familiar brasileiro e nos diferentes papéis que elas assumem em função do próprio gênero, discutiremos as definições desses papéis na construção do gênero feminino e do masculino para compreender as funções diferentes que as mulheres e os homens assumiram na família brasileira ao longo da história.

### 2.4.1 - A conceitualização e a definição dos papéis de gênero feminino e masculino

O debate sobre a formação das identidades de gênero e os papéis sociais a eles atribuídos não é uma tarefa tão fácil e ainda hoje, dividem as opiniões de alguns estudiosos quanto à origem das diferenças entre homens e mulheres. Segundo os estudos de Giddens (2004, pp.109-110), existem muitas interpretações sociológicas que tratam das diferenças de gênero. Alguns defendem a existência de uma base biológica nas diferenças de comportamento entre homens e mulheres. Outras teorias ressaltam a importância da socialização e da aprendizagem dos papéis de gênero e outras que pensam o gênero e o sexo como constructos sociais.

Na perspectiva de Giddens (2004), a abordagem sobre a socialização de gênero estabelece uma distinção entre sexo biológico e gênero social, ou seja, uma criança nasce com o primeiro e desenvolve o segundo por meio do contato com vários agentes de socialização (família, escola, grupos de amigos e meios de comunicação), interiorizando paulatinamente as normas e expectativas sociais que correspondem ao seu sexo. Dessa forma, as diferenças de gênero não são determinadas biologicamente, mas construídas culturalmente e

consequentemente existem desigualdades de gênero porque homens e mulheres são socializados em papéis diferentes.

Todavia, muitos autores criticam as abordagens rígidas dos papéis sexuais e da socialização de gênero, pois elas rejeitam a capacidade dos indivíduos de modificar as expectativas sociais que envolvem os papéis sexuais. Os seres humanos não são meros objetos passivos, pelo contrário, são agentes ativos que criam e modificam os papéis para si no processo de assunção dos papéis sociais. Por isso, um número crescente de sociólogos e sociólogas que discordam da premissa que o sexo é determinado biologicamente e o gênero aprendido culturalmente afirmam que tanto o sexo como o gênero são construídos socialmente. Esses últimos teóricos rejeitam a existência de qualquer base biológica nas diferenças de gênero.

Para Caruncho (2010, p.16), o conceito gênero se refere às diferenças socialmente construídas entre os sexos e apresenta características que se relacionam com a cultura, ideologia e socialização. É, portanto, um conceito social sujeito às transformações constantes tanto que cada sociedade constrói o próprio conjunto de comportamentos e de capacidades as quais serão consideradas apropriadas para homens e outras para mulheres.

No entanto, de acordo a postura dialética e interacionista, defendida nesta pesquisa, a construção do gênero abrange os papéis e as funções de homens e mulheres que são construídos em interação com a sociedade porque os seres humanos são sujeitos ativos. Radl Philipp (1995, p.78) discute que a definição dos papéis de gênero é social e está intimamente relacionado à diferenciação fundamental entre o âmbito extradoméstico, público e o âmbito doméstico, privado da sociedade moderna.

[...] uma concepção interacionista no tocante a definição dos papéis em geral, e dos papéis de gênero em especial, parte da base de que o processo de definição dos papéis transcorre como um processo comunicativo entre homens e mulheres e como tal, considera um processo recíproco e dialético que afeta ambas as partes implicadas na interação (RADL-PHILIPP, 1993, p.48).

Neste mesmo trabalho Radl Philipp (1993, p.36) afirma que “tradicionalmente o papel da mulher não se define mediante sua função no campo da produção e reprodução extradomésticas (laboral e pública), ao contrário do que ocorre com o papel do homem”. Em função disso, somente as atividades desenvolvidas pelo gênero masculino são valorizadas em detrimento das funções no âmbito doméstico desempenhadas pelo gênero feminino. Como destacam Maluf e Mott (1998, p.379) “à figura masculina atribuíram-se papéis, poderes e

prerrogativas vistos como superiores aos destinados à mulher. Delineava-se com maior nitidez a oposição entre esferas pública e privada, base necessária para que a mulher se torne mulher e o homem se torne homem”.

Tanto a esfera pública (laboral e extradoméstica) quanto à esfera privada (doméstica) constituem na sociedade a história de nossa identidade humana e juntos formam a base da realização do ser humano, já que ambos respectivamente relacionam por um lado, “a produção e reprodução laboral, cultural e política e por outro, a produção e reprodução das condições materiais da existência” (RADL-PHILIPP, 1993, p.37).

Assim, podemos deduzir, com base nas pesquisas de Radl-Philipp (1993, 1995, 2010), ante as distintas funções que ainda hoje predominam em nossa sociedade moderna que a definição dos papéis masculinos e femininos é sempre social tal como defendemos aqui, mas procedem das diferenças biológicas entre homens e mulheres como tratamos no debate sobre a diferenciação sexo/gênero. Ela ressalta que “o conceito moderno da divisão social do trabalho marca as funções específicas de acordo com certas capacidades especiais (inatas ou não) de cada gênero” (RADL-PHILIPP, 1993, p.36). Essas funções específicas serão aprofundadas a seguir, na discussão das pesquisas sobre família no Brasil, no tocante às funções das mulheres na família tradicional (patriarcal) e na família nuclear moderna.

#### 2.4.2 As pesquisas sobre a família no Brasil

No Brasil, os historiadores da família também estiveram atentos ao debate teórico-metodológico do conceito gênero e dos diferentes papéis de gênero para mulheres e homens que se processavam nos meios acadêmicos, europeu e norte-americano, a partir dos anos 1970. Todavia, a família no Brasil foi analisada, primeiramente por antropólogos e antropólogas, sociólogos e sociólogas. Até então, a contribuição dos historiadores e das historiadoras era muito restrita. Somente a partir dos anos de 1980 que a temática foi incorporada à historiografia:

[...] com o grande impulso da História Social, a família adquiriu um papel fundamental; foram ampliados os estudos nessa área, seguindo de perto as tendências de vanguarda, já que a análise do tema possibilita uma revisão profunda na História Social do Brasil. A riqueza e o ineditismo das fontes primárias, associadas à pluralidade de assuntos que o tema aborda (mulher, criança, sexualidade, educação, etc), colocaram definitivamente a História da Família no Brasil, na década de 80, como um ramo específico de conhecimento e pesquisa, com área de atuação própria. (SAMARA, 1988-89, p.11).

Segundo a análise de Eni Samara, alguns trabalhos acadêmicos e históricos pioneiros, como os de Gilberto Freyre do ano 1933, traçaram o perfil da família patriarcal brasileira e tornaram-se clássicos de referência nacional e internacional. E também, Oliveira Vianna em 1920 que se dedicou ao estudo da família senhorial e dos clãs parentais, buscando compreender as raízes coloniais e a evolução da nossa sociedade. Para eles a grande família patriarcal, proprietária e rural teria construído a Nação brasileira.

Entre os anos de 1950 e 1960, houve um primeiro momento de revisão nas teorias formuladas acerca da família brasileira destacando o trabalho de Antônio Cândido de 1951 e Thales de Azevedo em 1961, dentre outros. O papel da mulher também foi algo analisado, não somente sob o enfoque de exclusão e de submissão, mas nas suas formas de interação à sociedade e aos grupos domésticos (SAMARA, 1997a, p.8). Esses autores buscaram as bases patriarcais da sociedade brasileira e o entendimento das relações sociais e raciais.

A inserção crucial da família como objeto de análise ocorreu nos anos 1970 onde os estudiosos dedicaram-se com atenção às pesquisas em documentos históricos. “O conjunto de análises desse período focalizou os aspectos referentes à estrutura da família, à nupcialidade, à fecundidade e ao equilíbrio dos sexos, recuperados a partir de uma gama variada de documentos manuscritos e impressos” (SAMARA, 1997a, p.9).

A partir dos anos de 1980 as pesquisas vão se caracterizar por uma maior pluralidade (SAMARA, 1997a, p.10). No contexto em questão, destacamos importantes trabalhos centrados na temática do poder e da vida familiar das mulheres como os de Maria Odila Leite Dias em 1984 e o de Eni de Mesquita Samara em 1989, que privilegiaram a sociedade paulista no século XIX (SAMARA, 1997a, p.11). E nos anos de 1990, a produção tornou-se crescente e os estudos sobre as mulheres e a família ganharam mais espaço nas pesquisas atuais.

Recentemente, com os novos arranjos familiares e as novas configurações nas relações entre homens e mulheres têm surgido novos relacionamentos que vêm alterando o conceito de família. Estudos mais atuais<sup>18</sup> mostram que a história da família no Brasil é multifacetada, ou seja, ao longo dos séculos, ela distanciou-se de propostas rígidas e modelos pré-estabelecidos. Assim, o mundo familiar na atualidade mostra-se numa vibrante coexistência de variadas formas de organização.

Todas essas transformações ocorridas na historiografia nas últimas décadas do século XX, sem dúvida ampliaram as discussões sobre a temática e favoreceram a possibilidade de

---

<sup>18</sup> SIMÕES, Fatima Itsue W.; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. In: *Revista Vozes dos Vales*, 2012, pp.1-25. Disponível em <http://www.ufvjm.edu.br/vozes>.

uma história social das mulheres e da família. Como destacamos anteriormente, essa diversificação dos temas e dos enfoques de análise da historiografia propiciou à inclusão de novos campos de estudos tais como o cotidiano, os marginalizados, as relações de gênero e a sexualidade.

#### 2.4.3 - As mulheres na família tradicional (patriarcal)

Como discutimos acima, as matrizes conceituais sobre a família no Brasil podem ser encontradas em três autores clássicos que publicaram entre os anos de 1920 e 1950: Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Antônio Cândido. Eles partem do pressuposto de que a família patriarcal rural e extensa do período colonial se transforma em nuclear quando transplantada para o ambiente urbano, entre os anos finais do século XIX e início do XX durante o advento da industrialização e da urbanização do país.

Gilberto Freyre é considerado por muitos estudiosos, o grande teórico da família brasileira. Todos os estudos posteriores o tomaram como referência, ora para contestá-lo ora para ampliar suas hipóteses. Para ele, a casa-grande e a senzala foram os símbolos mais conhecidos desse modelo de sociedade localizada no meio rural. A família patriarcal se caracterizava por uma vasta parentela que se expandia através da miscigenação e dos casamentos entre a elite branca.

Conforme apresenta Follador (2009), podemos afirmar, em aspectos mais gerais, que a vida das mulheres dentro da família patriarcal era caracterizada pela exigência que relegou o gênero feminino ao espaço doméstico e sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido.

No período colonial as mulheres não podiam frequentar escolas, ficando dessa forma excluídas do âmbito da educação formal, destinada apenas aos homens. Em contrapartida eram treinadas para uma vida reclusa, onde o casamento, a administração da casa, a criação dos filhos eram seus maiores deveres, além de ter que ‘tolerar’ as relações extra-matrimoniais dos maridos com as escravas. [...] não podiam sair desacompanhadas e sua passagem pelos espaços públicos só era bem aceita se relacionada às atividades da Igreja, como missas, novenas e procissões [...] A educação feminina [...] era, geralmente, restrita aos cuidados com a casa, marido e filhos. A mulher aprendia a costurar, bordar, cozinhar e, as mais abastadas, a pintar e tocar algum instrumento. A leitura e escrita deveriam ser as mínimas possíveis, isso dependendo da rigorosidade do pai, que, em muitas vezes não permitia que as filhas aprendessem a ler e escrever. (FOLLADOR, 2009, p.8-9).

Assim, desde o período colonial a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres, especialmente as da elite (embora nem sempre cumprissem esse ideal). As mulheres mais humildes não podiam “desfrutar” desse papel social que via como ideal

para a mulher a vida reclusa em seu lar. Precisavam trabalhar e, desta forma, adentravam ao espaço público, reservado aos homens, pois, o sustento da família em muitos casos era tarefa delas.

A prostituição era, em muitos casos, a única forma de algumas mulheres pobres e marginalizadas sobreviverem e sustentarem a família, [mas] a grande maioria das mulheres pobres possuía atividades como lavadeiras, cozinheiras, domésticas e vendedoras ambulantes [...]. O trabalho feminino era muito importante no comércio de gêneros alimentícios que invadia as ruas das cidades [sobretudo], entre os séculos XVIII e XIX, onde eram vendidos bolos, doces, hortaliças, derivados do leite, entre outras guloseimas preparadas pelas mulheres. (FOLLADOR, 2009, p.10-11).

Na perspectiva de Alves (2012, p.197), “a família tradicional (patriarcal) se constituiu a partir da consolidação da base econômica e jurídica da colônia, com o direito canônico e o respaldo da Igreja Católica vinculada ao latifúndio e à escravidão”. Este tipo de organização herdou traços da cultura portuguesa fundamentada no direito paterno e poder patriarcal, centrado na ideia do homem como chefe da família e na submissão e reclusão da mulher. Para Alves (2012), a família tradicional, formada segundo os modelos patriarcais, era uma unidade de produção e reprodução que concentrava as funções econômicas e sociais e desempenhava um papel importante na sociedade colonial.

Por outro lado, como apresenta Teruya (2000, p.5), Oliveira Vianna descreve uma sociedade organizada em torno das “famílias senhoriais” de tradição aristocrática, que comandavam os clãs parentais e que substituíam instituições de ordem administrativa e política, num sistema caracterizado pela concentração fundiária, escravidão, dispersão populacional e descentralização administrativa.

A nossa família senhorial ou patricial propriamente dita [...] abrangia apenas o grupo que vivia *dentro* da “fazenda” (“casa-grande”, ao Norte), residência do chefe ou patriarca, ou em dependências dela, mas preso, por linha direta ou colateral, a este chefe ou patriarca, senhor do domínio. Neste nosso grupo doméstico, tanto ao sul como ao norte, eram incluídos também os que, na velha família portuguesa, eram chamados “criados de senhor”, no sentido do antigo direito feudal. Estes “criados”, realmente, também apareciam na nossa família senhorial e isto era mesmo frequente, senão a regra geral; mas, incorporavam-se a ela não como *criados* -- o que lhes seria diminuição; mas, sob o nome de “crias” ou “protegidos”. Nesta classe é que estavam os “afilhados” do senhor ou da senhora, educados pelo padrinho ou pela madrinha “como filhos”-- e com eles residindo. (VIANNA, 1999, p.223).<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Grifos do autor.

Segundo Corrêa (1994, p.15-19), os estudos clássicos sobre a família no Brasil, reduziram a história da organização familiar brasileira a um determinado modelo de unidade doméstica conhecida como a “família patriarcal” que “se instalou do século XVI ao XIX nas áreas rurais onde predominavam as grandes unidades agrárias de produção de açúcar, fazendas de criação de animais ou de plantação de café”. Este modelo foi usado, de forma equivocada, como referência, quando se trata de estudar a história da família brasileira de forma mais completa.

Conforme apresenta Samara (1989, p.17), “a família patriarcal brasileira estava formada por uma dupla estrutura que compreendia um núcleo composto pelo chefe de família, esposa e legítimos descendentes, isto é, filhos e netos por linha materna ou paterna, e uma estrutura de camada periférica mais complexa e difusa” composta por parentes, filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, amigos, serviçais, agregados e escravos.

Nesse modelo de estrutura familiar, o chefe ou patriarca tinha autoridade quase absoluta sobre sua parentela e demais dependentes. Era responsável por cuidar dos negócios e defender a honra da família, restando à esposa um papel mais restrito e tradicional. “As mulheres casadas passavam da tutela do pai para a do marido, cuidando dos filhos e da casa no desempenho das funções domésticas. Monocultura, latifúndio e escravidão caracterizavam essa organização familiar” (SAMARA, 1989, p.19).

Embora reconheçam a importância desses clássicos como precursores nos estudos sobre a família no Brasil, Corrêa, Samara e Alves chamam à atenção para a necessidade de aprofundar as análises partindo das críticas e das limitações desse modelo de organização familiar que predominou na historiografia brasileira até meados do século XIX. “A família patriarcal pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira” (CORRÊA, 1994, p.27).

Nesta perspectiva, também podemos afirmar que a família patriarcal assumiu características regionais diferentes e mudou com o tempo.

Isto significa que, ao estudar a família brasileira, devemos considerar [...] a revisão do termo família patriarcal ou extensa como sinônimo de família brasileira e a sua adequação a outros contextos e épocas da nossa história. Devemos entender também que valores e atitudes característicos das elites de uma sociedade nem sempre são válidos para outros segmentos sociais. (SAMARA, 1989, p.20-21).

Os estudos apresentados anteriormente e outras pesquisas desenvolvidas nos anos de 1980 mostraram a existência de outras configurações familiares. Coexistindo com as famílias

patriarcais extensas havia as famílias nucleares menores, dos menos abastados, das uniões consensuais (ou ilegítimas) e das famílias chefiadas por mulheres oriundas da população pobre e escrava no contexto nacional e em vários outros países.

Nesse sentido, Samara (1989, p.105) afirma que houve um pouco de exagero dos estudiosos e dos viajantes ao fixar uma imagem estereotipada: do “marido dominador” e da “mulher submissa” visto que existiam variações nos padrões de comportamento de mulheres dos diferentes segmentos sociais e havia mulheres da elite desenvolvendo diversas atividades.

[...] as mulheres da elite dirigiam conjuntos familiares grandes e complexos, com dezenas de escravos e empregados ocupados na produção de alimento, roupa e outras necessidades da casa. [...] cabiam a elas a responsabilidade de proporcionar cuidados de saúde, socializar as crianças e organizar as festividades da família e os rituais religiosos. E, em casos excepcionais, viúvas ricas, com autoridade adquirida como cabeça da família, administravam com êxito as fazendas ou negócios familiares e adquiriam enorme poder político e social. (BESSE, 1999, p.14).

Ao longo da história, desde o período colonial, “poucas opções restavam às mulheres na sociedade brasileira, mas o próprio caráter do sistema patriarcal e a divisão de tarefas no casamento também criaram condições de afirmação da personalidade feminina, devido a sua forte influência junto à família” (SAMARA, 1989, p.106). Mas não podemos esquecer que a construção social e histórica de gênero determinava as diferentes funções sociais para cada um, para o gênero o feminino as funções do cuidado, no âmbito privado e para o masculino as funções laborais, no âmbito público.

No quadro geral, a divisão das tarefas e das funções no âmbito familiar, atribuía o poder de decisão formal nas mãos do homem como provedor e protetor da mulher e dos filhos, segundo os costumes e as tradições apoiadas nas leis e nos manuais de economia doméstica destinados às jovens mães. À mulher restava às tarefas de mãe e esposa.

Vários preceitos do Código Civil de 1916 sacramentavam a inferioridade da mulher casada [...]. Ao homem, chefe da sociedade conjugal, cabia a representação legal da família, a administração dos bens comuns do casal e dos particulares da esposa segundo o regime matrimonial adotado, o direito de fixar e mudar o local e o domicílio da família. (MALUF; MOTT, 1998, p.379).

Neste sentido, o Código Civil estabeleceu um conjunto de deveres e obrigações para “normatizar” a vida conjugal e assegurar a “ordem familiar” incumbindo como tarefa básica da mulher (esposa e mãe), o bom desempenho na administração doméstica e na assistência

moral à família. Besse (1999, p.4) destaca que o Código Civil brasileiro publicado em 1916, “era uma extensão do Código Filipino, compilado em 1603 em Portugal que subordinava as esposas aos maridos, definindo-as como eternas menores de idade, sem poder para tomar decisões finais sobre a criação dos filhos ou sequer administrar seus próprios bens”.

#### 2.4.4 As mulheres na família nuclear moderna

No Brasil, conforme discutimos, Antônio Cândido buscou marcar as transformações sofridas pela família patriarcal colonial e rural quando transplantada para o século XX. Seu artigo intitulado *The Brazilian Family* é considerado, por isso, um clássico de nossa literatura sobre a família que caracterizou o desdobramento da família patriarcal rural num ambiente moderno urbano e industrial.

Para Teruya (2000) o autor citado situa o início dessas transformações a partir da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, e com o início de uma vida social na Colônia, que incluiu o estabelecimento de oportunidades de estudos e outras formas de ascensão social. A família patriarcal foi se transformando, aos poucos, ao longo do século XIX com significativas mudanças do poder patriarcal.

[...] com a vinda da Família Real também foram verificadas mudanças em relação aos costumes familiares. A clausura do lar para as mulheres estava com seus dias contados. Elas passaram a frequentar os espaços públicos, como as ruas, os teatros, os bailes e os salões de beleza. Com o tempo, surgiu uma rede de estabelecimentos, principalmente lojas, que possuíam como maior clientela as senhoras integrantes da elite imperial. [...]. Já em meados do século XIX, durante a era Imperial, as mulheres lutaram para ampliar seus papéis na sociedade. (FOLLADOR, 2009, p.11).

O termo patriarcado foi rapidamente adotado pelas aspirações dos movimentos feministas nos anos 1970 como um sistema a ser combatido, especialmente, por estar relacionado a seus quase sinônimos, “dominação masculina” e “opressão das mulheres” (DELPHY, 2009, p.175). Neste sentido, a acepção feminista entende também a família nuclear moderna como uma estrutura de características patriarcais por serem as mulheres subordinadas aos homens. O lugar das mulheres na estrutura familiar, tal como mostram os estudos feministas sobre o tema (S. de Beauvoir, Kate Millet, Radl Philipp, etc.), é muito diferente em relação ao homem porque ainda prevalece a desigualdade.

A saída da mulher para o mercado de trabalho, a educação dos filhos, a impessoalidade nas relações sociais, o controle de natalidade, o enfraquecimento dos laços de

parentesco, a redução do tamanho da família e a diminuição do poder do pai e do marido são as grandes mudanças apontadas por Cândido para esta família moderna. Mas, segundo ele, mantiveram-se, algumas características da moral patriarcal como a valorização da virgindade para as mulheres e o da virilidade para os homens. Conforme Radl-Philipp (1993, p.46) “a incorporação da mulher no trabalho extradoméstico, por exemplo, não representou uma mudança qualitativa na definição dos papéis de gênero, nem promoveu uma nova organização social”. Pelo contrário, “a profissionalização feminina implicou numa dupla jornada de trabalho para a mulher”.

Este modelo proposto por Cândido também vem sendo criticado pelos estudiosos, assim como os de Freyre e Oliveira Vianna entre outros. Embora reconheça a importância desses trabalhos pioneiros, é necessário ressaltar segundo Corrêa (1994, p.24) que o problema principal dos clássicos é a tentativa de “acomodar uma sociedade multifacetada, móvel, flexível e dispersa dentro dos estreitos limites do engenho ou da fazenda”, lugares privilegiados do nascimento da sociedade brasileira. O conceito de “família patriarcal” achatou as diferenças comprimindo-as até caberem todas num mesmo molde que foi então utilizado, por muito tempo, como ponto de referência para falar sobre a família no Brasil.

Segundo Bruschini (2000) apud Cayres (2000, p.8-9), “a partir da segunda metade do século XIX, com o início do processo de industrialização, opera-se uma mudança na família e o modelo patriarcal, vigente até então, passa a ser questionado”. Começa a se desenvolver o conceito de família conjugal moderna, na qual o casamento se dá por escolha dos parceiros, com base no amor romântico e com perspectiva de superação da dicotomia entre amor e sexo e o surgimento de novas atribuições para os papéis do homem e da mulher no casamento.

Modernizaram-se as concepções sobre o lugar da mulher nos alicerces da moral familiar e social. A nova mulher, “moderna”, deveria ser educada para desempenhar o papel de mãe e educadora dos filhos, e de suporte do homem para que este pudesse enfrentar a labuta do trabalho fora de casa. A “boa esposa” e “boa mãe” deveriam ser prendadas e ir à escola, aprender a ler e escrever para desempenhar bem sua missão como educadora. Essa família apresentava-se como uma “família nuclear, reduzida ao pai, mãe e filhos, organizada hierarquicamente em torno de uma rígida divisão sexual de papéis, onde o homem era responsável pelo sustento da família e a esposa pela educação dos filhos e cuidados do lar” (BESSE, 1999, p.61-74). Mas a posição da mulher em relação ao marido ainda era de desigualdade, de subordinação, e levou muitos casamentos ao fracasso.

Na realidade, o papel social das mulheres não se transforma totalmente na família moderna que se constrói segundo a divisão social do trabalho que é também uma divisão

sexual do trabalho, o papel social das mulheres permanece subordinado ao papel social masculino. Segundo Radl-Philipp (1993, p.36-37) o conceito moderno da divisão social do trabalho atribuiu funções específicas para cada gênero, a ‘essência feminina’ estreitamente ligada à sua condição natural, de ser mãe, e a ‘essência masculina’ com sua razão instrumental, a possibilidade de conhecer e de intervir no mundo exterior. Em outras palavras, o pensamento moderno vincula a mulher ao âmbito doméstico e privado e o homem ao âmbito extradoméstico e público. Essa a divisão entre privado e público, segundo Radl Philipp (1993, p.37), é fundamental para compreender a definição social de papéis para o gênero feminino e masculino.

Esse novo modelo de família também institui novos padrões de educação dos filhos, e atribui alto valor à privacidade e intimidade nas relações entre pais e filhos. A domesticidade, o amor romântico e o amor materno tornaram-se suas pedras angulares. Todavia, alguns traços da família patriarcal na família conjugal moderna persistem até o século XX, fundamentada inclusive na legislação, pois, no Brasil, somente na Constituição de 1988 a mulher e o homem são assumidos com igualdade no que diz respeito aos direitos e deveres na sociedade conjugal.

Sendo assim fundamentada sobre as bases teórico-epistemológicas dos estudos das mulheres, das relações de gênero e das transformações no âmbito familiar, damos continuidade a esta pesquisa por meio de uma discussão metodológica das fontes documentais compostas por cartas emitidas e recebidas por Celsina Teixeira. O acervo analisado, composto por aproximadamente 60 cartas escritas entre os anos de 1916 e 1926, está disponibilizado para consulta no Arquivo Público Municipal de Caetité no Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira.

O período pareceu crucial para Celsina Teixeira porque envolve dois importantes acontecimentos que marcaram sua vida: o adoecimento e a morte de seu esposo Juca em julho de 1926, após um “martírio” que se estendeu por “11 anos e cinco meses” como a própria personagem relatou em sua correspondência. Naquele contexto, a pesquisa analisa como se construiu os papéis do gênero feminino nas mulheres da elite, na cidade de Caetité com relação à família, à educação, o casamento e à igreja por meio da análise de trajetória de Celsina Teixeira no início do século XX.

Enfim, no capítulo a seguir faremos um debate dos aspectos metodológicos, enfocando os métodos utilizados para a análise da correspondência pessoal de Celsina Teixeira. A partir da leitura cuidadosa das cartas, da seleção de categorias de análise e das hipóteses centrais de

trabalho fizemos um minucioso trabalho de apreciação qualitativa da documentação com a finalidade de reconstruir parte da história de vida de uma mulher da elite na cidade de Caetité.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa baseada na correspondência de Celsina Teixeira foi realizada a partir da leitura e da análise qualitativa de cartas pessoais recebidas e enviadas entre os anos de 1916 e 1926. A documentação compõe o Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira<sup>20</sup> e compreende aproximadamente sessenta cartas pessoais que foram utilizadas nesta pesquisa. As cartas se referem aos mais diversos assuntos do cotidiano social: família, saúde/doença, educação, política, religião, viagens, caridade e negócios.

Embora reconheça a importância das categorias citadas para a reconstrução da trajetória de vida de Celsina Teixeira, não foi possível abordar todas elas em nossa discussão, porque demandaria um tempo maior de análise da documentação aqui apresentada, bem como da investigação de outras importantes fontes documentais da época (inventários, jornais, livros contábeis). Por isso, a partir de minuciosa seleção, elegemos cinco categorias que se sobressaem na atividade epistolar e aparecem como centrais na vida de Celsina: a família (da elite), a educação, o casamento, a religião e a sua participação na Associação de Senhoras de Caridade. Por se tratar de uma pesquisa documental, de caráter qualitativo, está situada, em um sentido amplo, no contexto das “pesquisas de histórias de vida”, no caso específico, “das mulheres” (GARCÍA DE LEÓN, 2002, p.93-177).

A fundamentação teórica e epistemológica foi baseada nos estudos das mulheres e das relações de gênero sob uma perspectiva feminista. No cenário internacional, o movimento feminista contribuiu significativamente para o desenvolvimento de um campo específico de estudos das mulheres e de gênero, especialmente nos campos das ciências humanas e sociais. No Brasil, essas transformações também foram experimentadas pela historiografia, apenas nas últimas décadas do século XX, mas ampliaram o foco de análise do (a) historiador (a) para outros temas de pesquisa como a história das mulheres.

A história de Celsina aparece de forma bastante fragmentada nas cartas, somente após várias leituras e um trabalho intenso de análise das fontes, foi possível reconstruir parte de sua longa trajetória (1887-1979). “A carta pessoal não representava uma escrita espontânea e transparente, capaz de revelar percepções e sentimentos ‘verdadeiros’ de seus autores. Mediante as convenções impostas pelo gênero, as cartas tanto podem revelar como ‘esconder’ determinados aspectos das práticas sociais de seus autores”. (CATELLI, 1997, p.3).

---

<sup>20</sup> Esta vasta documentação encontra-se organizada e disponível para pesquisa no Arquivo Público Municipal de Caetité. Possui documentos que abrangem desde a segunda metade do século XIX até a década de 1960 e é composto em sua maioria por correspondências pessoais. Citado por Marcos Profeta Ribeiro, 2012, p.27.

Além disso, cabe salientar que boa parte da pesquisa se realizou, graças aos trabalhos que também utilizaram da documentação deste rico acervo composto por um montante de mais de cinco mil correspondências pessoais, diversas fotografias, cartões postais, telegramas, jornais, livros contábeis, dentre outros documentos. A leitura de alguns trabalhos sobre a historiografia local<sup>21</sup> foi fundamental para reconstituição do contexto histórico da cidade de Caetité no início do século XX.

Dentre esses trabalhos, cabe fazer referência a três que dialogam com este. O livro *Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927)*, resultado da pesquisa de Mestrado (2009) de Marcos Profeta Ribeiro publicado em 2012, em que o autor aborda a correspondência epistolar e as sociabilidades de um fazendeira do Alto Sertão da Bahia, trazendo uma contribuição importante para os estudos das relações de gênero, ao elaborar com sutileza o seu espaço de autonomia, ocultado pelo discurso ideológico dos papéis prescritos para as mulheres de elite. A dissertação de Mestrado, *Agora um pouco da política sertaneja: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924)* de Lielva Aguiar defendida em 2011 que traz uma análise da trajetória política da família Teixeira no alto sertão da Bahia, entre os anos de 1885, quando chega à cidade de Caetité, e 1924, data em que alcança uma grande vitória política, com a posse de Francisco Marques de Góis Calmon no governo do Estado da Bahia, destacando a trajetória do patriarca da família, Deocleciano Pires Teixeira. E ainda a dissertação de M<sup>a</sup> Lúcia Nogueira, *A Norma dos “Bons Costumes” e as Resistências Femininas nas Obras de João Gumes (Alto Sertão Baiano, 1897-1930)*, defendida em 2010 que prioriza a descrição das formas de pensar e de viver do Alto Sertão da Bahia, analisando os ritmos – permanências ou mudanças – do processo histórico no período e direcionando o olhar especificamente às mulheres daquela realidade social, considerando sempre as suas experiências e ações quotidianas que foram se tornando resistências e até transgressões ao que é dado como sua cultura, a despeito de toda uma tradição extremamente conservadora. Estes trabalhos foram de grande contribuição para a presente análise, com os quais possui pontos em comum, mas com enfoque diferenciado que revela as várias possibilidades de leitura de uma mesma fonte histórica.

---

<sup>21</sup> Recentes pesquisas na área de história, desenvolvidas a partir de temáticas locais e regionais, vêm possibilitando maior visibilidade sobre as dinâmicas econômica e social da cidade de Caetité. Dentre essas pesquisas podemos destacar as seguintes: SANTOS (2001); PIRES (2003 e 2009); DUTRA (2007); TEIXEIRA (2010); AGUIAR (2011); NOGUEIRA, G. (2011); NOGUEIRA, M. L. (2011); XAVIER (2011); SACRAMENTO (2012) e SANTANA (2012).

Em seguida, o cuidadoso processo de leitura e de análise das cartas foi extremamente necessário para reconstruir a história de vida de Celsina. Levando em consideração a necessidade de um maior contato com a correspondência durante o trabalho empírico, os documentos foram digitalizados com o uso de fotografia digital, sem o uso do *flash* (por ser danoso ao papel), para facilitar o acesso, a leitura, a sistematização dos dados e a análise dos documentos. Optamos por manter a grafia original do documento para não alterar o sentido do texto.

Celsina guardou por muitos anos a correspondência de sua família. A conservação das cartas significa a importância que ela atribuiu aos vínculos sociais, afetivos e familiares que estabeleceu ao longo de sua vida. Nesse sentido, o enfoque qualitativo implicou em observar atentamente na “prática [feminina] de escrever cartas, arquivar documentos e produzir memórias” (CATELLI, 1997, p.250) os fragmentos da trajetória desta mulher da elite, tanto na vida familiar quanto na vida social. A carta, como documento pessoal e familiar, possibilita por meio de suas descrições, o acesso a elementos da história de vida de uma pessoa e do seu grupo de pertencimento.

A leitura do acervo aponta que a atividade epistolar foi também desenvolvida por diversos membros da família, especialmente as mulheres, que, por meio das cartas, “armazenaram memórias de um tempo, partilharam confidências, estreitaram amizades e deixaram escapar as miudezas do cotidiano e da experiência familiar” e, sobretudo, a vivência em sociedade para além dos aspectos estritamente normativos (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p.8). Assim, por meio dos resquícios de memória social registrados na correspondência, buscou-se reconstituir a trajetória de Celsina na família e na sociedade caetiteense.

### 3.1 A MEMÓRIA SOCIAL E A ANÁLISE QUALITATIVA

Os estudos no campo da memória são bastante remotos, mas somente nas últimas três décadas do século XX, esses estudos, sobretudo no âmbito social, têm sido muito explorados por diversas áreas de conhecimento e sob diferentes perspectivas de análise. Na historiografia, por exemplo, a memória se constitui como objeto de estudo da história e também pode ser tratada como fonte histórica de acordo os interesses da pesquisa. Recentemente, sua reinserção, no século XX, marcou seu estatuto privilegiado na produção do conhecimento científico em áreas como a Psicanálise, a Antropologia e as Ciências Sociais:

[...] as possibilidades de estudo da memória são tão ricas e diversificadas e comportam tantas abordagens específicas – filosófica, psicológica, sociológica, psicossocial, histórica, cultural, literária, além de biológica e computacional – que o campo “transporta” de significados tão variados quanto desafiantes e que, por isso mesmo, não se prestam a um tratamento global e unificado. (SÁ, 2007, p.34).

Por isso, a memória é um fenômeno plural e multidisciplinar que ainda não possui um corpus teórico totalmente delimitado, ou seja, se apresenta como um campo epistemológico em construção. Um campo variado e desafiador, conforme Ochoa (2005, p.9) define-se como “o estudo da forma em que se lê, cria e recria o passado em cada tempo presente”. Assim como a história, a memória não reproduz as experiências passadas, é sempre uma reconstrução desse passado. Ela não recorda as coisas tais como elas foram. É a partir do presente que a memória “modula, recria, esquece e interpreta de diversos modos, o passado” (OCHOA, 2005, p.12).

Maurice Halbwachs, um dos pioneiros nos estudos sobre a problemática da memória em 1925, apresenta os princípios fundamentais de uma Teoria Sociológica da Memória enfatizando a relevância dos marcos de espaço e de tempo na construção da memória coletiva e das relações sociais (HALBWACHS, 2004, p.10). Para ele, a memória é uma construção sempre social e não pode ser considerada uma faculdade exclusivamente individual, pois os indivíduos recordam porque estão inseridos a um grupo social.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p.30).

Nesta mesma linha de raciocínio, Marina Maluf (1995, p. 35-37) destaca que a memória individual não é descartada por Halbwachs. Apesar de a lembrança nos parecer determinada pelo social, cada indivíduo se insere de uma forma peculiar nas várias redes das quais faz parte e nas quais atua. A sobrevivência do passado no presente e a possibilidade de reconstrução têm no grupo o suporte dos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Todavia, quem garante a rememoração do passado é o indivíduo.

Fica evidente que Halbwachs embora não negue que a atividade mnemônica é individual, ressalta que o indivíduo que lembra o faz como integrante de um grupo. O grupo social é o suporte das memórias individuais e coletivas, pois “se a memória coletiva tira sua

força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que lembram, enquanto integrantes do grupo” e além do mais, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa” (HALBWACHS, 2006, p.69).

Aróstegui (2006, p.514) afirma que “quando falamos do método e das técnicas de pesquisa utilizadas pelo historiador (com exceção da arquivística) para estudar o passado, precisamos recorrer a manuais, compilações e livros básicos pensados para outras ciências sociais”, especialmente a sociologia devido à carência de publicações dessa natureza. Mas, segundo esse autor isso “não é grave na medida em que muitas das técnicas da pesquisa social são perfeitamente aplicáveis à pesquisa histórica”.

Esta pesquisa é uma tentativa de reconstruir a trajetória de Celsina Teixeira a partir da análise qualitativa da memória social registrada na correspondência pessoal entre os anos 1916-1926. Propomos uma abordagem qualitativa das cartas, com o objetivo de perscrutar os indícios de uma participação ativa de Celsina (mesmo antes da doença do marido) atuando nos negócios da família e na vida local, seja na esfera pública ou privada.

Além disso, na análise da correspondência pessoal de Celsina Teixeira identificamos traços que apontam para a definição de memória social como importante conceito para compreender que por meio das cartas, Celsina estabelece importantes vínculos sociais com seu grupo: os pais, os parentes distantes, as irmãs solteiras, os irmãos casados, o filho Edivaldo que estuda no colégio interno em Salvador, as amigas e a sua irmã Hersília internada no convento Bom Pastor. E, mais concretamente, a partir da perspectiva epistemológica das mulheres e do gênero, defendida aqui, mostra as funções sociais em relação ao gênero, a definição dos papéis de gênero, especialmente da nossa protagonista Celsina Teixeira, a definição do espaço familiar e a estrutura de autoridade da família.

Apesar de nosso enfoque destacar as memórias de uma mulher da elite, não se priorizou o individual, pelo contrário, defendemos que o grupo social é o suporte das memórias individuais e coletivas de Celsina e de seu grupo.

Dispersa, a família mantém contato, restabelece ligações através da correspondência [...]. Receber notícias frequentes, regulares e principalmente “frescas” passa a ser uma necessidade. [...] Os filhos quando estão no internato, deve escrever pelo menos uma carta por semana. Um casal unido, provisoriamente separado, troca cartas a cada dois ou três dias. Para além do núcleo mais restrito da família, os parentes mais distantes entram nesse círculo com uma frequência que indica uma maior ou menor proximidade. (PERROT, 1991, p.187).

De acordo o pensamento de Perrot, podemos compreender a importância da correspondência como principal meio de comunicação entre as pessoas da época. Desde uma origem que se perde na antiguidade, “as cartas mantêm vínculos à distância e se movem entre presença e ausência”. Escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois através da escrita podem-se “compartilhar experiências íntimas e coletivas”. A escrita epistolar transforma a ausência em presença e o passado em presente, evita o esquecimento, cria e reforça elos de amizades, enfim, a troca de missivas estabelece verdadeiros “laços de papel” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2000, p.5-9).

Naquele contexto, podemos reafirmar com segurança a importância das cartas como veículos de informações, que acabavam por “garantir os elos familiares e as redes de relações mais amplas” (CATELLI, 1997, p.84). “As cartas celebravam esses laços familiares, garantiam a continuidade da ‘grande família’ por meio das trocas epistolares” (CATELLI, 1997, p.95). Ao longo da história a prática feminina de escrever cartas, arquivar documentos e produzir memórias tornou-se marcante na preservação das reminiscências familiares.

O trabalho com as cartas é algo muito atraente como aponta Catelli (1997, p.251) porque a descoberta de uma carta nos desperta a curiosidade para conhecer a história, o contexto em que foi produzida, a trajetória pessoal e familiar dos missivistas. A partir da leitura de um conjunto de cartas de um mesmo missivista podemos fazer conexões entre fatos dispersos e reconstruir os indícios de uma trajetória de vida. As cartas foram comumente usadas na elaboração de biografias de personalidades de destaque na vida pública e também na elaboração de histórias de vida de pessoas ilustres (CATELLI, 1997, p.252).

A escrita e a leitura de uma correspondência pessoal são práticas sociais que compartilham experiências que constituem a história de vida dos sujeitos. Segundo Salomon (2002, p.11) “as cartas constituíam, tanto para quem escrevia como para quem as recebia, momento de supressão do espaço, o alimento da memória, a imaginação enraizada na lembrança dos ausentes”.

### 3.2 ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE AS MULHERES NO BRASIL

Nos últimos anos, os estudos sobre as mulheres na historiografia brasileira, foram ampliando-se e diversificando-se porque “a presença crescente das mulheres em diferentes espaços instigou os interessados na reconstrução de experiências, vidas e expectativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como sujeitos da história e objetos de

estudo” (MATOS, 1998, p.67) assim como no contexto científico-social internacional, onde destacamos os trabalhos da socióloga Antonia García de León (2002) com as elites profissionais femininas na Espanha.

Para termos uma ideia do aumento das publicações sobre as mulheres no Brasil, destacamos a produção historiográfica da década de 1980 que apresenta uma significativa contribuição de historiadoras que iniciaram a discussão da temática. Nesse cenário, Rachel Soihet e Joana M<sup>a</sup> Pedro (2007, p.282)<sup>22</sup> apresentam importantes publicações como o livro *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX* em 1984 de M<sup>a</sup> Odila Leite da Silva Dias; *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930* em 1985 de Margareth Rago; *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros* em 1984 de Miriam Moreira Leite.

Em 1989, ano de publicação de um número todo dedicado ao tema: A mulher no espaço público da *Revista Brasileira de História* elas destacam: *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*, de Martha Esteves; *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920* de Rachel Soihet; *As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX e Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro* de Magali Engel.

A partir de então, inúmeras pesquisas foram aparecendo em importantes eventos científicos nacionais (SPBC, ANPUH, ANPOCS) e muitas delas vêm sendo publicadas em dossiês de revistas especializadas em história das mulheres e estudos de gênero como *Revista Estudos Feministas, Espaço Feminino e Gênero* e outras que apesar de não serem dedicadas ao tema, também publica artigos na área como a *Revista Esboços*, a *Revista ArtCultura*, a *Revista Fronteiras* e a também a *Revista Brasileira de História* (SOIHET; PEDRO, 2007, p.283-284).

Ainda na década de 1980, surge no ano de 1983 o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, NEIM, o segundo do gênero criado no Brasil, como um programa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA (vinculado ao Mestrado em Ciências Sociais). O NEIM definiu como objetivos estimular o ensino, a pesquisa e a extensão no campo dos estudos sobre a mulher e as relações de gênero. Atualmente, o núcleo é um centro de referências para os estudos nesta área específica (PASSOS, 1997, p.8).

Nos anos de 1990, um grupo de pesquisadoras constituído por Margareth Rago, Adriana Piscitelli, Elizabeth Lobo e Marisa Corrêa formaram um grupo de estudos de gênero

---

<sup>22</sup> Essas publicações e várias outras aparecem citadas no artigo: A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero, publicado na *Revista Brasileira de História*. 2007, p.281-300.

com a finalidade de criar posteriormente um grupo de pesquisa (RAGO, 1998, p.89). Reuniram-se com intelectuais feministas de todo país (e outras do exterior), dentre elas: Heleieth Saffioti, Celi Pinto, Eva Blay, Maria Luiza Heilborn, Eleonora Menicucci de Oliveira, Albertina de Oliveira Costa, Cristina Bruschini, Lia Zanotta e Lena Levinas. E logo, criaram na Unicamp o Núcleo de Estudos do Gênero Pagu e a publicação de uma revista que se difundiu discutindo assuntos relacionados à feminilidade e também a masculinidade (RAGO, 1998, p.89-90).

Atualmente, podemos também mencionar duas importantes coletâneas que contam histórias instigantes sobre a temática: *História das Mulheres no Brasil* organizada por Mary Del Priore e *Nova História das Mulheres no Brasil* organizada por Carla Bassanezi e Joana M<sup>a</sup> Pedro que apresentam pesquisas mais recentes sobre as mulheres nos séculos XIX e XX respectivamente. Mas as pesquisas não se encerram aqui, é crescente o aumento no número de trabalhos abordando diversos temas que envolvem as mulheres e as relações de gênero.

É necessário considerar que muitas conquistas foram alcançadas neste sentido. Saímos de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, e passamos a outra em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades: mulheres negras, índias, mestiças, pobres, trabalhadoras, ricas e tantas outras. O campo de estudo ficou mais definido. Mesmo assim, ainda exige atenção e esforço na busca de maior legitimidade acadêmica. Há muitos aspectos desse mundo feminino tão diverso que precisam ser mais explorados pela historiografia. O estudo das mulheres pertencentes aos grupos de elite em um contexto específico, por exemplo, ainda se constitui em novidade na nossa historiografia regional, mas vem se despontando depois da ampliação do campo de análise do (a) historiador (a).

### 3.3 HIPÓTESES CENTRAIS PARA ANÁLISE DA CORRESPONDÊNCIA DE CELSINA TEIXEIRA

A nossa hipótese central entende-se em relação com nosso marco teórico e se fundamenta no material empírico coletado da correspondência pessoal de Celsina Teixeira aponta como ela vai construindo sua identidade de gênero misturando elementos da definição tradicional do gênero feminino com elementos de um novo papel de gênero no qual o espaço público é relevante e, como ela assume um papel ativo na organização doméstica, mas também laboral no contexto dos negócios da família e do seu esposo.

Concretamente, Celsina Teixeira mostra indícios de sua participação ativa na família, mas especialmente na direção dos negócios que tradicionalmente era reservada ao gênero masculino. Por isso, queremos investigar nas cartas a alcance de sua atuação como mulher da elite naquela sociedade. A trajetória será analisada por meio de sua correspondência pessoal, entre os anos de 1916, quando seu esposo adoece, e ela assume sozinha a administração dos negócios da família e 1926, data em que o mesmo falece após “11 anos e cinco meses de martírio” (CELSINA, 1926).

No contexto, observamos a importância das cartas com uma forma peculiar de sociabilidade e de expressão femininas que comunicam as definições dos papéis de gênero. O conteúdo das correspondências de Celsina Teixeira revela indícios de uma participação ativa nos negócios da família e na vida local, desde o início de seu casamento com Juca. Revela uma mulher que tem importante atuação nas esferas privada e pública, nos negócios da família e na vida local diferentemente da atuação da maior parte das mulheres de seu tempo.

Os papéis desempenhados por essa mulher da elite se sobressaem neste trabalho porque mesmo educada sob moldes “tradicionais”, conseguiu inserir-se em um novo papel de gênero, ou seja, acrescentou novos elementos aos “papéis tradicionais” (como os de esposa, mãe e dona de casa) atribuídos à mulher. Sua atuação deu a ela um destaque na família e na sociedade caetiteense.

Na trajetória de Celsina a educação familiar (recebida em casa), a religiosa (seguindo os preceitos morais da Igreja Católica), a intelectual (na Escola Normal, destinada às meninas ricas da cidade, nos passeios e viagens) e o casamento (entre duas famílias ricas de posses e prestígios) foram fundamentais na aquisição de papéis tradicionais do gênero feminino, mas também contribuíram para a incorporação de novas experiências de administração e de liderança ao longo de sua vida como mulher da elite, isto é, a incorporação de elementos novos ao papel e a função tradicional do gênero feminino. Desde o início de seu casamento em 1910, Celsina participava das decisões de Juca a respeito dos negócios, opinando sobre o andamento de algumas transações financeiras.

Enfim, pretendemos com esta análise qualitativa alargar as discussões e os estudos sobre as mulheres, pois esta hipótese central do nosso trabalho insere nossa pesquisa na linha dos estudos sobre as mulheres na historiografia local.

#### 4 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE CELSINA TEIXEIRA NA CIDADE DE CAETITÉ NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 1916 A 1926 NA CORRESPONDÊNCIA

Segundo Catelli (1997, p.106) “a correspondência pessoal construía e solidificava uma rede de relações, composta principalmente por parentes. As mulheres tinham um papel especial nessa construção, realizada não só por meio das cartas, como nas memórias e demais práticas femininas”. A partir da análise das cartas de Celsina Teixeira, foi possível captar aspectos importantes de sua história de vida e reconstruir sua trajetória a partir de cinco categorias que elegemos como centrais para a elaboração de uma pesquisa sobre as mulheres da elite.

Para contextualizar nossa investigação, apresentamos em linhas gerais, alguns aspectos históricos da cidade de Caetité, no início do século XX, fundamentados na historiografia local, alguns aspectos biográficos que consideramos relevantes na trajetória de Celsina e de sua família e uma análise descritiva dos papéis e das funções que lhes foram atribuídas naquele contexto em relação à família, à educação, à igreja, ao casamento e às atividades desenvolvidas por ela, dentro e fora do âmbito doméstico, tais como: a administração do lar e das fazendas e a direção da Associação de Senhoras de Caridade em Caetité.

##### 4.1 A CIDADE DE CAETITÉ NO INÍCIO DO SÉCULO XX

De acordo Nogueira (2010, p.127) os novos estudos historiográficos sobre o sertão da Bahia têm nos auxiliado a trazer à luz dos processos históricos as experiências de novos sujeitos que ficaram escondidos por um longo período, especificamente do “silêncio” e da “ausência” a que ficaram relegadas as mulheres. Nesse contexto, como discutimos no capítulo um, destacamos a importância dos estudos das mulheres e das relações de gênero na elucidação dos novos significados do feminino e do masculino na produção historiográfica atual.

A análise da documentação que descrevemos a seguir e alguns importantes trabalhos sobre a historiografia local e regional nos trazem alguns traços da vivência sertaneja em Caetité nas primeiras décadas do século XX. Segundo a pesquisa de Nogueira (2010, p.31-42)<sup>23</sup> “a cidade de Caetité e o todo Alto Sertão da Bahia eram rincões onde a vida transcorria

---

<sup>23</sup> NOGUEIRA, M<sup>a</sup> Lúcia P. Silva. *A Norma dos “Bons Costumes” e as Resistências Femininas nas Obras de João Gumes* (Alto Sertão Baiano, 1897-1930). Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo – SP, PUC, 2010, p.31-42.

assim... tranquilamente. O sertanejo aqui vivia as amarguras de um clima semi-árido regulando o seu cotidiano e seus projetos ao ritmo da natureza”, períodos prolongados de seca intercalados por curtos períodos de chuva conforme observamos em várias cartas de Celsina e de Juca.

Apesar dessa oscilação climática, a cidade encontrava-se em uma situação geográfica privilegiada, localizada nas elevações da Serra Geral e possuindo os bons ares de um clima tropical favorecido pela altitude de 825m, transformou-se em um ponto de apoio para os viajantes e tropeiros que vinham da região do médio São Francisco na Bahia com destino a Feira de Santana e em direção oposta, ao estado de Minas Gerais.

Os sertanejos em Caetité dedicavam-se especialmente às atividades agropecuárias ou atividades de mineração<sup>24</sup> e ao comércio bastante variado que trazia grande movimentação à cidade, a exemplo da visita periódica de comerciantes que chegavam com grande alvoroço, em caravanas de muitos animais, trazendo as últimas novidades em produtos que circulavam em outros lugares (NOGUEIRA, 2010, p.33). Ainda segundo a autora, nos anos de 1920, Caetité também viveu o “espírito progressista” que perseguia o ideal de “civilização” e de urbanização presentes em várias partes do país (especialmente São Paulo e Rio de Janeiro), adquirindo conquistas materiais como água encanada, luz elétrica. Todavia, o abastecimento de água, por exemplo, não beneficiava a todos. A maioria da população tinha que buscar água nos espaços públicos.

Caetité era, naquele contexto, um importante centro político e sócio-cultural da região, com uma situação privilegiada em relação a outras cidades em seu entorno. Mas a cidade ainda não representava para seus moradores uma vivência exclusivamente urbana, pois grande parte da população retirava do campo os seus meios de subsistência e alternavam suas rotinas entre a vida no meio rural e a vida na cidade.

Assim, muitas pessoas residentes na cidade, tinham as suas atividades desenvolvidas na zona rural; às vezes passavam dias na fazenda ou “na roça” – como dizem os pequenos proprietários - dedicando-se às suas rotinas de trabalho na lavoura ou nos cuidados com a criação de gado, retornando à cidade com certa regularidade, revezando assim o seu tempo entre o campo e a cidade. Os grandes proprietários passavam temporadas nas fazendas e tinham grande parte dos seus lucros amealhados em diferentes negócios feitos nas fazendas como o exemplo da produção de requeijão da família de Celsina Teixeira. (NOGUEIRA, 2010, p.44).

---

<sup>24</sup> Segundo alguns trabalhos sobre a historiografia regional, podemos citar: o garimpo de ouro, cristais e ametistas.

Para uma melhor compreensão dessa forte ligação entre o rural e o urbano em Caetité, ressaltamos que a produção advinda do trabalho na lavoura e na criação de gado servia tanto para o consumo da população no campo quanto para o abastecimento da população na cidade por meio do comércio nas feiras. Segundo Pires (2009, p.147) “parte considerável da população sobreviveu direta ou indiretamente do trabalho desenvolvido em fazendas e roças”, ou seja, ricos proprietários e pobres lavradores estavam inseridos nessa economia.

Os trabalhos da lavoura e do gado sustentavam a maior parte dos homens, mulheres e crianças, e absorvia-os no curso de suas vidas. Os trabalhos de limpa, plantio e colheita obedeciam às estações do ano, aos períodos de chuvas e estiagens, que tornavam propício o cultivo do milho, feijão, mandioca, café, frutas, verduras e cana-de-açúcar. Essa produção agrícola servia tanto ao consumo como à venda e, juntamente com a criação de gado, sustentou a economia regional ao longo do século XIX e início do século XX. (PIRES, 2009, p.147).

Conforme apresenta Pires no trecho acima a pecuária tornou-se a principal atividade econômica para as famílias mais abastadas, ao longo do século XIX, até as primeiras décadas do século XX. A família Spínola Teixeira, por exemplo, envolveu-se em diversas atividades econômicas que lhe proporcionaram o alargamento das riquezas e do patrimônio da família. Entre elas estavam a criação de gado, a produção de gêneros alimentícios e as atividades ligadas às suas fazendas que também foram observados por Aguiar (2011, p.40) nos registros contábeis do Livro Caixa de Deocleciano Pires Teixeira.

O excedente da produção dos pequenos lavradores era comercializado nas feiras. Nogueira (2010, pp.49-50) destaca que “as feiras eram realizadas aos sábados, mas começavam a ser organizadas na sexta-feira à tarde”. Entre os produtos comercializados, encontrava-se uma variedade e os produtos básicos como “arroz, feijão, milho, farinha e frutas variadas, verduras e carne bovina, carne suína, frangos e ovos”. A carne bovina era a mais consumida.

Naquele contexto, Silva (1932, p.170) apresenta muitas outras atividades econômicas que foram desenvolvidas em Caetité, tais como a fabricação da farinha de mandioca; os alambiques que produziam aguardente, as “engenhocas” movidas a tração animal que produziam açúcar e rapadura; a fabricação de requeijão, queijo e manteiga de garrafa, que eram comercializados nas feiras semanais juntamente com o “feijão, arroz, milho, carne-de-sol, toucinho, farinha de milho, tapioca, café, couros, peles, algodão em rama, utensílios de chifre, balaios, esteiras, chapéus, legumes, verduras e frutas diversas” (SILVA, 1932, p.172).

No entanto, nos períodos de seca no sertão, essa variedade de produtos comercializados nas feiras ficava afetada e os preços subiam muito como bem informa Celsina no trecho a seguir:

Querido Juca

**Depois de muitos dias de grande calor, hoje estão-se formando bonitas armações, prometedoras de chuvas.**

**O povo continua a sair para S. Paulo: de ontem para hoje, dizem que vão sair perto de 60 pessoas.**

**Os gêneros estão subindo; farinha, na feira passada deu a 7 e 8 litros; arroz a litro e meio e 2 litros; feijão, o mesmo. Muitos estão comprando para guardar. [...]. Celsina.<sup>25</sup>**

O acervo analisado também traz outra situação bastante peculiar na vida do sertanejo durante os longos períodos de estiagem, principalmente entre as camadas menos favorecidas. Conforme ressalta Aguiar (2011)<sup>26</sup> a população mais pobre, sentindo de perto essas crises, foi coagida a buscar outras alternativas de sobrevivência como a mendicância, a “vadiagem” e principalmente, a migração para outras regiões como São Paulo em busca de melhores condições de trabalho. “Encurralada pela falta de alternativas, a mendicância, o roubo, a ‘vadiagem’, em virtude da falta de emprego, e a migração para outras regiões foram destinos recorrentes para os mais pobres” (AGUIAR, 2011, p.45).

Nenem;

[...] A secca continua. O gado já está sentindo bastante. Está uma tristeza! Tudo secco... O ceu varrido.

Sem nuvens, rutilante,

E o sol parece rir,

Muito divertido,

Do quadro angustioso e lancinante

Da secca do sertão.<sup>27</sup>

Caetité, 15 de Março de 1926

Meu querido Edivaldo

[...]. Tem chovido constantemente. Muito prejuízo vae tendo a lavoura com isto.

São muitas as casas e muros que tem cahido. Cahio o nosso muro do outro quintal, do outro lado da rua.

O gado felizmente vae bem. [...]

Celsina.<sup>28</sup>

<sup>25</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Caetité, 2 de abril de 1913. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>26</sup> AGUIAR, Lielva Azevedo. *Agora um pouco da política sertaneja: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia* (Caetité, 1885-1924). Dissertação de Mestrado em História Regional e Local. Santo Antônio de Jesus – BA, UNEB, 2011. A presente dissertação destina-se à análise da trajetória política da família Teixeira no alto sertão da Bahia, entre os anos de 1885, quando chega à cidade de Caetité, e 1924, data em que alcança uma grande vitória política, com a posse de Francisco Marques de Góis Calmon no governo do Estado da Bahia.

<sup>27</sup> *Carta para Celsina*. Acervo Particular da família de Deocleciano Pires Teixeira. Correspondências Recebidas. 1925, Não foi possível identificar o autor da correspondência, pois esta se encontra sem assinatura.

Caetité, 27 de Março de 1926

Saudoso e querido Filhinho

[...] Continua o inverno rigoroso, causando serios prejuízos. Nos Campos, a tapagem do tanque foi-se embora! Imagina, que prejuízo!! A lavoura está quasi perdida, e é provavel que para o anno haja falta de mantimentos. [...]

Celsina.<sup>29</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, a seca mudava a paisagem e entristecia a população em geral, e até as famílias mais abastadas, sentiam as crises provocadas pela oscilação climática (prejuízo na lavoura e falta de mantimentos). Mas, essas famílias constituídas, sobretudo, por grandes fazendeiros como Deocleciano Teixeira valiam-se de outros recursos para enfrentar os períodos de crise. Podiam comprar alimentos para estocar, construir tanques para a captação das águas da chuva em suas fazendas. A população mais pobre sofria muito com os problemas causados ora pela seca ora pelos invernos rigorosos.

#### 4.2 A TRAJETÓRIA DE CELSINA TEIXEIRA

Para pesquisar concretamente a trajetória de Celsina, partimos da leitura e da análise de sua correspondência pessoal e selecionamos algumas categorias que aparecem como centrais na vida dela. As categorias selecionadas foram: a família (da elite), a educação, o casamento, a religião e a sua participação na Associação de Senhoras de Caridade porque são temas que se sobressaem em sua atividade epistolar.

As opções de vida disponíveis às mulheres de elite estavam intimamente ligadas aos interesses de sua família. Muito embora, mulher e família não devam ser vistas como uma unidade natural, ao longo da história, é importante considerar o papel central da família na formação das moças sertanejas, desde os primeiros anos de vida. Na família, elas recebiam uma educação voltada para o aprendizado das chamadas prendas domésticas.

No entanto, a formação de Celsina não se restringiu ao aprendizado de instrumentos musicais (bandolim) ou ao cumprimento das tarefas domésticas, ela ingressou na escolarização normal que serviu inicialmente, à instrução das meninas ricas da cidade, mas também participou da administração dos negócios da família. Nesse aspecto, o casamento com Juca ocupou um lugar estratégico e fundamental para manter o prestígio e a estabilidade social das famílias Spínola e Teixeira. Após o casamento, ela acompanhou o marido em

<sup>28</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Edivaldo (Filho de Celsina). Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 01. [23].

<sup>29</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Edivaldo (Filho de Celsina). Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 01. [22].

muitas viagens entre a cidade e o campo para administrar as fazendas e os negócios do casal sem descuidar do lar.

A Igreja também valorizou a importância da mulher virtuosa associada aos papéis de esposa fiel, mãe cuidadosa e boa dona de casa, mas também se instituiu como o ponto de partida para as mais diversas atuações sociais das mulheres fora do lar, especialmente a Caridade. Celsina fundou e liderou por anos uma associação benemerita em Caetité. A participação feminina em atividades filantrópicas foi muito significativa, pois representou no caso de Celsina uma oportunidade de inserção social ao espaço público.

As cartas escritas por mulheres como Celsina indicam que ela tinha uma vivência bastante vinculada a casa, especialmente nos cuidados com o marido e com o filho e na organização do espaço doméstico. Mas também revelam, paralelamente a esta rotina, algumas práticas femininas no espaço público rompendo com uma rígida divisão de fronteiras que restringe o universo feminino a esfera privada, e o mundo masculino, a esfera pública. Muito embora, Celsina não tivesse consciência da importância de sua trajetória na construção de novos papéis do gênero feminino para a época, sua história de vida nos ajuda a pensar esses “espaços femininos” como palcos onde a história acontece.

#### 4.2.1 Celsina e a família Spínola Teixeira

A partir dos dados apresentados na pesquisa de Ribeiro (2012)<sup>30</sup>, Celsina Spínola Teixeira, filha do médico e fazendeiro Deocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira<sup>31</sup>, nasceu na cidade de Caetité-BA, no dia 10 de Outubro de 1887 e faleceu na mesma localidade no ano de 1979. Em 1909, casou-se com o farmacêutico, proprietário de terras e de gado, José Antônio Gomes Ladeia (conhecido como Juca)<sup>32</sup>. Deste casamento, realizado sob regime de comunhão de bens, nasceu um único filho, Edivaldo Teixeira Ladeia, em 1910.

<sup>30</sup> No livro intitulado *Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia*: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927), Ribeiro aborda a correspondência epistolar e as sociabilidades de uma fazendeira nascida em Caetité, trazendo uma contribuição importante para os estudos das relações de gênero, ao elaborar com sutileza o seu espaço de autonomia, ocultado pelo discurso ideológico dos papéis prescritos para as mulheres de elite.

<sup>31</sup> Do casamento com Anna nasceram Evangelina (1886), Celsina (1887), Hersília (1891), Celso (1893), Oscar (1894), Leontina (1896), Jayme (1898), Anísio (1900), Nelson (1903), Angelina (1905) e Carmem (1909). Acervo do Poder Judiciário. Fundo: Fórum César Zama. Grupo: Cartório de Registro Cível. Série: Autos Cíveis. Subsérie: Registro de Nascimentos. Notação: Livros A3 a A5 (sede). Citado por Ribeiro (2012, p.25).

<sup>32</sup> Filho do coronel Antônio Rodrigues Ladeia Lima e Sophia Elvira Gomes Ladeia. Neto do barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto.

Segundo Aguiar (2011, p.16) Deocleciano Teixeira<sup>33</sup>, em virtude de sucessivos momentos de viuvez, casou-se com três filhas de Antônio de Souza Spínola (chefe político da cidade de Lençóis) e Constança Pereira Teixeira (herdeira de grandes propriedades no baixio de Monte Alto), uma família rica, de posses e influências na região. “Graças a tais casamentos, tornou-se proprietário de largas extensões de terra, gado e escravos em fazendas localizadas à margem do rio São Francisco”. Como afirmam Maluf e Mott (1998, pp.390-391) os interesses familiares e as conveniências econômicas representavam um papel fundamental nos arranjos conjugais.

Sendo proveniente de uma família tradicional, residente em Lençóis, na Chapada Diamantina, que mantinha posses e escravos, Anna Spínola Teixeira, assim como suas irmãs, que também foram, sucessivamente, casadas com Deocleciano, era também uma das herdeiras dessas extensas posses na região do Médio São Francisco, deixadas pelo tio Aristides Spínola que não teve filhos (AGUIAR, 2011, p.38).

[...] o casal Antônio e Constança teve dez filhos e somente as mulheres eram herdeiras das fazendas que beiravam o rio São Francisco. Das oito herdeiras, duas se casaram, porém, não deixaram filhos; três se casaram com Deocleciano e as demais ficaram solteiras e sob a “tutela” do mesmo. [...] além de administrar os bens das cunhadas solteiras, o que fez até a data de 4 de dezembro de 1930 (dias antes do seu falecimento), Deocleciano Teixeira teve acesso a maior parte na herança da família Spínola, composta, dentre outras posses, pelas fazendas em questão, onde manteve grande criação de gado e vários escravos. (AGUIAR, 2011, p.53).

A autora salienta que em 1885, Deocleciano mudou-se para Caetité, junto com sua esposa Anna Spínola Teixeira e os filhos: Alice Maria Spínola Teixeira (do primeiro casamento com Mariana de Souza Spínola), Mário e Alzira Spínola Teixeira (do segundo casamento com Maria Rita Spínola Teixeira). Em relação à organização familiar, ela aponta que se caracterizava como uma tradicional família de elite dos fins do século XIX: “extensa, afortunada, patriarcal e católica” (AGUIAR, 2011, p.17) apesar de composta por mulheres atuantes na sociedade e nos arranjos familiares, a família Teixeira ainda contava com a forte influência masculina do pai como “chefe da família” (AGUIAR, 2011, p.18).

---

<sup>33</sup> Filho do comerciante de pedras preciosas Major Antônio Teixeira que não deixou fortuna aos filhos, mas nos anos áureos do comércio, ofereceu-lhes uma educação compatível àquela oferecida pelas famílias mais abastadas. Formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia em 1870. Durante o curso, serviu como médico voluntário na Guerra do Paraguai, recebendo, em função dos serviços prestados, uma pensão vitalícia posteriormente herdada por seus filhos. Foi nomeado 2º Cirurgião do Corpo de Saúde da Marinha, exercendo o cargo de 1873-1876. Mudou-se para Minas Gerais e voltou à Bahia, em Caetité manteve sua carreira política assentada em bases sólidas, tecendo no alto sertão da Bahia uma política de alianças e disputas. Citado por Aguiar, 2011, p.74-77.



**Imagem 01:** Família Teixeira. Acervo Arquivo Público Municipal de Caetité [autoria desconhecida, 1907, data estimada].<sup>34</sup>

Nos dois diferentes trechos abaixo, podemos identificar algumas atitudes autoritárias desse chefe de família, apontadas pela filha e pela esposa, respectivamente, enquanto contam as notícias dos familiares.

Caetité, 1º de Março de 1916.

Nenem

[...] **Papae e Tio Rogociano, parece que viajarão por todo este mez.** Eu não irei não é por falta de vontade, tenho receio de isolamento. [...].

**O Dr Polybio e o Manoel Tanajura chegaram no dia 24. Houve recepção festiva: encontro, foguetes, musica e jantar em casa do José Antoninho. No dia seguinte teve logar a manifestação; dansa, jogo, etc Poucas senhoritas. D'aqui só foram Papae e Tio Rogociano.**

Oscar já está em S. Paulo. Anisio só me escreveu de Machado Portella. [...].

Saudosa abraça-lhe affectuosamente a irmã, am<sup>a</sup>.

Evangelina.<sup>35</sup>

Caetité, 07 de Março de 1917.

Celsina

[...] **Tenho tido muitas saudades a casa esta vazia e triste,** ainda não achei um lugar Carmen e Evangelina que é a única animação que tem na casa vão para a escola fico mto. só **sem ter uma pessoa para dizer uma palavra. Deocleciano é como V. sabe passa o dia todo escrevendo nem tem intimidade na casa tanto que estou em um izolamento terrivel nunca me vi tão só!**

Edivaldo tem feito muita falta as meninas tem tido muitas saudades d'elle.

<sup>34</sup> Segundo informações fornecidas por Yêda Teixeira de Castro e Anísia Bastos respectivamente sobrinha e afilhada de Celsina Teixeira, as pessoas que aparecem na fotografia foram assim identificadas atrás e em pé (a partir da esquerda): Evangelina, Hersília e Celsina, em seguida da esquerda para a direita: Oscar, Deocleciano (sentado), Leontina (em pé, ao centro), Anna (sentada) e Celso. No colo de Deocleciano: Nelson com Anísio segurando a mão de Jayme e no colo de Anna, Angelina. Citado por Ribeiro, 2012, p.95.

<sup>35</sup> EVANGELINA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 1º de Março de 1916. Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

Tem vindo aqui muitas visitas mas demoram pouco. [...]. Recebi hoje carta de Oscar e uma tambem para V. ahi ver o que dizia da molestia de Juca [...]. Juca continua com o encommodo da garganta ou melhorou com a viagem? [...] a benção e um abraço de sua mãe muito am<sup>a</sup>. Anna.<sup>36</sup>

Em Caetité, a família encontrou um terreno propício para a manutenção e expansão de suas riquezas por meio de “arranjos matrimoniais, apadrinhamentos, alianças políticas, inserção em redes sociais influentes [...], negócios relacionados às fazendas e criações de gado, [...], empréstimos em dinheiro, envolvimento político” entre outras estratégias de consolidação do patrimônio (AGUIAR, 2011, p.18).

A trajetória de Celsina Teixeira Ladeia e de outras mulheres de sua família, “especificamente sua mãe Anna e suas irmãs Evangelina e Hersília”, conforme enfatiza Ribeiro (2012, p.33), “não apontou para manifestações de natureza contestatória quanto à aparente condição de submissão da mulher” à função de mãe e de educadora no contexto familiar e social. Num primeiro instante de observação, o acervo sugere que a presença feminina também estava “restrita” aos espaços da casa e da igreja conforme destacamos nas cartas que seguem:

Caetité, 14 de Abril de 1916.

Nenem

[...]. **Tilinha continua na mesma lida. Quando o padrinho estava aqui, não fazia outra cousa senão tratá-lo café pela manhã bem acompanhado, cremes, mingaus, siricaia, etc, depois do almoço, os quartos arrumados e limpos todos os dias.**

Carmita ficou muito satisfeita com as cartas de Papae e de Edivaldo. Ella continua estudando regularmente e assim Angelina.

**O Pe. Santos vai fazer domingo de ramos um communhão solemne dos meninos do cathecismo. O Bispo vai dar a communhão. Carmita e Alice (neta da Victoria) vão vestir de anjos para segurarem a toalha dos commugantes. [...].**

Saudades a todos. [...]. Evangelina.<sup>37</sup>

Caetité, 1º de Maio de 1916.

Sissinha

[...]. **A semana santa aqui foi a mesma que o anno passado. O Bispo promette para o anno, querendo Deus, fazer uma bôa semana santa. Hoje começam as novenas do mez de Maria, a igreja de S. Benedicto apesar de pequena tem a vantagem de ser mais fácil para enfeitar e illuminar. A minha novena que será depois d’amanhã, já estou projectando como hei de fazel-a. [...]. Temos apreciado os saborosos doces**

<sup>36</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 07 de Março de 1916. Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>37</sup> EVANGELINA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 14 de Abril de 1916. Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

e requeijões que V. nos tem mandado, os doces de leite foram muito bem aproveitados. [...].  
 Aceite saudades de todos beijos em Edivaldo que abençoô.  
 Saudosa abraça com affecto a Irmã muito amiga Tilinha.<sup>38</sup>

Nesse sentido, afirma Ribeiro (2012, p.126) que tanto Celsina (Sissinha) quanto suas irmãs Evangelina (Vanvam) e Hersília (Tilinha) “participaram de um contato mais intenso com a mãe”, “aprenderam com ela a costurar tecidos, estratégias e os métodos de organização da casa e tudo que nela estava contida (dinheiro, bens e pessoas)” e por isso, conclui que:

As experiências (métodos) transmitidas de Anna Spínola Teixeira para as filhas, sobretudo as mais velhas, Evangelina, Celsina e Hersília, devem ser analisadas, não apenas em consonância com uma série de ensinamentos relacionados às condutas e valores morais exigido das mulheres, mas principalmente, como uma redefinição dos significados da palavra poder, aprendido desde cedo e que foram reelaborados constantemente por elas, no devir cotidiano em um cenário social em plena transformação (RIBEIRO, 2012, p.118-119).

Na análise da correspondência pessoal, observamos que Celsina foi uma mulher muito ligada à família e a casa. Em vários trechos ela aparece atenta aos acontecimentos que envolvem a vida de seus familiares: pai, mãe, irmãos e sobrinhos. E mesmo depois de casada, ela não perdeu o vínculo com sua família de origem, graças às cartas ela continuou em contato quando estava distante. As trocas epistolares amenizaram as saudades e garantiram as relações sociais e afetivas, pois foram responsáveis pela celebração dos laços familiares e pela continuação da ‘grande família’.

Caetité, 13 de Março de 1916.

Nenem

[...]

Angelina continua sempre pachorrenta, diz D. Jovina que ella está estudando mais do que no anno passado. Carmita está estudando commigo e sempre com muito gosto. Está agora aprendendo uma poesia para recitar domingo, no baptizado de uma boneca de Zelinda. [...] Leontina continua na mesma occupação recebendo e respondendo cartas. Tenho recebido cartas de Anisio que vai indo bem e assim Jayme, este ainda não escreveu. [...].

Hontem estive em sua casa, podei as roseiras, cortei-as pouco porque ja tinha passado o tempo e ellas já têm brotos novos. Não podei no dia próprio porque a chuva não deixou. [...].

Abraços e saudades de todos e da irmã am<sup>a</sup>.

Evangelina.<sup>39</sup>

Caetité, 14 de Março de 1916.

Celsina

<sup>38</sup> HERSÍLIA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 1º de Maio de 1916. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>39</sup> EVANGELINA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 13 de Março de 1916. Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

[...]. Todos os de casa estão com saúde, Alzira tem passado bem. Hoje recebi cartas de Anísio, Jayme e Oscar. [...] Todos estão bons e os meninos satisfeito no Collegio.

Recebi os doces e requeijões, muito agradeço-lhe; os requeijões estão muito bons. [...] Domingo estive em sua casa o jardim com as chuvas está muito bonito. [a carta está incompleta].

Anna.<sup>40</sup>

Bahia, 2 de Janeiro de 1918.

Papae e Mamãe

Boas festas e feliz entrada de anno novo, com votos de felicidades, é o que de coração vos desejo e às meninas. **Devido ao exame dos meninos, que terminam a 17, só poderemos tomar o vapor de 22 em Juazeiro.** As meninas queriam ir por Machado para chegarem mais depressa; eu então ia com Anísio, (cujo exame vestibular é a de 17 deste) pelo Juazeiro, por ser mais cômoda a viagem para Juca, que infelizmente volta quase no mesmo. Cada dia elle vae se tornando mais uma creança passiva. Quando não sae passa o dia todo defronte da janella olhando para o mar e às vezes conversando sozinho. [...].

**Amanha vou levar Edivaldo para examinar novamente a garganta, que o Dr Eduardo Moraes, acha que precisa raspar umas pelles, moléstia muito comum nas creanças, e que impede engordar e crescer.** [...].

Yaya e as meninas têm sahido, tomando providências para a viagem. [...]. **Os meninos tem se sahido bem nos exames, Anísio tirou plenamente nos três; e Jayme fez o primeiro hoje, tendo tirado plenamente 8.**

Muitas lembranças a todos, e saudosa abraça e pede a benção a filha mto am<sup>a</sup> Celsina.<sup>41</sup>

Conforme observamos nas cartas acima, enquanto Celsina está distante, ela continua a receber notícias dos demais familiares e dos cuidados com sua casa em Caetité. Mas, sobretudo nas notícias trazidas pela irmã e pela mãe, percebemos o cuidado e a preocupação que tinha com o bem estar e a saúde de todos os familiares. E de maneira muito especial, um apreço com a educação dos irmãos e irmãs mais jovens.

No trecho a seguir, ela discute com Deocleciano sobre a doença de seu marido pedindo a aprovação dele para levar Juca ao Rio, mas sem descuidar dos negócios do casal em Caetité ela confere ao pai a responsabilidade de resolver por ela, a questão das dívidas de seu marido Juca.

Caetité, 15 de agosto de 1916.

Papae

Desejo que Vmce e todos dahi gosem saúde, paz e tranqüilidade.

Vamos gosando regular saúde.

Juca continua no mesmo que Vmce deixou.

Todos lembram a viagem d'elle à Bahia ou ao Rio, o que também acho conveniente, apesar de ter pouca esperança; em todo caso evito uma

<sup>40</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 14 de Março de 1916. Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

<sup>41</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Anna Spínola Teixeira e Deocleciano Pires Teixeira*. Bahia, 2 de Janeiro de 1918. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [**grifos nossos**].

responsabilidade futura, caso elle seja atacado das outras faculdades, o que Deus não permitta. [...].

Se resolver a viagem e vmce for de acordo, tenciono ir quando o Tio Rogociano estiver lá.

O Licurgo insiste no direito ás dívidas, cujos nomes elle menciona, sendo cinco os devedores, so não tendo pago destes, o professor Camillo, de maneira que tem que se abater na conta delle 200 e tantos mil réis. Lembra também uma égua que Juca comprou em mão delle.

Diz elle que estas dividas foram rejeitadas por Juca, na occasião de balanço, como duvidosas.

Realisou-se o casamento de Antonio, no sábado, havendo três dias de festa, que correu muito animada e em ordem. Mamãe foi com as meninas no primeiro e segundo dia.

O portador desta é o Chicão, que vae buscar umas vacas que o José Honório comprou.

O encarregado dos Campos quer sahir, o José Honório indicou-me um que foi vaqueiro de D. Augusta 20 annos, dando as melhores informações. [...].

Nossas lembranças a todos.

Edivaldo pede a benção e assim a filha muito am<sup>a</sup>

Celsina.<sup>42</sup>

O processo de socialização numa família com características patriarcais, como a de Celsina, impõe expectativas diferentes previamente indicadas para cada sexo. O pai representa a autoridade máxima da casa, mas a mulher aparece como peça central na organização familiar, pois na maioria das vezes, ela simboliza a própria família. Compete às mulheres (filhas, esposas e mães) a preservação da intimidade do lar, a administração do orçamento doméstico e o cuidado dos irmãos mais novos, do marido e dos filhos.

Sendo assim, mesmo ocupando um espaço desvalorizado socialmente em relação aos privilégios masculinos, elas assumem uma liderança silenciosa no espaço doméstico. Celsina ocupou um importante papel em sua família de origem. Foi uma filha que mesmo sob obediência à autoridade paterna, exerceu forte influência na vida de seus irmãos, atuou com certa autonomia diante das decisões cotidianas discutindo com seu Deocleciano sobre os rumos dos negócios da família.

#### 4.2.2 Educação e formação intelectual da mulher da elite

Segundo Hahner (2012, p.43-63) “as mulheres de elite faziam parte de um pequeno segmento da população brasileira do século XIX diferenciado da maioria das pessoas por conta de sua condição econômica privilegiada e/ou por sua cor branca”. Eram encarregadas de

---

<sup>42</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Deocleciano Pires Teixeira*. Caetité, 15 de Agosto de 1916. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

uma variedade de responsabilidades: saúde da família, cuidado com idosos, obrigações religiosas e instrução de seus dependentes.

Na primeira metade do século XX, parecia não haver dúvidas de que as mulheres eram “por natureza” destinadas ao casamento e à maternidade. A família era tida como central na vida das mulheres e referência principal de sua identidade. A dedicação ao lar fazia parte das atribuições naturais da mulher. (PINSKY, 2012, p.470-71).

Neste contexto, as opções de vida disponíveis às mulheres de elite estavam intimamente ligadas aos interesses familiares. Por isso, não podemos minimizar o papel da família na educação e na formação das moças desde os seus primeiros anos de vida para serem boas esposas e mães zelosas. Todavia, o que também não nos impede de trazer à tona, os indícios de uma participação feminina, fragmentada nas cartas pessoais e dispersa no cotidiano mesmo perante o conjunto de normas, valores e expectativas projetados sobre a mulher no contexto histórico em questão.

O destino das meninas estava socialmente traçado. No futuro, elas deveriam contrair núpcias com um filho de um parente não muito distante, de um compadre ou ainda de um político importante na região. Para que isso se concretizasse, era de fundamental importância que as meninas tivessem um enxoval e um dote. (HAHNER, 2012, p.66).

Dentro desta perspectiva, a educação para as mulheres de classe alta era centrada na preparação para seu “destino final” de esposas e de mães, pois eram vistas como as guardiãs do lar e da família<sup>43</sup>. Na família também se recebia educação moral e religiosa e se aprendia as “prendas domésticas” (BERTOLINI, 2002, p.17)<sup>44</sup>. Segundo Follador (2009, p.2) “as mulheres da elite recebiam uma determinada educação para aquilo que a sociedade esperava delas”. Tiveram mais acesso à instrução, ministrada em suas próprias residências, mas entendia-se por instrução feminina, a prática dos bons costumes, a dança, o aprendizado de piano, a escrita e a leitura.

Em se tratando da educação das mulheres da família Teixeira, Ribeiro (2012, p.92-93) aponta que tais “procedimentos morais implicavam também num aprendizado prático, realizado inicialmente no interior do espaço doméstico, e só depois o ingresso na instituição de ensino formal”.

<sup>43</sup> HAHNER, June C. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY; PEDRO. (orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

<sup>44</sup> BERTOLINI, Lucila Benatti de Almeida. *Relações entre o Trabalho da Mulher e a Dinâmica Familiar*. 2 ed. São Paulo: Vetor, 2002, p.17.

Com o fechamento da primeira Escola Normal de Caetité, as filhas mais novas foram enviadas a Salvador. Carmem, a caçula, assim como Celsina, ao retornar para Caetité, dotada das experiências adquiridas em Salvador e do diploma de professora, não se restringiu às atividades domiciliares e ocupou uma posição influente na sociedade caetiteense, lecionando na Escola Normal, reinaugurada em 1926. (AGUIAR, 2011, p.113).

Em relação aos demais aspectos da educação feminina, Aguiar (2011, p.18) também destaca acima que as filhas mais velhas (Alzira, Evangelina e Celsina), receberam educação formal e se casaram com pessoas de famílias ricas. Mas a formação de Celsina não se restringiu ao aprendizado de instrumentos musicais (bandolim) ou ao cumprimento das tarefas domésticas, ela também participou da administração dos negócios da família (bens, fazendas e criação de gado). Por outro lado, os filhos, assim como o pai Deocleciano, tiveram além da instrução elementar, uma formação superior adquirida em faculdades de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

Os filhos, além da formação secundária, receberam a instrução superior, permanecendo mais tempo distantes de Caetité [...]. Mário, Oscar, Jayme e Nelson tornaram-se Engenheiros Cíveis, Anísio fez o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais. Nas correspondências não foram encontrados indícios da formação do filho Celso, entretanto é possível afirmar que todos eles tiveram a Bahia e o Rio de Janeiro como itinerário principal. Como filho mais velho, Mário retornou mais cedo para o sertão, envolveu-se com o cultivo de algodão em Bella Flor (Guanambi), tornando-se grande aliado político de seu pai durante as primeiras décadas do século XX. (AGUIAR, 2011, p.113).

Nessa mesma linha de pensamento, Ribeiro (2012, p.98) ressalta em seu trabalho as diferenças entre a escolarização dos meninos e das meninas da família Teixeira. Celsina, por exemplo, ingressou na escolarização normal aos treze anos de idade. “No ano de 1900, ela entrou na Escola Normal de Caetité, fundada em 1898, pelo então governador Rodrigues Lima” (natural de Caetité) “que servia, em primeira ordem, à instrução das meninas ricas da cidade, inclusive às filhas de Deocleciano e Anna” (AGUIAR, 2011, p.77) para atuarem como professoras.

[...] é notória a presença, na documentação pesquisada de indícios que apontam para uma diferenciação da educação recebida pelos meninos e meninas da família. Para as mulheres, o caminho “escolhido” foi na maioria das vezes a casa e o magistério em escolas locais; para os homens, além da presença de engenheiros, políticos e comerciantes, há também a trajetória amplamente conhecida do renomado educador Anísio Teixeira. (RIBEIRO, 2012, p.106).

Criadas a partir da segunda metade do século XIX, as escolas normais destinadas à formação de professores primários preparavam as mulheres da elite para a carreira de ensino porque o magistério era visto pela sociedade como uma profissão honrada, destinado apenas às “mulheres dignas”. Surge então, a construção do discurso da ‘vocação natural’ da mulher para o magistério. Elas eram dotadas, afirmavam médicos, pais, clero, governantes, de mais coração e ternura, qualidades ‘naturais’ para os professores exercerem essa profissão.

As cartas analisadas apontam que Celsina mantinha-se bem informada sobre os mais diversos assuntos que circulavam o seu cotidiano, desde as questões locais como a política, os negócios da fazenda, a seca, a carestia de alimentos, a migração dos sertanejos para São Paulo até as notícias de repercussão nacional como a Primeira Guerra Mundial através da leitura dos jornais da época.

1913 - O povo continua a sair para S. Paulo: de hontem para hoje, dizem que vão sair perto de 60 pessoas. [...] Os gêneros estão subindo; farinha, na feira passada deu a 7 e 8 litros; arroz a litro e meio e 2 litros; feijão, o mesmo. Muitos estão comprando para guardar.

1916 - O Antonio não quis comprar o gado, porque era de 60\$ -; mandou ajuntar o delle para o Cel Balbino, a quem vendeu a 55\$. O Chicão, que aqui está, quer comprar o nosso, porem, não vendi; por não me inspirar confiança.

1917 - **Pelos jornaes** deve ter tido noticias da entrada do Brasil na guerra; produzindo então a prisão dos allemães [...].<sup>45</sup>

1923 - [...]. Depois de sua ultima carta, tudo tem mudado com a apresentação de Góes Calmon. Os Munizes a brigarem com o Seabra mas só para inglez ver; **nos ultimos jornaes** vem a noticia de que o Seabra procurou o Muniz, quando este chegou do Rio, e que continuam a se entenderem bem particularmente, mas divergindo publicamente.

Nunca vi politica de tanta mentira e hypocrisia, vencerão os mais espertos e velhacos [...].<sup>46</sup>

Além disso, é importante lembrar que Celsina morou em Salvador entre os anos de 1908 e 1909. E alguns anos depois, em 1917, ela retorna com a família para tratar do esposo Juca. Aguiar (2011, p.112) destaca que “esses anos de residência em Salvador coincidiram com aqueles de grande transformação na capital baiana” onde teve contato com novas experiências, com o ritmo intenso da vida na capital e acompanhou as reformas urbanas e modernas do período (as belezas naturais, as avenidas iluminadas, o cinema).

Vanvam, Tilinha e Leontina

**Aqui estamos gosando da nossa bela capital, que deslumbra os visitantes, não só por sua bellezas naturaes, como pelas artificiaes, cujo progresso excede a expectativa.**

Sinto não estar todas aqui para apreciar.

<sup>45</sup> **Grifos nossos.**

<sup>46</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Jaime*. Caetité, 05 de Novembro de 1923. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [**grifos nossos**].

**Já fomos ás avenidas, não só de dia como á noite, em que a iluminação é feérica e deslumbrante. A moda é a mesma de Bello Horizonte, porém aqui é melhor, porque usa-se de tudo. Em penteado é o mesmo. [...].**

**Já fomos ao cinema Phenix, cujo theatrinho é um mimo; apreciei bôa orchestra de violinos, que aqui tocam como muita perfeição; as fitas foram muito emocionantes e agradam bem.**

**É o divertimento predilecto hoje o cinema, cujos proprietarios estão millionarios. Ha cinema de 1 da tarde até 10 da noite [...].**

Se fosse escrever, descrevendo tudo; um caderno de papel pautado, não chegaria, e mesmo não valia a pena, porque as coisas vistas, são diferentes e escriptas.

Adeus. Lembranças a Titia Alzira e a meninada toda; irmãos e sobrinhos.

Beijosa Edivaldo e saudosa abraça-lhes a irmã mto amiga. Celsina.<sup>47</sup>

Nessa conjuntura, podemos inferir que a educação oferecida pelos pais contribuiu significativamente para a formação de uma identidade de gênero tradicional para as mulheres, mas também formou o pensamento criativo delas e ajudou Celsina a incorporar novas experiências e romper alguns modelos tradicionais, especialmente por receber uma formação educacional para mulheres da elite. Sua educação esmerada, possivelmente, contribuiu muito para o desenvolvimento de sua auto-estima como mulher ativa, quer dizer, para o desenvolvimento da sua identidade feminina e do seu papel de gênero.

Em virtude da educação familiar, da formação intelectual e das dificuldades para administrar “sozinha” as diversas atividades que lhe foram atribuídas, principalmente após a doença do marido, Celsina compreendeu que tinha de assumir importantes funções na família com vistas ao bom andamento dos negócios e a organização orientada para fora do lar. Essas questões impulsionaram-na a assumir um papel ativo na família para além do âmbito doméstico e das tarefas tradicionais de mãe e de esposa nesse espaço.

#### 4.2.3 O casamento de uma mulher da elite em Caetité

Numa época em que a aliança de ricas famílias era legitimada especialmente através do casamento, a união que envolvia posses e prestígios nem sempre era pautada na afetividade, como ressalta Maluf e Mott (1998, p.392) “mais próxima do ideal de amizade amorosa, [...] o casamento encontra sua razão de ser na mútua estima e amizade dos esposos”. O amor não era o aspecto mais relevante para o casamento. Nas cartas de Celsina para Juca, por exemplo, são mais comuns referências à estima, à dedicação e à saudade do que especificamente ao amor.

---

<sup>47</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Evangelina, Hersília e Leontina*. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

Santa Bárbara, 14 de Fevereiro de 1910.

**Meu mui querido Juca**

Recebi tua cartinha, portadora de boas noticias tuas; estimo que continues sempre com saúde. [...].

Vou indo bem, mas sentindo muitas saudades, e ansiosa para que chegue o sábbado. **Abraça-te com saudades a esposa que te quer muito bem.**

Celsina.<sup>48</sup>

Campos, 20 de Setembro de 1911.

**Querido Juca**

Atua boa cartinha, recebida hontem e portadora de tuas boas noticias, causou-me grande contentamento. Estimo que continues a gozar optima saúde e que regresse o mais breve possível, pois, não imaginas como tenho tido saudades. [...].

Adeus, aceita lembranças de todos, benção e beijos de Edivaldo e **saudades e abraços da tua esposa pelo coração.**

Celsina.<sup>49</sup>

Caetité, 5 de Abril de 1913.

**Querido Juca**

Recebi tua cartinha de que foi portador o Elpidio. Há dias escrevi-te pelo Manoel.

Estimo e peço a Deus que continues com saúde. [...].

Adeus, aceite lembrança de todos, beijos de Edivaldo, que pede-te a benção e **saudades e mais saudades de tua esposa muito amiga.**

Celsina.<sup>50</sup>

Na família Spínola Teixeira os interesses familiares e econômicos continuaram representando um papel fundamental nos arranjos conjugais. Segundo afirma Aguiar (2011, p.54) a filha Evangelina casou-se com Francisco Pires, chefe político da região de Ituaçu-BA e as filhas Alzira e Celsina Teixeira foram casadas com o Coronel Lima Júnior, filho de Joaquim Manoel Rodrigues Lima, um dos mais influentes políticos caetiteenses, e com José Antônio Gomes Ladeia, respectivamente. Ambos, netos e herdeiros da fortuna deixada pelo avô, o Barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto.

<sup>48</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Santa Bárbara, 14 de Fevereiro de 1910. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>49</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Campos, 20 de Setembro de 1911. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>50</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Caetité, 5 de Abril de 1913. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].



**Imagem 02:**

Celsina Teixeira. Acervo Arquivo Público Municipal de Caetité [autoria desconhecida, s/d].

Em 1908, aos 20 anos de idade, Celsina deslocou-se para Salvador e permaneceu ali até o seu casamento, realizado em Caetité no dia 6 de fevereiro de 1909 sob regime de comunhão de bens. O casamento, realizado em comunhão de bens, ainda era visto como uma importante aliança entre as famílias da elite no sertão da Bahia. De acordo Samara (1989, p.88) esse contrato de casamento ocupou um “lugar estratégico e fundamental para manter o prestígio e a estabilidade social das famílias” mais abastadas. Neste sentido, o casamento de Celsina com o farmacêutico José Antônio Gomes Ladeia (Juca) parece ter seguido esta tendência, porque ele era dono de terras em grandes fazendas da região, como a Santa Bárbara e a Fazenda Campos e ela herdeira da riqueza da família Spínola Teixeira.



**Imagem 03:**

Celsina, Juca e o filho Edivaldo (no colo). Acervo Arquivo Público Municipal de Caetité [autoria desconhecida, 1912-1913, data estimada].

Segundo Ribeiro (2012, p.129) após o casamento, Celsina frequentemente acompanhava o marido Juca nas viagens a cavalo entre a cidade e o campo. O casal manteve esse deslocamento constante entre a cidade de Caetité e as suas fazendas: Campos, localizada no município de Monte Alto e Santa Bárbara em Caetité. Em Monte Alto, Juca e Celsina “se dedicavam à pecuária, agricultura e a produção de derivados de leite e milho” (RIBEIRO, 2012, p.17). O deslocamento, principalmente entre os anos de 1910 a 1916, traz importantes elementos que atestam a participação de Celsina, desde o início de seu casamento (o que não era habitual), na administração do lar e dos negócios da família, tais como a venda do gado e a produção de requeijão como enfatizamos nos trechos a seguir:

Campos, 20 de Setembro de 1911.

Querido Juca

A tua boa cartinha, recebida hontem e portadora de tuas boas noticias, causou-me grande contentamento. Estimo que continues a gozar optima saúde e que regresse o mais breve possível, pois, não imaginas como tenho tido saudades.

**Edvaldo continua muito traquina, ainda não lhe saiu o dente, porem, vai passando regularmente. Gostou muito dos brinquedinhos.**

Eu e todos vamos passando regularmente, graças a Deus.

**Tem chovido bastante, depois que saíste, tanto que as aguadas mais cheias. As árvores estão se vestindo e sobre as campinas já estendeu-se o tapete esmeraldino, que começa a pintar-se de flores.**

O caldeirão encheu-se, porém, a água está cor de café. A cisterna cobriu-se toda, creio que o serviço só poderá ser feito para o ano.

**Recebi as verduras, doces, queijos, rapaduras. Se encontrares as laranjas da terra, me mandes, por este portador, assim os mamões do nosso quintal. [...].**

Tencionava mandar-te um docinho, porém, não me foi possível, irá em outra ocasião.

Adeus, aceita lembranças de todos, benção e beijos de Edvaldo e saudades e abraços da tua esposa pelo coração

Celsina.<sup>51</sup>

Campos, 1 de Abril de 1913.

Querida Celsina

A secca vai accentuando-se por cá, hontem estive aqui o Clemente, que disse-me que estar secco tamque do Mucambo; não sei qual será o resultado deste sol tão ardente.

**Mandei fazer a junta de bois p<sup>a</sup>. entregar ao Mario; e tenho vendido alguns a dinheiro. [...].**

**Os bizerros montam a mais de 500; por m.to já estão ferrados 446. O numero de bizerros no Mucambo calcula-se em 80 mais ou menos. [...].**

<sup>51</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Campos, 20 de Setembro de 1911. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

Talvez não leve m.tos dias por aqui. Por que a saudade já vae crescendo cada dia q passa. [...].  
 Beijos e um abracinho em Edivaldirinho e um saudoso adeus.  
 Do esposo q m.to te estima.  
 Juca.<sup>52</sup>

Caetité, 2 de Abril de 1913.

Querido Juca

[...]. Edivaldo está bem e satisfeito e sempre lembrando do papaesinho. Mamãe tem tido febre, há 13 noites, todos os mais e eu gosamos saúde.

**Depois de muitos dias de grande calor, hoje estão-se formando bonitas armações, promettedoras de chuvas.**

**O povo continua a sair para S. Paulo: de hontem para hoje, dizem que vão sair perto de 60 pessoas.**

**Os gêneros estão subindo; farinha, na feira passada deu a 7 e 8 litros; arroz a litro e meio e 2 litros; feijão, o mesmo. Muitos estão comprando para guardar. [...].**

Adeus, aceita lembrança de todos; beijos e benção de Edvaldo e um saudoso abraço de tua esposa pelo coração

Celsina.<sup>53</sup>

As correspondências, apresentadas acima, nos trazem alguns traços importantes da participação de Celsina fora do papel tradicional feminino. Aos poucos, ela vai assumindo novas funções de uma “profissional” dos negócios. Na segunda carta, destacamos um trecho em que Juca presta contas a ela dos negócios realizados por ele na fazenda Campos (a venda de bois e o aumento significativo na criação). Ela discute efetivamente com o esposo Juca sobre os assuntos relacionados aos negócios e às atividades desenvolvidas nas fazendas.

Caetité, 5 de Abril de 1913.

Querido Juca

Recebi tua cartinha de que foi portador o Elpidio. Há dias escrevi-te pelo Manoel.

Estimo e peço a Deus que continues com saúde.

Vamos indo regularmente. Mamãe continua sentindo febre, ora mais, ora menos.

**De hontem para cá, tem cahido fortes aguaceiros; hoje, choveo desde horas da manhã até o meio-dia. Permitta que seja geral, pois, salvará a criação. As chuvas que cahiram aqui, se fossem ahi, teriam enchido os tanques.**

**Achei os requeijões muito poucos, mas, parecem não estarem malfeitos; seriam feitos com asseio?**

Nesta semana, debes estar de volta, não?

**Edvaldo não se esquece de ti, constantemente está falando no papaesinho. Diz sempre que “papae foi bica equeijão nos Campos e que chega amanhã.” [...].**

<sup>52</sup> JOSÉ ANTÔNIO GOMES. *Carta para Celsina*. Campos, 1 de Abril de 1913. Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité - APMC. [grifos nossos].

<sup>53</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Caetité, 2 de Abril de 1913. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

**Continua a seguir muita gente para S. Paulo; como te escrevi, sahiram dois grupos nesta semana passada, num dos quaes foi a família do Gaudêncio. Neste momento passou aqui na porta um grupo de 35 mais ou menos, não sei de onde vêm, uns a cavallo, outros a pé: parecia uma procissão.**

Adeus, aceite lembrança de todos, beijos de Edivaldo, que pede-te a benção e saudades e mais saudades de tua esposa mt<sup>o</sup> amiga

Celsina.<sup>54</sup>

Os deslocamentos de Celsina e Juca de Caetité para as fazendas Campos e Santa Bárbara de acordo Ribeiro (2012, p.17) tinham por objetivo administrar as atividades rotineiras como o trato com os empregados, o cuidado com o rebanho, a produção de requeijão e a compra e venda de gado, uma rentável atividade econômica que alargou o patrimônio de algumas famílias da elite na época. No entanto, nos períodos de seca no sertão, a variedade de produtos produzidos nas fazendas e comercializados nas feiras ficava afetada e os preços subiam muito como observamos nos trechos abaixo nas correspondências de Juca e Celsina.

Caetité, 7 de Março de 1916.

Celsina

Peço a Deus que esta lhe encontre com saúde e assim Edivaldo, Juca e Christina. [...].

**Esta vai por Eugenio que segue hoje, levando a farinha; aqui tambem ainda está cara comprei a 18\$000. O feijão é que está mais barato tenho comprado a 6 litros o de corda está a 12 litros.** O que V. precisar pode mandar comprar cá porque mesmo se pagando conductor sae mais barato que ahi. Tratei com Eugenio por 5\$000. **Julia veiu me pedir para ir com elle, ella tambem pode lhe servir para ajudar fazer requeijões.** [...].

A.D. aceite Juca, Edivaldo e Christina saudades de todos e V. e Edivaldo aceitem um abraço e a benção de sua mãe mt<sup>o</sup> am<sup>a</sup> Anna S. T.<sup>55</sup>

Querido Juca

**Depois de muitos dias de grande calor, hoje estão-se formando bonitas armações, promettedoras de chuvas.**

**O povo continua a sair para S. Paulo: de hontem para hoje, dizem que vão sair perto de 60 pessoas.**

**Os gêneros estão subindo; farinha, na feira passada deu a 7 e 8 litros; arroz a litro e meio e 2 litros; feijão, o mesmo. Muitos estão comprando para guardar.** [...]. Celsina.<sup>56</sup>

Além disso, podemos notar que por meio de uma cuidadosa observação da sociedade e da troca de correspondências, Celsina estabeleceu relações com familiares e conhecidos, manteve-se bem informada a respeito das atividades das fazendas e, sobretudo, dos problemas

<sup>54</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Caetité, 5 de Abril de 1913. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [**grifos nossos**].

<sup>55</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 7 de Março de 1916. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [**grifos nossos**].

<sup>56</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Caetité, 2 de Abril de 1913. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [**grifos nossos**].

que se desenrolavam na época (carestia dos alimentos, migração do sertanejo para São Paulo). Suas ações nos apresentam uma mulher à frente da administração dos negócios numa sociedade ainda marcada por características patriarcais como observamos em sua constituição familiar. À mulher cabia um papel intimamente relacionado com o cuidado do lar e da família, mas segundo NOGUEIRA (2010, p.118):

As mulheres supostamente em posição de desvantagem frente ao imaginário instituído pela ordem patriarcal de longa tradição, resistiram a esta ordem vigente e, trilhando caminhos diversos, romperam as cortinas que as cobriam de sombras, inscrevendo-se como sujeitos responsáveis pela sua própria história, aparecendo nas lidas e tensões dos seus grupos de convivência.

Trilhar esses caminhos não é tarefa fácil, precisamos atentar aos indícios da participação feminina no cotidiano porque na prática, as mulheres sempre trabalharam, porém algumas camuflaram sua importância como “provedoras de suas famílias” para não desmerecerem a imagem do marido que segundo o Código Civil de 1916 era tido como o responsável pela manutenção financeira do lar.

As cartas recebidas por Celsina, a partir do ano 1916, apontam para o início da doença de Juca e posteriormente, o agravamento de seu quadro clínico ao longo dos próximos dez anos. Na carta que recebeu de sua mãe Anna, percebemos como o quadro bastante instável da doença de Juca tornou-se uma preocupação constante não somente de Celsina, mas de toda a família Teixeira:

Caetité, 24 de Maio de 1916.

Celsina

**Desejo que todos d’ahi estejam com saúde e que Juca não tenha tido mais nada. Muito me tem incomodado os encommodos d’elle.** Dr. Venancio foi chamado para ver Alzira, telegrapei logo a Deocleciano para Vces virem aproveitar a estada d’elle aqui, para examinar Juca e assim dispensar o trabalho de ir ao Riacho.

[...]. Vces. Não devem demorar de vir, porque Dr. Venancio não a de ficar muitos dias. [...] acceite um abraço e a benção de sua mãe mt<sup>o</sup>. am<sup>a</sup>. Anna S. T.<sup>57</sup>

Esse período destaca Ribeiro (2012, p.157) é um “grande divisor de águas na vida de Celsina” porque, a partir de então, entre as constantes viagens para Salvador e Rio de Janeiro em busca da cura para Juca e o cuidado com filho Edivaldo, ela assume “sozinha” os negócios da família, tornando-se a “cabeça” do casal. Todavia, repetimos que antes da enfermidade do esposo Juca, a análise das correspondências apontam que ela já administrava com certa

---

<sup>57</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 24 de Maio de 1916. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

autonomia (construída ao longo de sua experiência como mulher da elite) os negócios do casal. Na carta a seguir, Celsina aparece negociando o gado enquanto Juca estava em Caetité resolvendo outros interesses da família.

Campos, 4 de Fevereiro de 1916.

Juca

**Alegrou-me saber que fez boa viagem. Peça a Deus que continue bem, e que fique bom o mais depressa possível.**

**Temos gozado saúde. Pretendemos seguir para Caetité em Abril, querendo Deus.**

Edvaldo continua com boa disposição e mais gordinho.

**Pouco tem chovido depois que V. sahio, e o calor tem augmentado bem.**

**O Antonio não quis comprar o gado, porque era de 60\$ -; mandou ajuntar o delle para o Cel Balbino, a quem vendeu a 55\$.**

**O Chicão, que aqui está, quer comprar o nosso, porem, não vendi; por não me inspirar confiança.** Amanhã deve vir telegrama de Oscar, dizendo diagnostico do Juliano; estou ansiosa por saber o que dizem os médicos.

Muitas lembranças a todos.

Edvaldo pede que o abençoe e envia beijos e saudades.

Abraça-lhe saudosa a esposa am<sup>a</sup> pelo coração.

Celsina.<sup>58</sup>

Mas, é a partir de 1916 que assume “oficialmente” os negócios da família por meio da interdição judicial do esposo “impossibilitado de administrar os bens do casal”.

Ilm<sup>o</sup> e Meretíssimo Sr. Dr. Juiz de Direito

**Diz Celsina Spinola Teixeira Gomes Ladeia, casada com tenente coronel José Antônio Gomes Ladeia [...] que seu esposo acha-se impossibilitado de administrar os bens do casal por ter cahido me profunda e permanente amnésia em consequência de um mal physico que lenta e progressivamente, vai dominando o seu organismo e penetrando os centros nervosos. [...].**

E como o estado do enfermo inibe, ultimamente de dar deliberação sobre os seus negócios e de legalmente d’elles encarregar a outrem, resultando d’ahi grave inconvenientes e prejuízos à fazenda e os interesses do casal, **vem a Suplicante [...] requerer V.S. se digne [...], decretando a interdição do esposo da Suplicante e seja investida na administração do casal [...].**<sup>59</sup>

O processo de interdição obtido por Celsina lhe atribuiu plenos direitos sob a gerência dos negócios do casal que envolvia todas as atividades econômicas da família, da produção de requeijão à administração das fazendas em especial, a criação e a venda de gado. No ano seguinte, as cartas apontam que a moléstia de Juca foi diagnosticada como sífilis. E Celsina, embora “fraca” teve que se dedicar aos cuidados com esposo como observamos nas cartas que se seguem:

<sup>58</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Juca*. Campos, 4 de Fevereiro de 1916. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>59</sup> Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB, Seção Judiciária, processo de interdição (1916) anexo ao inventário de José Antônio Gomes Ladeia, auto 08/3571/12 (1924-1944). [grifos nossos].

Caetité, 5 de Setembro de 1917.

Celsina

Recebi sua carta de 21. **Fiquei mais satisfeita pelo o que disse o Dr Alexandre Cirqueira sobre a molestia de Juca, este não fez como os outros que foram logo desiganando. Tenho fé em Deus que elle vai melhorando com o tratamento, como o Alfredo e o Francisquinho, que vei desiganado do Rio e está hoje bom, foi agora para S Paulo com Chiquinho. Francisquinho tambem deziã que era syphiles. Como é a opinião dos medicos a syphiles de Antonio foi melhor porque tem-se manifestado e elle está sempre em uso de remedios. Mas Juca era tão são, que não se sabia que podia ter syphiles. [...].**

Muitas e muitas saudades a todos e Vces acceitem um saudoso abraço e a benção de sua mãe mt<sup>o</sup> am<sup>a</sup> Anna S. T.<sup>60</sup>

Caetité, 18 de Setembro de 1917.

Celsina

[...]. **Na carta da Evangelina dizia que V. tinha estado uns dias com fastio e sentindo a noite febre. Tenha cuidado comsigo V. ainda deve tomar alguns reconstituintes porque ainda sahio d'aqui fraca. E com os trabalhos e os desassucego de esperito que V. tem não pode ter saúde.** Eu sei por mim quando tenho qualquer cousa que me encommoda não tenho saúde. V. deve e tambem sahir não ficar só em casa como ficava aqui.

**Faço votos para que Juca vá tendo alguma melhora com o tratamento.**

[...] acceitem um abraço e a benção de sua mãe mt<sup>o</sup> am<sup>a</sup>. Anna.<sup>61</sup>

Caetité, 2 de Outubro de 1917.

Celsina

[...]. **Fiquei mais satisfeita com a noticia de que Juca já vai tendo alguma melhora.**

Peço a Deus que vá continuando.

Vejo o que V. me diz saber a opinião do medico que não pode garantir porque depende da natureza e da felicidade da pessoa. **Quem sabe se elle será um dos felizes! Tenho muita fé em Deus que elle há de nos proteger.**

**V. tambem continua soffrendo do estomago como não foi tambem em casa de Dr Pacifico consultar.**

**Edivaldo melhorou com o lubrigueiro? Já está se alimentando melhor?**

[...]. Lembranças a Juca, Alice, os meninos, as meninas e acceite com Edivaldo um abraço e a benção de sua mãe mt<sup>o</sup> am<sup>a</sup> Anna.<sup>62</sup>

Em cada pequena melhora uma esperança de “cura” se apresentava para a enfermidade de Juca. Uma possibilidade de alívio e de satisfação que amenizavam aquela situação de angústia e de sofrimento para Celsina que em meio às condições adversas (problema de estômago, cuidados com Edivaldo), precisava dedicar-se ao tratamento do marido. Celsina precisou se afastar de Caetité para buscar tratamento médico em Salvador (ou Bahia como era

<sup>60</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 5 de Setembro de 1917. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>61</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 18 de Setembro de 1917. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>62</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 2 de Outubro de 1917. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

conhecida na época) e de lá continua se comunicando com seus familiares através das cartas para informá-los sobre o tratamento de Juca:

Bahia, 11 de Agosto de Agosto de 1917.

Papae e Mamãe

[...] **Hoje o Dr. Alexandre Cerqueira veio dar a segunda injeção de 914. Elle sempre lamenta termos deixado a molestia progredir sem tratamento; pois tem certeza, que se fosse no princípio, o resultado seria infallível. Hoje mesmo elle disse que as dores de cabeça que Juca soffria, eram manifestações da moléstia.** Quem podia prever?

Tem mostrado interesse, e diz que deseja muito vel-o bom. Tenho gostado dele, pois **mostra ser um medico humanitário e desprezioso.** [...]. **Dizem que tem uma clinica enorme e que era para estar muito rico, porém, que é muito bondoso e um pouco desleixado, de maneira que recebe muitos calotes.**

Na segunda consulta que fiz, falei em fazer um contracto, visto ser o **tratamento demorado, elle disse-me que seria o que eu quizesse, depois disse-me que elle não precisa de explorar, que não precisa de clientes, e que todos os dias vae ao Campo Santo tratar um doente de graça;** querendo com isto dizer que elle ia tratar Juca não era por exploração nem por interesse. [...].

Celsina.<sup>63</sup>

Em Salvador, enquanto cuida do esposo, Celsina continua se comunicando com a família em Caetité. Além disso, podemos observar nos relatos das cartas que falam sobre o tratamento de Juca, as condições favoráveis que a família da elite dispunha para a realização dos vários exames, tais como: a visita domiciliar e frequente do médico e a possibilidade de afastar de Caetité e permanecer por meses na capital numa casa de propriedade da família.

Caetité, 26 de Novembro de 1917.

Celsina

[...]. **Senti saber que Juca não tem melhorado que a pouca melhora que V. notava tem disapparecido. V. bem pode avaliar quanto me encommoda estas noticias.** [...]

Acceite com todos muitas saudades abraços e a benção de sua mãe m. am<sup>a</sup>. Anna.<sup>64</sup>

Caetité, 15 de Dezembro de 1917.

Celsina

**Recebi sua carta de 20 de novembro. Sinto Juca voltar no mesmo que foi. Acho como V. diz se o tratamento pode fazer aqui não vale a pena V. ficar ahi. Falam que o Dr. Venancio vem pra cá.**

[...] um saudoso abraço e a benção de sua mãe am<sup>a</sup>. Anna.<sup>65</sup>

<sup>63</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Deocleciano e Anna*. Bahia, 11 de Agosto de 1917. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>64</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 26 de Novembro de 1917. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>65</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 15 de Dezembro de 1917. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

Como a própria Celsina apresenta abaixo, a casa era “espaçosa e arejada [...] uma bonita vista de mar”, era um patrimônio somente possível para famílias mais abastadas.

Bahia, 18 de Outubro de 1917.

Dr. Antonio

Caetité

[...]. **Escrevo-lhe esta para dar noticias do nosso pobre Juca, que graças a Deus, parece que vae auferindo uma pequena melhora com o tratamento a que tem se submettido.**

Elle não se esquece do Sr., e algumas vezes tem querido escrever-lhe, o que ainda não pode conseguir.[...].

**Mudamos para a rua do Hospicio, 39, onde a casa é espaçosa, arejada e muito higienica. No fundo tem uma bonita vista de mar, com o que Juca muito tem se distrahido e assim Edivaldo que vae se dando melhor.** [...].

Os parentes aqui vão bem e tem nos procurado com alguma assiduidade.

[...]. Edivaldo pede a benção e com Juca enviam saudades.

Lembranças da cunhada abr<sup>a</sup>. Celsina Ladeia.<sup>66</sup>

Segundo Ribeiro (2012, p.146), o imóvel era utilizado por vários membros da família para permanências fixas (realização de estudos dos irmãos e dos sobrinhos de Celsina) e temporárias (tratamento médico, passeios e férias). E o autor acrescenta, que ao deslocar para Salvador em 1917, além de cuidar da saúde do marido, Celsina como uma exímia administradora “inteirou-se não apenas da dinâmica da casa, mas também de tudo que se relacionava ao custo de vida do período, identificando as diferenciações de valores praticados naquela cidade em relação a Caetité e a inflação crescente vigente no período” (Ribeiro, 2012, p.147) que podemos observar no trecho abaixo:

Papai (Bahia 4-12-1917)

[...] A vida aqui está caríssima, mas, ainda assim, relativamente não estamos gastando muito, porque a nossa diária regula 3\$ - para cada um, de casa e comida. O que augmenta mais as despezas é o que se gasta em extraordinários; eu já estou com uma média de quinhentos e tantos mil reis mensaes, desde que dahi sahi;e calculo que depois de pagar o médico e outras despezas, esta média, em oitocentos etantos mil reis, incluindo casa e comida. [...].

Celsina.<sup>67</sup>

Nesse contexto, observamos que Celsina assume uma dupla identificação: como esposa cuidadosa, responsável por zelar pela saúde e bem estar do marido e do filho, e como

<sup>66</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Dr. Antonio*. Bahia, 18 de Outubro de 1917. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>67</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Deocleciano Teixeira*. Bahia, 04 de Dezembro de 1917. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

destacamos nos trechos a seguir, uma exímia administradora, responsável pelos negócios da família.

Caetité, 19 de Novembro de 1924.

Jayme

[...] envio-lhe um alvará do Juiz para entregar a Companhia “Sul America” e uma procuração para Tio Rogociano [...] **afim de receber os lucros acumulados [...] sobre a apolice de Juca**, cujo periodo de acumulação venceu-se a 15 do corre.

**Resolvi não liquidar a apolice, ficando a mesma remida com o seu valor integral, recebendo apenas os lucros acumulados. Este dinheiro, Papae acha que deve comprar apolice, inteirando para comprar duas, e neste sentido V. diga a Tio Rogociano ou V. mesmo providencie, comprando, porém, na epoca da baixa. [...].**

**As minhas despesas vão aumentando sempre e estou a lembrar um meio de aumentar as rendas. Lembrei-me de aproveitar a Santa Barbara, pondo meeiros e o noivo de Christina como administrador. Emfim são planos, q. dependem ainda de liberação e vontade de muita gente. Com a alta do gado, espero entretanto fazer alguma cousa para o anno.**

A vida presa em casa e a falta de confiança em terceiros, me impede trabalhar mais pela vida. [...].

Adeus com muitas saudades abençoa-lhe e abraça-lhe mto affectuosamente a madr<sup>a</sup>. am<sup>a</sup>. Celsina.<sup>68</sup>

As várias atividades realizadas por Celsina embora marcadas com características da identidade tradicional feminina (ainda dependente das figuras masculinas representadas na carta pelo pai, pelo tio e pelo irmão como se apresenta no trecho acima) também conjuga uma nova identidade de gênero orientada para a vida laboral e extradoméstica.

Nos trechos a seguir, Celsina aparece gerenciando os negócios relacionados à produção de requeijão e a compra de animais. Nas cartas que escreve ao empregado Jesuino, responsável pela fazenda Campos, agradece as boas notícias da fazenda, mas também faz reclamações enérgicas sobre a má administração dele no que concerne aos cuidados com os pertences alheios, recomendando como deve proceder.

Caetité, 26 de Abril de 1924.

Sr. Jesuino

Campos

**Recebi sua carta de 17 do corrente, dando-me boas noticias da fazenda.**

Graças a Deus ia tudo bem: **a criação bôa, muito pasto e as aguadas cheias.**

Tenho muita precisão de concertar as mangas ahi; mas não me sendo possível fiscalisar o serviço, estou vendo que ainda este anno será addiado, caso não encontre uma pessoa de confiança, a quem empreite o serviço.

<sup>68</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Jayme*. Caetité, 19 de Novembro de 1924. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

**Estranhei o Sr. mandar falar em fazer carro!.. O que foi feito do carro da fazenda, e que devia estar perfeito, pois ha muitos annos não tem prestado nenhum serviço? Como podia ter desaparecido este carro? Vamos que precisasse de algum reparo, porque a chuva e o sol podiam ter deteriorado; mas ter desaparecido, a ponto de precisar fazer outro, caso tenho de fazer as mangas é o que não posso admittir. É preciso que appareça o carro, e se estiver emprestado que seja restituído são. O carro dahi não era commum, pertencia á fazenda Campos, isto é a parte de Sr. Juca [...].**

**O Sr. Juca vae no mesmo.** Lembranças a sua familia.  
Da patrôa Celsina Teixeira Ladeia.<sup>69</sup>

**P.S. Que é dos requeijões deste anno, que ainda não vi um só? Soube que o Sr. havia vendido um boi para comprar um Cavallo, e não me falla nisto na carta!**

Caetité, 18 de Agosto de 1924.

Sr. Jesuino

Campos

**Recebi sua carta, ficando sciente de ter encontrado os burros, que o Sr. Celso verá se convem ou não compral-os. Acheio-os caros, se são como o sr. diz a 180\$. Assim não me convem compral-os, deixe ver se baixam mais. Não vale a pena comprar mais do que a 120\$.**

Vejo que o serviço foi começado tarde, como o Sr. diz; antes porém, é que o Sr. devia ter previsto.

**O gado está subindo muito e assim não convem vaccas a menos de 80\$ e algum boi inutilizado a menos de 100\$. No S. Francisco, estão vendendo para boiada a 130\$.**

**Juca vae no mesmo.**

Lembranças a sua familia.

**Se for possível, tosquie os carneiros e mande a lã. Não sei porém, se agora é tempo proprio. Não se esqueça das pennas de êma.**

Lembranças da patrôa am<sup>a</sup>. Celsina T. Ladeia.<sup>70</sup>

Caetité, 7 de Fevereiro de 1926.

Sr. Jesuino

Recebi pelo Tintino os requeijões [...].

**Acabo de saber que o Sr. está consentindo que um tal senhor que anda comprando porcos, puzesse os mesmos dentro da manga, que já está toda fussada e até arrebentando as cercas.**

**Isto é o cúmulo do que se chama desleixo com as coisas pelas cousas alheias! Dando prejuizos ás fazendas para ser agradavel a um sujeito que o Sr. nunca vio tão gordo. [...]. Mande retirar os porcos da manga. E com estas, ainda quer o Senhor que eu confie na sua administração! [...].**

Da Patrôa Celsina T. Ladeia.<sup>71</sup>

Nos trechos que destacamos acima, verificamos que por meio das cartas, Celsina encontra-se em Caetité cuidando do esposo Juca, mas continua atenta aos acontecimentos da

<sup>69</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Jesuino*. Caetité, 26 de Abril de 1924. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>70</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Jesuino*. Caetité, 18 de Agosto de 1924. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>71</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Jesuino*. Caetité, 7 de Fevereiro de 1926. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

fazenda para evitar prejuízos. Fiscaliza o trabalho de seus empregados e assinala o tempo apropriado para realizar bons negócios e gerar renda. Dentre as várias atividades desenvolvidas por Celsina Teixeira, a análise das cartas indica quatro centrais: os cuidados com o marido enfermo e o filho Edivaldo, a atividade beneficente, a geração de renda e a administração das fazendas.

A partir desse protagonismo, podemos afirmar que o papel de Celsina na família formada por ela, Juca e Edivaldo não correspondia ao papel de uma família realmente patriarcal, pois mostra alguns elementos que caracterizam a assim chamada família moderna como a divisão sexual das funções e dos papéis de gênero. Além disso, a própria Celsina assume um papel que mostra mesmo aspectos de um novo papel de gênero, ou seja, que nos mostra referente aos negócios da família uma racionalidade de “tipo masculino” orientada ao âmbito laboral.

#### 4.2.4 A formação religiosa das mulheres e a relação com a igreja

A Igreja Católica ensinava que a mulher seguindo o exemplo da Virgem Maria, devia aceitar a natureza dada por Deus a imagem de pureza, submissão e o exercício das atividades naturais como cuidar da casa, do marido e dos filhos, bordar e costurar.

Caetité, 5 de Abril de 1914.

Sissinha

[...] Estamos no começo da semana santa, hoje, domingo de ramos à missa foi muito concorrida e assim tem sido as vias-sacras que terminam com uma bonita pratica.

Apezar de termos aqui muitos padres não foi possível fazer uma boa semana santa como todos desejavam, por falta de dinheiro. [...].

Adeus, abraça-lhe muito saudosa a Irmã muito amiga pelo coração Tilha.<sup>72</sup>

Caetité, 1º de Maio de 1916.

[...] Hoje **começamos novenas do mez de Maria**, a igreja de S. Benedito apesar de pequena tem a vantagem de ser mais facil para se enfeitar e illuminar. **A minha novena que será depois d' amanhã já estou projetando como hei de fazel-a.** [...].

Aceite saudades de todos, beijos em Edivaldo que abenço.

Saudosa abraça com affecto a Irmã muito amiga.<sup>73</sup>

Segundo Hahner (2012, p.48) “a própria Igreja Católica embora também procurasse restringir a atuação das mulheres à esfera privada, fornecia-lhes um espaço de atuação para

<sup>72</sup> HERSÍLIA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 5 de Abril de 1914. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

<sup>73</sup> HERSÍLIA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 1º de Maio de 1916. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

além das paredes de casa”. Em várias cartas de Celsina Teixeira, existe a presença de uma forte ligação da família, sobretudo das mulheres, com a igreja Católica.

Caetité, 5 de Abril de 1916.

Nenem

[...] O Bispo já começou o concerto da cathedral, está derrubando a parede da sacristia, onde o padre se reveste. As missas agora são celebradas na igreja de S. Benedito para onde já foi o órgão. [...]

Com carinho abraça-lhe e ao querido Edivaldo a irmã mt<sup>o</sup>. am<sup>a</sup>. Evangelina.<sup>74</sup>

Caetité, 9 de Abril de 1916.

Celsina

[...] Hoje fomos a missa na Capella porque a Igreja está em conserto. [...]. V. e Edivaldo aceitem um saudoso abraço e a benção de sua mãe mt<sup>o</sup> am<sup>a</sup>.

Anna S.T.<sup>75</sup>

Caetité, 1<sup>o</sup> de Maio de 1916.

Nenem

[...]. A semana santa aqui não teve nada demais, somente os actos acostumados: a missa de Ramos, sermão sexta-feira e missa de Paschoa ás 4 horas da madrugada e ás 8 horas o Bispo celebrou na igreja de S. Benedicto e deu ordem de diácono ao irmão.

- Carmita fez a primeira communhão no dia 19 de março e a segunda domingo de Ramos [...].

Abraça-lhe e a Edivaldo a irmã m.t<sup>o</sup> amiga.

Evangelina.<sup>76</sup>

Celsina foi educada nos preceitos da Igreja católica e não se descuidou da formação religiosa e cristã do seu filho Edivaldo. Desde cedo, mesmo contra a vontade do filho levava-o com ela às missas. E quando ele foi estudar no Colégio Padre Antônio Vieira de Salvador, no regime de internato, continuou sempre atenta à educação dele que abrangia a aprendizagem das matérias (Inglês, Francês, Geografia, Religião, Português, Latim e Aritmética) e especialmente, o cumprimento diário dos deveres cristãos aprendidos em casa e na igreja. A educação escolar dos filhos era uma das principais preocupações da mãe, daí o esforço para que estudassem nos melhores centros de ensino.

Bahia, 27 de Abril de 1924.

Querida e saudosa Mamã

Recebi a vossa carta de 17-04 que fiquei muito contente. Estou gozando saúde graças a Deus.

<sup>74</sup> EVANGELINA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 5 de Abril de 1916. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

<sup>75</sup> ANNA SPÍNOLA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 9 de Abril de 1916. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

<sup>76</sup> EVANGELINA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Caetité, 1<sup>o</sup> de Maio de 1916. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

**Eu aqui todos os dias na missa, lembro, de quando eu ia com Vosm.cê, à missa dahi do Collegio.**

**Tambem todos os dias aqui na missa eu peço a Deus pela saúde de Papai e de Vosm.cê. Oh! Como tenho tido saudades de Vosm.cê e de todos dahi. Logo que cheguei aqui tenho estudado, o mais que posso. [...].**

**[...] Os professores que me ensinam são estes: de inglez Pe. Pacheco, Francez Pe. Garnieu, que é francez,. Geo. e Rel. Pe. Pinheiro, Port. e Latim Pe. Farias, Arithimética Pe. Fourquier.**

Lembranças a todos dahi.

O filho mt<sup>o</sup> saudoso que abraça e pede a benção a sua querida e saudosa Mãesinha.

Edivaldo.<sup>77</sup>

No trecho acima assim como em diversas cartas que envia à sua mãe, Edivaldo relata a rotina do colégio interno, descreve todas as atividades escolares, destacando entre elas as obrigações religiosas de um cristão, as quais ele participava (festas, missas, confissões, orações e solenidades) conforme enfatizamos nos trechos seguintes:

Bahia, 31 de Maio de 1924.

Querida e saudosa Mamãe

Estou gozando saude graças a Deus.

**Quinta feira alguns meninos fizeram a primeira comunhão todos de branco e com velas.**

**Hontem a noite teve uma festinha aqui onde primeiro o Pe. Torrend falou e depois os meninos fizeram o discurso, dialogo, recitaram e depois o Pe. Farias cantou acompanhado com a armornia, acabado isto veio um menino pequeno com uma bandeja cheia de obsequios e elle fez tambem a sua poesia offerecendo os obsequios a nossa senhora e depois queimou-os com incenso.[...].**

**[...] O meu confessor é o Pe. Torrend porque quando eu cheguei o Pe. Cabral estava em Recife e foi o Pe. Torrend que me mandou chamar, quando fazia poucos dias que eu estava aqui e me offereceu para confessar. [...].**

Lembranças a todos que eu conheço.

O filho que pede a benção e abraça a sua saudosa e querida Mãesinha.

Edivaldo.<sup>78</sup>

Bahia, de Maio de 1925.

Querida e saudosa Mamãe

**[...]. Os estudos estão um pouco difficeis, mas com a constancia não acharei assim. Hoje começo o retiro durante tres dias o qual vou offerecer pela vossa intenção e de Papae.**

No Domingo sahi com Anisio e fui a casa de Leontina, que me disse que eu demorei de entregar a vossa carta das encommendas, porém eu não sabia e não tive por quem. Jayme deve ter vos dado as minhas noticias. [...].

Lembranças a todos.

O filho saudoso que pede a benção e abraça.

<sup>77</sup> EDIVALDO TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Bahia, 27 de Abril de 1924. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>78</sup> EDIVALDO TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Bahia, 31 de Maio de 1924. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

Edivaldo.<sup>79</sup>

Bahia, 10 de Outubro de 1925.

Querida e saudosa Mamãe

**Ao despertar pela manhã, quando corria para o banho, as cinco horas, lembrei-me do rame-rame, com que Vm.cê luctava ahi, para eu ir a missa.**

**Na missa recordando-me do vosso aniverssario, offereci pela vossa intenção um terço, a missa e a comunhão, onde com saudades, pensei que se estivesse ahi, estaria unindo as minhas orações as vossas, porém neste momento senti tambem o meu espirito transbordar de alegrias, por julgar o contentamento de todos ahi e ouvir o som de violinos encantadores.**

**As tres horas, aqui houve uma enorme festa em honra do irmão Cardoso, por ter feito 50 anos de companhia. A festa foi no pátio, que estava enfeitado de bandeiras, flores, tapetes, etc; a festa consistiu em declamações, discurso feito pelo padre Cabral, um soneto feito por um professor, um dialogo e toques de piano, violinos, flauta e violões cavaquinho e bandolim além de diversos cânticos pelos meninos e os padres, etc.**

Desejando muitas felicidades e implorando à Deus para vos dar cada vez mais paciencia o filho que muito quer e abraça. Edivaldo.<sup>80</sup>

As cartas de Edivaldo apresentam um panorama do cotidiano de um Internato Católico para meninos, pois não há menção sobre a presença de meninas no cotidiano escolar. A vida era bastante severa e devidamente planejada. Os dias seguiam uma rotina baseada em regras de disciplina e de obediência aos religiosos daquela Congregação.

Bahia, 6 de Abril de 1924.

Minha querida e saudosa Mamãe

As aulas aqui não são tão difficeis, como eu pensava porém são faceis.

As saudades cada vez augmentam, quando eu me lembro dahi de casa, do Collegio, dos meus collegas das ruas de Caetité, do largo do alegre onde os rapazes jogavam bola; e enfim de tudo dahi. [...].

**Aqui todas as quintas feiras os meninos vão dar passeios e nos bondes elles podem comprar doces, queimados e tudo que apparece. [...] Aqui a gente pode escrever, o dia que quizer. No dia 29 de Março eu e alguns Congregados fomos com o director da Congregação para ver um navio, que trazia toda a exposição da Italia, porém tinha tanta gente, que não podemos ir vê-lo.**

Lembranças a Mathilde, a Cristina, Maria, Joanna, Manoel e todos dahi.

O filho muito saudoso que pede a benção.

Edivaldo.<sup>81</sup>

Bahia, 13 de Abril de 1924.

<sup>79</sup> EDIVALDO TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Bahia, Maio de 1925. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>80</sup> EDIVALDO TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Bahia, 10 de Outubro de 1925. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>81</sup> EDIVALDO TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Bahia, 6 de Abril de 1924. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

Saudosa e querida Mamãe

Saude e felicidades é, o que peço sempre a Deus para todos dahi. Tenho gostado mtº do Collegio mesmo do passadio que é mtº bom. **Os recreios aqui são bem divertidos principalmente os de depois do almoço e de depois do jantar.** Eu desde que cheguei aqui, não tenho estranhado nada, a não ser as saudades que são demasiadas, é o que não me deixa gostar mais do Collegio. **Eu agora estou de ferias da Semana Santa. Hoje aqui houve uma solemne partida de barra bandeira jogada pelos menores, tendo dois partidos: o azul e o vermelho; levaram mtº tempo jogando até que o azul ganhou este recebeu os prêmios, que o Pe. tinha promettido ao partido, que ganhasse. A partida foi assistida pelos maiores que torciam muito. Hoje fomos dar um passeio a Amaralina que gostamos muito e amanhã diz o Pe que ha outro e que os meninos, que quizerem tomar banho salgado, podem tomar. Eu aqui tenho sahido varias vezes com Anisio ou com Chico Pires. [...]**

Tenho recebido as vossas cartas. [...]. Ahi vae o retrato do Cardeal Belarmino para vosm.cê. Lembranças a todos dahi.

O filho que pede a benção a sua estimada Mãesinha do coração.

Edivaldo.<sup>82</sup>

As atividades diárias eram realizadas em conjunto pelos jovens e se caracterizavam por uma regularidade. Havia hora para acordar, tomar banho, participar da missa, fazer as refeições, confessar, assistir as aulas, estudar e dormir. As famílias acompanhavam o desempenho dos estudantes por meio das correspondências ou das visitas semanais. Também eram permitidas algumas atividades de lazer como partidas de futebol e passeios na praia com os padres da Congregação e os demais colegas do colégio interno.

Após a Primeira Guerra Mundial, especialmente no decorrer da década de 1920, muitas transformações que ocorreram nos países da Europa pouco a pouco, modificaram a moral, a vida cotidiana, a organização familiar e a condição da mulher. Segundo os estudos de Monlleó (2006, p.200) realizados na Espanha, esse processo implicou “o maior acesso da mulher à educação e ao trabalho”, a participação feminina em organizações para defender os direitos das mulheres e contribuiu para a formação de um “novo modelo de mulher mais livre, autônoma e com maiores responsabilidades ante a comunidade, sem dependência do homem”. Esse modelo se difundiu para vários países, inclusive o Brasil, por meio da imprensa, cinema, rádio e publicidade.

No Brasil conforme destacam Maluf; Mott (1998) e Besse (1999) as mulheres começaram a aparecer na imprensa por toda a parte. Uma crescente literatura normativa definia seus novos “deveres” como esposas, mães e donas de casa e fornecia instruções detalhadas sobre como satisfazer às exigências da modernidade. “O surgimento da mulher na imprensa refletia, [...] mudanças nos papéis femininos e expectativas nascentes que se

<sup>82</sup> EDIVALDO TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Bahia, 13 de Abril de 1924. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

aceleravam com a rápida expansão da economia urbano-industrial no decorrer do pós-guerra” (BESSE, 1999, p. 2).

Em contrapartida, várias organizações católicas leigas se multiplicavam, exigindo dos fiéis uma rigorosa adesão aos valores tradicionais oferecidos pela igreja, dentre eles a defesa dos “papéis primordiais e essenciais das mulheres [que] eram os de esposa e mãe” (Besse, 1999, p.3). Além disso, “a imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa” (Maluf; Mott, 1998, pp.374) baseada, sobretudo, na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para exercer as funções do lar.

Neste contexto, de um modo geral, as autoras ressaltam a insatisfação de intelectuais mais conservadores da sociedade e da Igreja Católica frente às mudanças propostas pela modernidade vistas como ameaças às tradicionais virtudes cristãs. Um dos grandes instrumentos da militância católica das classes médias, segundo Matos (2003, p.104) foi a Ação Católica, organização de leigos criados na Itália, em 1922 pelo papa Pio IX definindo a participação do laicato católico [...] “na difusão e atuação dos princípios católicos na vida individual, familiar e social”. Antes da década de 1920 já existia uma florescente ação social católica com diversos movimentos de leigos nas terras brasileiras. “Em 9 de junho de 1935, na solenidade litúrgica de Pentecostes, é oficialmente promulgada no Brasil a Ação Católica de Pio XI, já com seus estatutos revistos e aprovados pela Santa Sé” (MATOS, 2003, p.106-107).

Preocupadas com a má influência desses ideais modernos, as autoridades eclesiásticas mobilizaram as mulheres católicas na Espanha, a participar de atividades para “proteger a família, as obras benéficas e sociais, o ensino religioso”, e contemplar a “defesa da fé, da moral e da cultura cristãs” (MONLLÉO, 2006 p.216-217). As mulheres católicas aparecem como importantes aliadas da Igreja na transmissão “dos bons costumes e da moral” para seus maridos e filhos, no espaço privado da família e na sociedade como “defensoras públicas dos valores sociais defendidos pela Igreja” (MONLLÉO, 2006, p.198) assim como as mulheres da família Teixeira, em Caetité na carta abaixo.

Mosteiro Provincial de N.S de Caridade do Bom Pastor

Rio, 11 de Outubro de 1924.

Minha muito querida e saudosa Sissinha

Pela passagem do seu feliz aniversario, **hontem envio-lhe os meus votos mais fraternaes e affectuosos, juntamente com a minha**

**communhão, missa e todas as orações que fiz durante o dia 10, foram oferecidos por sua intenção. [...].**

Hoje, aniversário do nosso Papae e do seu querido Edivaldo, as recordações e saudades, mais avivam [...]. **Temos a grande consolação, de pela comunhão sacramental e orações, estarmos em união mais íntima com Jesus e todos os nossos entes queridos. [...].**

Durante todo este mez, farei tudo o que me fôr possível, **nas minhas comunhões e orações para alcançar de Jesus por intercessão de S. S. Virgem, a conversão do nosso querido Papae. Já fiz a novena das 3 Ave Marias e vou fazer os 7 domingos de S. José. Peçamos a Jesus, que se fôr de sua santa vontade, alcançarmos esta grande graça. [...].**

Adeus abraça-lhe com muito carinho a saudosa Irmã.

Por Maria de N. S. da Purificação Sp. Teixeira.<sup>83</sup>

Todavia, essas transformações que ocorreram no Brasil foram mais perceptíveis no cenário urbano das grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro que cresciam em ritmo acelerado enquanto o restante do país permanecia “predominantemente rural e dependente da economia agrícola de exportação” (BESSE, 1999, p.16) e as pequenas cidades ainda zelavam por princípios morais mais tradicionais. O intenso processo de urbanização que se iniciou no final do século XIX e início do século XX transformaram São Paulo e Rio de Janeiro em importantes centros comerciais e industriais.

Era nas cidades, as quais trocavam sua aparência paroquial por uma atmosfera cosmopolita e metropolitana, que se desenrolavam as mudanças mais visíveis. [...], a paisagem urbana embora guardasse muito da tradição, era povoada por uma população heterogênea, composta por imigrantes, de egressos da escravidão e de representantes das elites que se mudavam do campo para as cidades. (MALUF; MOTT, 1998, p.371).

Livros de culinária e de etiqueta, manuais de como cuidar de crianças, revistas de moda começaram a surgir no período e desenvolveram o que seria a crença de uma cultura essencialmente feminina que tinha como base a reprodução, a família, o poder, a fragilidade e a união com a natureza.

A partir do século XX a imprensa feminina começou a se desenvolver em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, destinada ao público feminino e preocupada em elaborar uma subjetividade para a mulher “moderna”. A *Revista Feminina*, uma das mais expressivas no início do século, circulou por todo país entre 1914 e 1936. Seus temas principais eram casamento, maternidade, educação e cuidados da casa, mediante um discurso que designava a casa como o lugar da mulher por excelência, associando-a sempre à subjetividade. (CATELLI, 1997, p.110).

---

<sup>83</sup> HERSÍLIA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1924. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

Celsina em sua vida se apresenta como uma cristã fiel à vontade Deus. Dentre vários acontecimentos que ocorreram em sua vida destacamos a morte de seu esposo Juca em julho de 1926, após um “martírio” que se estendeu por 11 anos e cinco meses oscilando entre raros indícios de melhora e vários períodos de agravamento no quadro da doença. Conforme observamos na íntegra, em sua carta enviada a sua prima Othilia, Celsina se apresenta, como uma cristã que cumpriu o seu “dever de esposa velando por ele [Juca] até o fim”. Ainda fragilizada pela dor, em obediência ao Senhor ela reconhece o “cumprimento da Santíssima Vontade de Deus” em sua vida.

Minha cara prima Othilia

Muito me confortou o seu cartão de pezames pelo falecimento do meu querido e saudoso Juca.

**Você mesma que já passou por igual dôr é quem pode avaliar quanta magoa e saudade me vai n’alma.** Parece, às vezes, impossível acostumar-me com tão dura realidade. Entretanto conforta-me o pensamento de que vir em tudo o cumprimento da Santíssima Vontade de Deus que sabe bem o que faz!

**Resta-me o consolo de ter procurado cumprir o meu dever de esposa velando por ele até o fim!**

**Muito tenho que agradecer a Deus, a força que sempre me proporcionou para cumprir esse dever sem o menor desanimo e impaciência. Tenho confiança de que não me faltará essa graça nessa nova “cruz” que elle me apresenta!**

**Sofreu muito o meu inditoso Juca! 11 anos e cinco mezes de martyrio, como Você bem sabe! De cama, elle levou tres annos! Este ultimo anno, elle já não movia na cama!**

**A sua natureza forte resistio quanto poude; finalmente, a paralyisia, foi invadindo progressivamente os orgãos da digestão e por ultimo a respiração e a circulação! Acabou como um passarinho, plácido e serenamente! Coincidio a morte depois de uma novena que estava rezando pela sua saúde, em que tomava uma colherinha da agua de Lourdes.**

**Acredito que N. S. de Lourdes aceitou a novena, dando-lhe a cura no outro mundo, onde espero encontral-o são e salvo!**

**Muito lhe agradeço a communhão e missa que offereceu por alma delle! Deus lhe pague a generosidade, que procurarei retribuir pelo Luiz.**

Já respondi o telegramma de Tia Sisenanda e dos primos, a quem peço transmittir mais uma vez os meus sinceros agradecimentos, com visitas e lembranças para todos.

Adeus, aceite com Raymundinho minhas saudades e abraços desta prima mto am<sup>a</sup> e grata. Celsina.<sup>84</sup>

18.8.926.

Como uma mulher católica de seu tempo, Celsina está ciente do cumprimento de seu “dever de esposa” exigido pela sociedade, pela família e pela Igreja Católica, todavia ao

<sup>84</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Othilia*. Caetité, 18 de Agosto de 1926. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

relatar com detalhes, os últimos momentos da vida do esposo deixa escapar, através da atividade epistolar, o peso da cruz que o Senhor lhe apresenta e seus sentimentos mais profundos e mais íntimos de “dor”, de “mágoa” e de “saudades” que são expressos de uma forma muito peculiar aos destinatários mais próximos a ela.

Nos trechos a seguir, acompanhamos um diálogo entre ela e sua irmã Carmita, onde ambas falam sobre esse momento de fragilidade da vida perante a morte e o sofrimento, no qual também podemos destacar uma forte ligação religiosa marcada pela satisfação no “dever cumprido e pela confiança nos dias cheios de paz e de consolação que Jesus lhe concederá” como recompensa pela dedicação de toda uma vida à missão que fora a ela reservada.

Bahia, 27 de Julho de 1926.

Querida Sissinha

**Ainda que mais ou menos esperada, a morte de Juca surpreendeu-me bastante, pois não sabia que elle tivesse piorado.**

**Envio-lhe os meus sentimentos, avaliando a sua dôr e a grande falta que elle lhe vae fazer.**

**Sirva-lhe de consolo a certeza de que, você, cumpriu, como muito poucas o teriam feito, a sua missão dolorosa.** Deus na sua infinita misericórdia, em recompensa, dará á alma de seu infeliz Juca, o descaço eterno, que sei, será o que Você mais lhe implorará agora.

**A sua recompensa está tambem na satisfação do dever cumprido e nos dias cheios de paz e consolação que Jesus lhe concederá.**

Adeus não sou mais extensa por falta de tempo. É portador desta o Prof. Pitangueiras, que segue hoje, ás 11 horas.

Abraça-lhe com muito affecto.

Sua irmã e amiga mui sincera. Carmita.<sup>85</sup>

Caetité, 18 de Agosto de 1926.

Querida Carmita

Muito me confortou a sua bôa carta de 27 do passado, **compartilhando a grande dôr que vou passando com desaparecimento do meu querido e saudoso Juca!**

Até hoje estou confundida e me parece um sonho esta triste realidade!

Tenho sentido tanta falta e saudades! Não esperava que elle fosse tão depressa! **Tinha soffrido uma crise da moléstia, mas com o costume, alimentava a esperança de melhora!**

A sua morte foi calma e serena como de uma criança! **Deus deu-me a coragem de assistil-o até o fim, ajudando a pôr a vela nas mãos. Nos ultimos momentos a expressão de sua physionomia era toda do Céu. O Padre, apesar de chamado a ultima hora, ainda chegou a tempo de absolvel-o e ungil-o.**

**Conforta-me o pensamento de que teve uma morte abençoada e feliz! A coincidência do dia, do mez, e ser depois de uma novena que fiz por sua saúde, em que tomou agua de Lourdes todos os dias, tudo me faz crer que Deus ouviu as nossas orações, dando-lhe a cura na outra vida! Resta-me o consolo de que ainda lhe poderei ser util neste mundo,**

<sup>85</sup> CARMEN TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. Bahia, 27 de Julho de 1926. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

**implorando sempre a Deus pela sua alma! E que sentido terá hoje a minha vida senão este!**

**Passei uns dias no sobrado, voltando para aqui, onde me tem sido um pouco amargas as horas de isolamento que tenho passado, sem o ente querido, a quem a minha vida era toda dedicada!**

Vou offerecendo tudo pela paz de sua alma, e espero que Deus não me faltará com a sua graça na nova cruz que elle me apresenta.

Adeus, lembranças a todos. Visita a D. Amphraysia, a quem respondi o telegramma transmittindo de V. mais uma vez os meus agradecimentos. [...].

Abraços e saudades de sua triste irmã uma mt<sup>o</sup> am<sup>a</sup>. Celsina.<sup>86</sup>

Podemos inferir que Celsina também se apresenta como uma defensora da família e da moral cristã. Por meio das cartas expressa o sofrimento e a grande dor pela morte do marido, e compartilha essa dor com todos aqueles familiares que a acompanharam durante seu “martírio”, mas revela obediência aos preceitos morais que recebeu de sua família e da Igreja durante sua vida sem perder a fé em Deus.

Sua família e ela mesma, em alguns momentos, não deixam de destacar a importância da presença da mulher ao lado do marido como “esposa dedicada” que cumpriu “a sua missão dolorosa” como manda a madre Igreja. Depois do dever cumprido ela sente “as amargas horas de isolamento”. Encontra-se fragilizada e descobre nas cartas uma forma de expressar essa tristeza e sentir o conforto de seus familiares naquele instante. No entanto, tem plena confiança de que a graça divina não lhe faltará com sua força para ajudá-la a suportar essa nova “cruz”.

[...]. Senti saber que Edivaldo tem estado adoentado, faço ardentes votos a Deus para que seja uma molestia passageira e que tratada a tempo, elle fique completamente bom.<sup>87</sup>

[...]. Senti bastante o estado de Edivaldo tem offerecido communhões novenas na intenção d’elle e de V., parece-me que N. S. lhe escolheu para ser uma alma victima pelos soffrimentos.<sup>88</sup>

[...]. Soube por Oscar, que esteve ante-hontem aqui, do seu estado de saúde, o que muito tenho sentido. Tenho pedido ao nosso Jesus, que lhe dê toda paz e tranquillidade de espirito, que V. tanto necessita. Sei bastante avaliar o que V. tem passado, porém com o espirito forte que tem, V. deve reagir, procurando se disthrair, não se entregando ao nervoso. Procure se alimentar

<sup>86</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Carmita*. Caetité, 18 de Agosto de 1926. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

<sup>87</sup> HERSÍLIA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. São Paulo, 26 de Novembro de 1926. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

<sup>88</sup> HERSÍLIA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. São Paulo, 9 de Março de 1927. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

bem e recuperando as forças perdidas e assim mais forte, V. sentirá melhorada”.<sup>89</sup>

Os trechos apresentados acima marcam bastante a vida de Celsina e tratam dos sofrimentos que ela enfrenta depois da morte do esposo Juca em 1926. Um deles é o acometimento pelos “incômodos nervosos” no início de 1927. Nesses anos turbulentos as cartas apontam alguns problemas de saúde. Hersília escreve para Celsina aconselhando-a nesse momento tão difícil de sua vida porque acredita no “espírito forte” que ela tem. Hersília também conhecida como Tilinha, é das principais correspondentes de Celsina, podemos até dizer que seja sua grande confidente, pois com ela, Celsina abre seu coração e relata o “desânimo” que sente naquele instante de “indecisão”.

Caiteté, 13 de Maio de 1927.

Minha bôa e querida Tilinha

[...]. **Muito lhe agradeço as orações que tem feito por mim e as palavras de consolação que me dirigio.**

Recebi as orações que V. e a bondosa Amiga Ir. Maria do I. Coração me mandaram, as quaes já reparti com diversas pessôas. Peço-lhe a e a todas as bôas Irmãs que não se esqueçam de minhas intenções em suas bôas e valiosas orações. **Com o nervoso fiquei numa indecisão e com tanto temor que não sei o que faço!** Penso ter offendido muito ao bom Deus!

**De tudo scismo, das menores cousas! Tem horas que sinto um desanimo!... Parece que me falta tudo... Ao mesmo tempo, a cabeça pesa muito! Tem horas que sinto arrepios. A principio acharam minha molestia parecida com a sua, mas peso que a sua foi mais rapida! Recordo - me de toda a minha vida e fico a fazer ligações com o presente!...**

**-Edivaldo depois que chegou à Bahia, sentio-lhe adoentado, queixando-se dos mesmos incommodos!** Na ultima carta queixou-se de indisposição.

Nesta carta, elle contava a semana santa que houve no collegio e fallava da morte do bondoso Pe. Santos! Temos o consolo que elle está no céo. Recebendo o prêmio de uma vida toda consagrada à Gloria de Deus e salvação das almas. [...].

Adeus, querida irmã, abraço a com saudades e carinho fraternal a irmã mt<sup>o</sup> am<sup>a</sup> in *Corde Jesú*. Celsina.<sup>90</sup>

Deus seja bemdito.

Os “incômodos nervosos” deixaram Celsina muito preocupada e indecisa quanto aos próprios rumos que deveria tomar em sua vida e na carta enviada a sua irmã Tilinha ela agradece-lhe as “boas e valiosas orações” pela saúde dela e do filho Edivaldo. Além disso, ela recorda “de toda a sua vida” e estabelece “ligações com o presente” e procura em Deus

<sup>89</sup> HERSÍLIA TEIXEIRA. *Carta para Celsina*. São Paulo, 18 de Abril de 1927. Série: Correspondências recebidas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC.

<sup>90</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Hersília*. Caetité, 13 de Maio de 1927. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [**grifos nossos**].

respostas para compreender aquele sofrimento. É um momento íntimo de busca pelo sentido da vida sob observância do cumprimento ou não, dos preceitos da fé Católica.

A influência da religião católica foi decisiva para reforçar em Celsina seu papel de boa esposa e sua função feminina tradicional no cuidado do marido e poder estar ao lado dele até seus últimos dias de vida. E mãe dedicada que educou seu filho nos preceitos morais e religiosos. Todavia, tornou-se também um importante instrumento para a inserção dela nas atividades pastorais (Apostolado da Oração, Catequese) e na liderança de uma associação beneficente (ASC), influenciando outras mulheres da elite a participar no âmbito público da sociedade por meio da prática da caridade.

A formação religiosa de Celsina e sua relação com a igreja significaram para ela uma motivação para entrar no âmbito público e assumir um protagonismo em relação às demais mulheres de Caetité. Sua formação religiosa e sua forte ligação com a igreja podem ser compreendidas sob o ponto de vista da responsabilidade humana em defesa de dignidade para as mulheres na sociedade, e por que não dizer, inclusive, de igualdade da identidade feminina em comparação com a identidade masculina? Ela fala de uma postura de igualdade na sua correspondência que trata do sofrimento do seu marido e da relação com seu filho tal como vimos acima.

#### 4.2.5 Atividades de uma mulher da elite: a fundação da Associação de Senhoras de Caridade

Nogueira (2010, p.121) afirma que “no cenário urbano, as mulheres de estatuto social privilegiado podiam se afastar das atividades domésticas por contar com os serviços de outras mulheres na lida da casa”. E como Celsina, essas mulheres da elite ainda estavam presentes nas formas de administração financeira dos negócios da família. “Há registros de mulheres proprietárias que, residindo na cidade, passavam períodos na fazenda, que exercitavam no espaço doméstico inicialmente, as estratégias de negociação e depois iam expandindo-as para outras esferas produtivas das suas propriedades”.

Quanto ao trabalho doméstico, o estudo de Ribeiro (2012, p.57) mostra que Celsina Teixeira, também usufruía da comodidade de ter muitas empregadas, uma para cada tarefa específica como podemos verificar na tabela de despesas de 1916 retirada do “livro de receitas e despesas”<sup>91</sup> onde constam várias ocupações como “lavadeira, gomadeira, curraleiro, cozinheira, aguadeira, camaradas, vaqueiros e encarregado”. Além dos registros de substituição de empregadas da casa, de pagamentos aos (as) empregados (as) por serviços

---

<sup>91</sup> A lista de despesas é apresentada pelo autor no trabalho citado.

diversos realizados na fazenda e na cidade, e ainda detalhes de negociação de alguns adiantamentos que podem ser encontrados no caderno de “creados de 1915” (RIBEIRO, 2012, p.150-151).

No início do século XX, mulheres instruídas surgem como personagens importantes na liderança de movimentos sociais e entidades filantrópicas no Brasil Republicano. Essas associações beneméritas eram um dos locais de encontro de mulheres brasileiras para discutirem questões relacionadas ao bem comum e ao próprio sexo. A participação de mulheres de elite em entidades filantrópicas, nas primeiras décadas do século XX era uma forma de acesso à esfera pública.

Estudos atuais vêm trazer novas luzes sobre o sentido da participação feminina em atividades filantrópicas como uma área nova que as mulheres abriam para participar da vida pública, enquanto a política lhes era interdita [...] as associações beneméritas do início do século XX não estavam mais presas às lideranças religiosas, principalmente padres e isso foi relevante para deixar as mulheres mais livres em suas ações. (NOGUEIRA, 2010, p.145-46).

Em Caetité, Celsina se apresentará assim na direção e presidência de uma Casa de Caridade fundada por ela em 1919 (junto com outras mulheres de sua família).

Foi realizada, **uma reunião, nos dias 19/01/1919** na casa de D. Alzira Lima **que tratou de assumptos referentes a uma associação de beneficência, tendo por objetivo a caridade**, conforme o projeto de estatutos que foi apresentado [...]. Depois foi feita a eleição para os diversos cargos indicados no Estatuto. **Foram proclamadas eleitas: Presidente – Celsina Teixeira Gomes Ladeira, Vice – Anna Spínola Teixeira<sup>92</sup>, 1ª Secretária – Hersília Spínola Teixeira<sup>93</sup>, 2ª Secretária – Anna Antunes Teixeira, Tesoureira – Alzira Teixeira Rodrigues Lima<sup>94</sup>; Conselheiras – M<sup>a</sup> da Glória Barreto de Castro, Anna Tereza Barreto de Carvalho e Sophia Lacerda Teixeira.<sup>95</sup>**

Conforme podemos observar, o trecho acima trata de uma reunião composta por mulheres para a fundação da Associação de Senhoras de Caridade - ASC, da qual consta em ata com dezessete assinaturas e um Estatuto bem escrito e organizado que incluía entre seus objetivos: “visitar doentes pobres em seus domicílios, manter assistência aos órfãos, desvalidos e inutilizados” (NOGUEIRA, 2010, p.143). A Associação envolveu a participação direta de mulheres da família Teixeira e outras senhoras de elite da cidade de Caetité. As

<sup>92</sup> Mãe de Celsina, 3ª e última esposa de Deocleciano Pires Teixeira.

<sup>93</sup> Irmã de Celsina, filha de Anna Spínola Teixeira e Deocleciano Pires Teixeira.

<sup>94</sup> Irmã e prima de Celsina, filha de Maria Rita de Souza Spínola: 2ª esposa de Deocleciano Pires Teixeira.

<sup>95</sup> Caetité, 19 de Janeiro de 1919. Acta da sessão organizadora da “Associação das Senhoras da Caridade”. Livro de Atas: 1919 a 1940. [grifos nossos].

sessões ordinárias eram realizadas mensalmente nas casas das sócias para as devidas deliberações da Diretoria.

Em seguida, observamos na carta, que Celsina escreve ao Conselheiro da Associação, o Dr. Braulio, na qual ela fala sobre sua atuação à frente da ASC e presta contas dos gastos e se refere a alguns serviços oferecidos pela instituição beneficente aos “pobres, enfermos e desvalidos” da cidade de Caetité:

Urge actualmente um bom auxilio para que a nossa Associação consiga realizar o seu fim que é a fundação de ‘Santa Casa de Caridade’. **Ha muitos annos que venho dirigindo esta Associação, que graças a Deus, vae cumprindo a sua finalidade em auxiliar aos pobres, enfermos e desvalidos.** Quase todos os dias mandamos enviar receitas para os doentes pobres, e sempre estamos auxiliando com esmolas avulsas em dinº e roupas a mtos pobresinhos que procuram nossa Associação. Desde 1924 demos começo á Construcção da Casa de Caridade, onde já gastamos Rs 30:000\$000 estando toda a casa levantada, coberta e com portas e janellas. A casa tem duas grandes enfermarias, que comportam 20 doentes cada; quartos para pensionistas; salas de entrada; de medico; de administração; dependencias: refeitório, cosinha, despensa, rouparia e tres banheiros com installações sanitárias. A casa termina com um alpendre em roda e um pateo no centro. **Graças a Deus a boa vontade das almas generosas, os recursos tem nos vindo, para ir satisfazendo as despezas.** Todos os annos tenho mandado publicar na ‘Penna’ o balancete do anno; e a lista das pessoas que tem nos mandado donativos. Por enquanto nosso maior bemfeitor tem sido o Dr. Constantino Fraga, que por tres vezes já nos mandou Rs 15:000\$000. [...].<sup>96</sup>

Nessa correspondência, Celsina também discute os rumos da Casa de Caridade que presidiu por muitos anos fazendo uma apresentação de suas instalações ao Dr. Braulio. Tinha plena confiança em seu trabalho e conversa com ele sobre as questões administrativas da instituição. Para garantir a manutenção financeira da casa além de contar com a “boa vontade das almas generosas”, organizou com as demais sócias: vários festivais, quermesses e bingos em benefício da Associação de Caridade.

Apesar da função religiosa e caritativa, o surgimento de outras entidades semelhantes no mesmo período, em diferentes lugares do Brasil, alerta para outras questões relacionadas à chegada do “progresso” na cidade. Nesta mesma linha de raciocínio, Ribeiro (2012) ressalta que não se deve desconsiderar “a necessidade de controle sobre as ‘classes pobres’ em virtude do quadro social de crise econômica e social” instaurado na região naquele período.

---

<sup>96</sup> CELSINA TEIXEIRA. *Carta para Braulio*. Caetité, 1º de Abril de 1929. Série: Correspondências enviadas. Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. [grifos nossos].

A presença avultada de “mendigos” e “vadios” em Caetité, nas primeiras décadas da República, era incompatível com os ditames do progresso para a cidade moderna, então em voga no período [...]. Desta forma, a criação da A.S.C. esteve na esteira deste pensamento, visto que sua criação foi bem recebida por setores da elite caetiteense [...]. Diante desta aceitação, a criação da entidade não pode ser dissociada de um projeto político encabeçado por Celsina e com a participação de outras mulheres da família Teixeira. (RIBEIRO, 2012, p.173).

A participação feminina em atividades filantrópicas foi muito significativa, pois representou uma oportunidade de inserção social e abriu novas possibilidades às mulheres para participarem da vida pública, enquanto a política lhes era interdita.

A historiografia brasileira reconhece a importância da participação das mulheres de elite em entidades filantrópicas, nas primeiras décadas do século XX, como forma de acesso à esfera pública, mas tem dado pouca atenção ao tema, ou ainda considerado esta atividade como menor. Em geral, é vista como uma forma das mulheres combaterem a existência tediosa e inútil, exercitarem os talentos e despenderem as energias ou como um subterfúgio para adquirirem responsabilidades fora do lar. (MOTT, 2001, p.201).

Em relação à Associação de Senhoras de Caridade fundada em Caetité, a “filantropia [também] deve ser pensada como parte integrante das relações e ações estabelecidas por mulheres da elite caetiteense”, (RIBEIRO, 2012, p.171) em prol do desenvolvimento e do progresso da cidade. Basta lembrar a atuação de Celsina Teixeira e de outras mulheres da mesma família à frente do projeto e depois “a adesão de mulheres comunidade [solteiras e viúvas] de outros estratos sociais de Caetité como professoras e pessoas da que, mesmo não possuindo grandes posses fizeram-se presentes com os seus trabalhos voluntários” (NOGUEIRA, 2010, p.143).

A participação das mulheres de elite nessas associações lhes proporcionou uma nova inserção na vida social. Ainda que de um ponto de vista conservador, sob o ideário da responsabilidade da mulher quanto à sua “missão civilizadora”, estas atividades abriram oportunidades de atuação fora do espaço doméstico, já que a participação nessas associações propiciava a formação de novas redes de relações. [...]. Os anos de 1920 observam a um crescimento das atividades assistenciais ligadas à Igreja Católica, tendo nas mulheres das famílias de elite a base de sua militância. (CATELLI, 1997, p.53).

Nesta mesma linha de pensamento, Aguiar (2011, p.48-49) também nos lembra que “a Associação de Caridade - ASC - deve ser entendida como uma extensão política de atuação dos Teixeira em Caetité, com a participação feminina mais acentuada”. A Associação significou uma importante inserção das mulheres no âmbito público sob a liderança de Celsina Teixeira. É aqui também onde se manifesta, ao lado do papel ativo de Celsina

referente aos negócios da família, a sua faceta pública, esse novo papel feminino que busca o protagonismo social no campo público e extradoméstico. Mas também está presente uma visão tradicional das funções das mulheres. E até mais, porque com a prática da caridade, ela abriu o caminho ao protagonismo social (fora do âmbito doméstico) para as outras mulheres por meio da sua atividade na Associação de Senhoras de Caridade; por conseguinte a assunção de novos elementos do gênero feminino embora ela não fosse consciente disso (nem a associação nem as outras mulheres perceberam esse fato).

## **5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA E DA HIPÓTESE CENTRAL DE TRABALHO**

Os estudos das mulheres foram por muito tempo relegado aos bastidores da produção científica moderna, mas atualmente vêm despontando com o desenvolvimento de diversas pesquisas, principalmente a partir das contribuições teórico-epistemológicas do Movimento Feminista, dos estudos das mulheres e das relações de gênero que destacaram a importância de escrever sobre histórias de vida de mulheres (as mais diversas) como Celsina Teixeira.

A reconstrução da trajetória de Celsina Teixeira foi possível a partir da análise qualitativa de suas “memórias” registradas em sua correspondência pessoal, especialmente, entre os anos 1916 e 1926. Ao longo da análise das categorias destacadas na correspondência pessoal dela discutimos como a família, a educação, o casamento, a Igreja Católica e a prática da Caridade participaram da construção das identidades de gênero, em especial, o feminino. Buscamos trazer à tona algumas das principais influências desses espaços na formação do gênero feminino, ou seja, na construção dos papéis e dos comportamentos de uma mulher da elite em Caetité.

Durante séculos de nossa história, se acreditou que toda a contribuição da mulher para com a sociedade seria a de ser esposa e mãe, “a rainha do lar” tendo o espaço doméstico sob seu governo. A mulher era vista como “inferior ao homem”. Cuidar da casa, dos filhos e do marido, configurava-se como atributos da mulher no Brasil desde o tempo de Colônia. Observamos em trechos das cartas de Celsina o enaltecimento dos papéis femininos de mãe e de esposa de acordo com os valores tradicionais e patriarcais que caracterizavam a sociedade na época. Nesse sentido, pudemos constatar que a construção da identidade de gênero feminino teve como principal alicerce a formação tradicional na família e na educação elitizada.

Todavia, foi essa formação tradicional que permitiu que Celsina aparecesse no espaço público (considerado masculino) e na administração dos negócios para além do espaço doméstico. Em outras palavras, permitiu a ela romper com alguns modelos tipicamente femininos assumindo novos papéis de gênero como mulher de negócios, líder de Associação de Caridade.

Em termos gerais, a educação elitista e a formação intelectual que Celsina recebeu da família, da Escola Normal e da Igreja Católica foram responsáveis pelo “rompimento” de papéis tradicionais impostos às mulheres na época. A sua atuação mais ativa na administração

dos negócios foi perceptível, desde o início do casamento, e continuou durante o período de doença do marido.

Na família, Celsina recebeu uma educação moral e religiosa que implicou num aprendizado prático realizado primeiramente com a mãe no espaço doméstico, e depois no aprendizado formal com o ingresso na Escola Normal de Caetité aos treze anos de idade. Na época, é notório o papel relevante das Escolas Normais tanto para formação profissional das mulheres de elite quanto na sua elevação cultural por meio da educação artística e literária, sem descuidar, contudo, da educação dos filhos e da preparação para o lar.

Segundo Maluf; Mott (1998, p.373-374) baseando na crença de uma “natureza feminina”, a função mais importante do sexo feminino estava voltada para o desempenho das funções na esfera privada. “O lugar da mulher é o lar, e a sua função era casar e gerar filhos [...]. Dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar; nem para os homens dentro de casa, já que a eles pertencia a rua e o mundo do trabalho”. Essa imagem correspondia ao que era ensinado pela família, pela Igreja e pela sociedade.

No início do século XX, a profissionalização da mulher no exercício do magistério foi, aos poucos, tornando-se bem vista pelos olhares masculinos porque ser professora era uma extensão da função materna de educar. As professoras tinham assim como as mães, o papel de zelar pela “moral e os bons costumes”. Ao longo do século, a expansão do ensino feminino também esteve vinculada ao surgimento de um grande número de Congregações Religiosas no país preocupado com a formação moral das jovens solteiras.



**Imagem 04:** Celsina e Juca. Acervo Arquivo Público Municipal de Caetité [autoria desconhecida, s/d].

A Igreja Católica, principal espaço de circulação social feminino, procurou limitar a atuação das mulheres ao ambiente doméstico reforçando a importância das figuras da mãe dedicada e da esposa fiel a exemplo de Maria mãe de Jesus, pois concebia o matrimônio como o caminho natural da mulher. Uma moça de família, que contraía casamento, deveria ser sempre dócil, gentil e submissa. À mulher casada os cuidados domésticos e da família. Por outro lado, a participação atuante na Igreja também forneceu às mulheres oportunidades de maior participação pública (mesmo que restrita às funções do cuidado e da evangelização). Desde o início a presença maciça de mulheres se destacou na Igreja, exercendo várias funções conforme atestam as atividades pastorais: virgens, viúvas e mulheres consagradas às obras de caridade e à catequese de crianças e jovens.

A expressiva participação feminina em atividades filantrópicas representou uma possibilidade de atuação da mulher na vida pública por meio da organização de festivais, quermesses e bingos beneficentes. Para Celsina, a caridade tornou-se um importante instrumento de inserção no âmbito público por meio da fundação e da liderança (por anos consecutivos) da Associação de Senhoras de Caridade para atender pobres, enfermos e desvalidos. Além da atuação de Celsina Teixeira e de outras mulheres da mesma família, a Associação contou com a adesão de mulheres da comunidade [solteiras e viúvas] de outros estratos sociais de Caetité. É ali onde ela abre mais seu próprio espaço e onde ela assume novas funções.

A identidade de gênero desenvolvida por Celsina conjuga elementos tanto dos papéis tradicionais das identidades femininas quanto das masculinas. E na realidade, aponta para questões importantes na compreensão atual sobre discussão dos papéis e das identidades de gênero, ou dito de outra forma, para o debate teórico-epistemológico feminista, por exemplo, das teorias feministas da igualdade e da diferença. Ao longo da história, as desigualdades entre as funções desempenhadas por homens e mulheres vieram acompanhadas de uma valorização cultural das atividades masculinas, em detrimento da desvalorização do trabalho feminino. “Como o trabalho da mulher é definido pela sua função na produção e na reprodução domésticas (como cuidar de crianças, enfermos e idosos) [...] é um campo socialmente inferior e de menor prestígio social” (RADL-PHILIPP, 1993, p.44).

A partir da trajetória de Celsina, ficou nítido que a construção das identidades de gênero feminina e masculina esteve intimamente ligada ao contexto histórico e social da época, mesmo marcada por fortes traços da família patriarcal. Por isso, Celsina apresentou traços tradicionais na formação de sua identidade de gênero: foi uma filha obediente, uma cristã fiel, uma esposa dedicada, e uma mãe extremamente cuidadosa, mas tudo isso não

significa reduzir a sua participação ao espaço privado e doméstico, pois ela assumiu novas funções e é a partir daí, é elucidado seu protagonismo.

No entanto, Celsina também se inseriu na esfera pública reservada, por excelência, aos homens. Ela administrou suas fazendas, negociou o gado, viajou para outras cidades, conheceu a capital, fez investimentos em apólices para aumentar a renda familiar, liderou a Associação de Senhoras de Caridade, apesar das influências tradicionais da família, da educação, do casamento e da Igreja em sua vida como mulher da elite.

Neste sentido, consideramos que ao longo da análise qualitativa da correspondência pessoal de Celsina Teixeira e da reconstrução de sua história de vida entre os anos 1916 a 1926, foi confirmada nossa hipótese de trabalho. Podemos afirmar que ela foi construindo sua identidade de gênero misturando elementos da definição tradicional do gênero feminino com elementos de um novo papel de gênero no qual a inserção no espaço público foi relevante. Além disso, Celsina assumiu um papel ativo na organização doméstica, mas também laboral, no contexto dos negócios da família e na liderança da Associação de Caridade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou reconstruir parte da trajetória de Celsina Teixeira, por meio de suas memórias registradas em cartas pessoais. Por meio da análise da correspondência pessoal de Celsina observamos uma série de fragmentos da história de vida de uma mulher da elite nas primeiras décadas do século XX, em Caetité. A pesquisa foi elaborada a partir de um profícuo diálogo teórico-epistemológico feminista (fundamentado no campo específico de estudo das mulheres e de gênero) com as fontes documentais (cartas pessoais) e a historiografia local.

Apesar do crescimento de pesquisas sobre a vida das mulheres, o estudo das mulheres pertencentes aos grupos de elite em um contexto específico ainda se constitui em novidade na nossa historiografia regional. As reivindicações do movimento feminista foram essenciais para o desenvolvimento de um campo específico de estudo das mulheres e de gênero nos âmbitos das ciências humanas e sociais. Seu surgimento, como um movimento social e político, no final do século XVIII centralizou-se na valorização do papel da mulher na sociedade. Da efervescência do movimento em torno da luta pela igualdade de direitos entre os sexos e da crescente presença de mulheres nas academias, surgiram estudos sistemáticos sobre a condição feminina nas universidades. E, paulatinamente, o estudo das mulheres foi se constituindo como um novo e importante tema de investigação.

No âmbito dos estudos das mulheres, a categoria gênero foi usada para explicar as desigualdades entre homens e mulheres e se refere às características, funções psicológicas e sócio-culturais distintas que são atribuídas a cada um dos sexos em cada momento histórico e em cada sociedade. E sua definição foi muito importante para compreender a construção social dos papéis destinados ao gênero feminino. O debate de gênero enriqueceu nossas pesquisas no campo da história das mulheres no Brasil e no mundo contribuindo para uma reviravolta no trabalho historiográfico das últimas décadas do século XX.

No Brasil, a presença das mulheres nos trabalhos acadêmicos se expandiu, especialmente, a partir do segundo pós-guerra dando maior visibilidade às mulheres nos diversos trabalhos científicos. Este atual quadro de transformações pelas quais veio passando a História nas últimas décadas abriu o caminho para novas e as pesquisas sobre as mulheres e as famílias brasileiras.

A partir dos fundamentos teóricos e epistemológicos das mulheres e do gênero – a nossa pesquisa insere-se nessas bases teórico-epistemológicas – fizemos uma discussão metodológica, enfocando os métodos utilizados para a análise da correspondência pessoal de

Celsina Teixeira. A pesquisa analisou aproximadamente sessenta cartas pessoais para investigar como se construiu os papéis e as funções do gênero feminino nas mulheres da elite em relação à família, à educação, o casamento e à igreja por meio da análise de trajetória de Celsina Teixeira no início do século XX.

A pesquisa abriu possibilidades para a reflexão sobre algumas especificidades do universo feminino e o lugar social ocupado por mulheres da elite na cidade de Caetité. Não se tratou de negar nem tão pouco menosprezar o papel desempenhado pelo gênero feminino vinculado ao lar, ou ainda de “naturalizar” seu papel de mãe e esposa, mas perceber as nuances de uma construção histórica e social do gênero e a participação feminina nos negócios da família, pois a educação recebida na Escola Normal e no interior das famílias produziu efeitos sobre as trajetórias individuais das pessoas, especialmente de mulheres como Celsina.

Muito embora, a carta pessoal não represente uma escritura espontânea e transparente, capaz de “revelar percepções e sentimentos verdadeiros daqueles que a escreveram”, questões centrais emergiram da análise da correspondência da família Spínola Teixeira. Os estudos sobre as mulheres revelam novas possibilidades de construir outras interpretações da História a partir da experiência feminina.

A análise da correspondência de Celsina Teixeira revelou práticas e valores da sociedade caetiteense na época. Pelo fato de serem práticas inscritas no cotidiano doméstico ou na rotina familiar, tivemos uma primeira impressão de que as cartas tratavam somente na verdade de ‘nadas domésticos’, mas a nossa análise mostra elementos de novos papéis de gênero e sua importância a partir do ponto de vista teórico-epistemológico das mulheres e do gênero.

Concretamente as cartas sublinham as atividades tradicionais das mulheres, como os cuidados com o marido, os filhos, a casa e a igreja, mas também apresentaram outros pontos significativos para nossa reflexão sobre a construção social do gênero feminino, ou seja, os novos elementos referentes a construção social do papel do gênero feminino, tornando-se, assim, ponto fundamental na elaboração do nosso trabalho. Na verdade, a pesquisa ofereceu subsídios para a realização de uma nova leitura sobre o papel de gênero na História referente às influências da família, da educação, do casamento, da igreja e da caridade na formação das identidades de gênero.

Partimos da hipótese central de que Celsina Teixeira foi construindo sua identidade de gênero misturando elementos da definição tradicional do gênero feminino com elementos de um novo papel de gênero no qual o espaço público é relevante e, como ela assumiu um papel

ativo na organização doméstica, mas também laboral no contexto dos negócios da família e do seu esposo. É de forma precisa entendemos que essa hipótese central foi testada na presente pesquisa. Nesse sentido a pesquisa permite concluir a partir da apreciação das nossas categorias de análise que Celsina construiu sua identidade, misturando elementos do papel tradicional de gênero com aspectos significativos que caracterizaram um novo papel para o gênero feminino na época. Sua trajetória não se limitou ao espaço doméstico e privado, pelo contrário, esteve presente de forma bastante peculiar no espaço público.

Enfim, as discussões não se encerram por aqui, nossa linha de pesquisa contribuiu de forma significativa inserindo novas reflexões sobre a história das mulheres e das relações de gênero, mas a análise deve continuar. Posteriormente, pensamos que essa dissertação será muito importante para futuras pesquisas com outros sujeitos históricos, especialmente as mulheres porque existem muitos aspectos no universo feminino tão diverso que precisam ser mais explorados pela historiografia.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lielva Azevedo. *Agora um pouco da política sertaneja: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924)*. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local. Santo Antônio de Jesus – BA, UNEB, 2011.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. La disociación del trabajo productivo del espacio de la reproducción familiar en el desarrollo del capitalismo en Brasil. In: MARÍN, Jorge García; VÁZQUEZ, M<sup>a</sup> Begoña Gómez (Eds.). *Diálogos en la cultura de la paridad: reflexiones sobre feminismo, socialización y poder*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2012, p.193-212.

ARÓSTEGUI, Julio. Método e técnicas na pesquisa histórica. In: *A Pesquisa Histórica: teoria e método*. Trad. Andréa Dore. Bauru, SP: Edusc, 2006, p.513-536.

BASTOS, Helena C.; CUNHA, M<sup>a</sup> Teresa S.; MIGNOT. Laços de papel. In: GOMÉZ, Antonio Castillo. *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p.5-9.

BESSE, Susan K. *Modernizando a Desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CATELLI, Rosana Elisa. *Correspondência da família Pacheco e Chaves: uma análise das práticas femininas da elite paulista, 1890/1930*. Dissertação de Mestrado em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

CATELLI, Rosana. Práticas Femininas da Memória Paulista: uma leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves. *Cadernos Pagu*. (8/9). São Paulo: Núcleo de Gênero/Unicamp, 1997, p. 249-277.

CAYRES, Elizabeth Carvalho Dias. *Família Brasileira no contexto histórico e cultural*. Macaé: ERA, 2000. (Formação continuada de Conselheiros de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente).

CORRÊA, Marisa. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, Antônio A. et al. *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994, p. 15-42.

DELPHY, Christine. Patriarcado. In: HIRATA, Helena; et. al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 173-178.

DIAS, M<sup>a</sup> Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. 2 ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FÁVERO, M<sup>a</sup> de Lourdes de Albuquerque. Pesquisa, Memória e Documentação: desafios de novas tecnologias. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (Org.) *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias*. Questões para a história da educação. Campinas, SP: Universidade de São Francisco, 2000, p. 101-105.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. In: *Revista fato & versões*. n. 2. v.1. 2009, p. 3-16. Disponível em: <[www.catolicaonline.com.br/fatoeversoes](http://www.catolicaonline.com.br/fatoeversoes)>. Acesso em: 18/10/2013.

GAMBA, Susana. ¿Qué es la perspectiva de género y los estudios de género? Publicado no *Diccionario de estudios de Género y Feminismos*. Editorial Biblos, 2008. Disponível em <[www.mujiresenred.net/spip.php.article1395](http://www.mujiresenred.net/spip.php.article1395)>. Acesso em 11/03/2013.

GARCÍA DE LEÓN, M<sup>a</sup> Antonia. *Herdas y Heridas: sobre las élites profesionales femeninas*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2002.

GIDDENS, Anthony. Gênero e Sexualidade. In: *Sociologia*. Trad. Alexandra Figueiredo; et. al. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 108-116.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAHNER, June C. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M<sup>a</sup>. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p.43-64.

HALBWACHS, Maurice. *Los Marcos Sociales de La Memoria*. Trad. Manuel Baeza y Michel Mujica. España: Anthropos Editorial, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, María Jesús. *El malestar en la desigualdad*. Madrid: Cátedra, 1998.

- LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Educação, Cultura e Lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930*. Dissertação de Mestrado em História. Salvador: UFBA, 1997.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando (Coord.); SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 367-421.
- MATOS, Henrique Cristiano José. Leigos em uma Igreja Militante (1922-1945). In: *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. T. 3. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003.
- MATOS, M<sup>a</sup> Izilda S. de. Outras Histórias: as mulheres e os estudos dos gêneros: percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, M<sup>a</sup> Izilda S. de. *Gênero e Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997, p. 83-114.
- MATOS, M<sup>a</sup> Izilda S. Estudos de Gênero: percursos e possibilidades. *Cadernos Pagu*. (11). São Paulo: Núcleo de Gênero/Unicamp, 1998, p. 67-75.
- MATWYCHUCK, Margo L. Estratégias de casamento, história de mulheres e experiências de mulheres entre famílias de usineiros em Paraíba, Brasil. *Cadernos Pagu*. (8). São Paulo: Núcleo de Gênero/Unicamp, 1997, p. 211-247.
- MICHINEL, Cristina Caruncho. Ética Feminista. Unha aproximación á linguaxe da teoría feminista. In: POUSA, Luís Álvarez; RAMA, Belén Puñal. (Coord.). Santiago de Compostela: Atlántica de Información e Comunicación de Galicia, S.A, 2010, p. 13-23.
- MONLLÉO, Rosa. Moda y ocio en los felices años veinte. La maternidade moral de las mujeres católicas en Castellón. In: *Asparkía*. Investigación Feminista. 17. Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume, 2006, p. 197-228.
- MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). In: *Cadernos Pagu*. (16). São Paulo: Núcleo de Gênero/Unicamp, 2001, p.199-234.
- NOGUEIRA, M<sup>a</sup> Lúcia P. Silva. *A Norma dos “Bons Costumes” e as Resistências Femininas nas Obras de João Gumes (Alto Sertão Baiano, 1897-1930)*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo – SP, PUC, 2010.
- OCHOA, Mauricio Menjívar. Los Estudios sobre La Memoria y Los Usos del Pasado: perspectivas teóricas y metodológicas. In: OCHOA, M.; ARGUETA, Ricardo A.; MUÑOZ, Edgar S. (Eds.). *Historia y Memoria: perspectivas teóricas y metodológicas*. Cuaderno de Ciencias Sociales 135. Costa Rica: FLACSO, 2005, p. 9-28.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. O Complexo da “família senhorial” e os clãs parentais. In: *Instituições Políticas Brasileiras*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999, p. 221-254. vol. 1.
- PASSOS, Elizabete Silva. (Coord) et al. *Catálogo de pesquisas e pesquisadoras (es) sobre mulher e relações na Bahia*. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher - NEIM, 1997.
- PERROT, Michelle. A vida em família. In: PERROT, Michelle; et. al. *História da Vida Privada*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. vol. 4.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M<sup>a</sup>. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.

PIRES, M<sup>a</sup> de Fátima Novaes. *Fios da Vida: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertões de Sima - BA (1860-1920)*. São Paulo: Annablume, 2009.

PRADO, M<sup>a</sup> Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação Feminina no Debate Público Brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M<sup>a</sup>. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 194-237.

RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. A modo de introducción: aspectos epistemológicos de las investigaciones de las mujeres y del género. In: RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. (Ed.). *Investigaciones actuales de las mujeres y del género*. Santiago de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010, p. 9-21.

RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. Diferencias de Género, empleo de las Mujeres y el nuevo rol de género femenino. In: RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. (Ed.). *Investigaciones actuales de las mujeres y del género*. Santiago de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010. p. 91-107.

RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. Feminismo e Conocimiento. Implicaciones epistemológicas para los estudios de las mujeres y del género. In: MARÍN, Jorge García; VÁZQUEZ., M<sup>a</sup> Begoña Gómez (Eds.). *Diálogos en la cultura de la paridad: reflexiones sobre feminismo, socialización y poder*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2012, p. 17-33.

RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. La nueva identidad del género femenino en los debates de la televisión. In: RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>; GARCIA NEGRO, M<sup>a</sup> Carme. (Eds.). *As Mulleres e os Cambios Sociais e Económicos*. Santiago de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 1995, p. 77-96.

RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. Derechos Humanos y Género. In: *Cadernos Cedex*. Campinas, vol.30, mai-ago. 2010, p.135-155. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 22/11/2012.

RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. Feminismo y Conocimiento de las Mujeres y del Género: recordando su historia particular. In: *História, Memória e Educação*. LOMBARDI, José C.; CASIMIRO, Ana Palmira B. S.; MAGALHÃES, Livia Diana R. (Org.). Campinas: Alínea, 2011, p. 175-194.

RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>. La nueva definición del rol femenino. In: RADL PHILIPP, Rita M<sup>a</sup>; GARCIA NEGRO, M<sup>a</sup> Carme. (Eds.). *A muller e a súa imaxe*. Santiago de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 1993, p. 29-52.

RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. In: *Cadernos Pagu*. Trajetórias do gênero, masculinidades... (11). São Paulo: Núcleo de Gênero/Unicamp, 1998, p. 89-98.

RIBEIRO, Marcos Profeta. As ambições de uma vida própria: documentação, sujeitos e pesquisa histórica no Alto Sertão da Bahia. In: PIRES, M<sup>a</sup> de Fátima N.; RIBEIRO, Marcos P.; MARQUES, Zélia. (Org.) *História e Memória: estudos sobre os sertões baianos*. Salvador: EDUNEB, 2012.

RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927)*. São Paulo: Alameda, 2012.

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: uma perspectiva psicossocial. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v.20, n.2, 2007, p.290-295. Disponível em: <[www.scielo.br/prc](http://www.scielo.br/prc)>. Acesso em: 05/12/2012.

SALOMON, Marlon. *As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SAMARA, Eni de Mesquita. A Família no Brasil: história e historiografia. *História Revista*. (2): jul/dez. 1997a, p. 07-21.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o Poder e a Família – São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SAMARA, Eni de Mesquita. A História da Família no Brasil. Família e Grupos de Convívio, *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero, ANPUH, 1988-89, p. 7-35. vol. 9.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, M<sup>a</sup> Izilda S. de. *Gênero e Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997b.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-95.

SILVA, Pedro Celestino da. Notícias Históricas e Geográficas do Município de Caetité. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, nº 58, Seção Gráfica da Escola de A. Artífices da Bahia, 1932.

SIMÕES, Fatima Itsue W.; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. In: *Revista Vozes dos Vales*. Publicações Acadêmicas.

SOIHET, Rachel. A Conquista do Espaço Público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M<sup>a</sup>. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 218-237.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 54. São Paulo, 2007, p. 281-300.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História: ensaios e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-296.

TERUYA, Marisa Tayra. A Família na Historiografia Brasileira: bases e perspectivas teóricas. *Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Belo Horizonte, 2000. p. 1-25.

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. Minas Gerais, 2012: p. 1-25. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>>. Acesso em: 20/10/2013.

## **Fontes documentais**

### **Arquivo da Associação das Senhoras de Caridade de Caetité**

Livro de Atas da Associação de Senhoras de Caridade de Caetité 1910-1940 – ASC

Ata da Sessão Organizadora da Associação de Senhoras de Caridade. 19/01/1919.

### **Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC**

Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Celsina Teixeira  
Série: Correspondências pessoais  
Caixas: 1 e 2

Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Edivaldo Teixeira Ladeia  
Série: Correspondências pessoais  
Caixa: 1

Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Anna Spínola Teixeira  
Série: Correspondências pessoais  
Caixas: 1

Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: José Antônio Gomes Ladeia  
Série: Correspondências pessoais  
Caixas: 1